

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**ISOTTA NOGAROLA:**

**A HUMANISTA QUE A HISTÓRIA ESQUECEU**

**(1418-1466)**

**CONTRIBUTO PARA UMA VISÃO SOBRE O HUMANISMO FEMININO**

**RENASCENTISTA**

**Paula Cristina Pontes Rodrigues**

Dissertação

Mestrado em História

Especialidade em História Medieval

**2014**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE LETRAS**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**ISOTTA NOGAROLA:**

**A HUMANISTA QUE A HISTÓRIA ESQUECEU**

**(1418-1466)**

**CONTRIBUTO PARA UMA VISÃO SOBRE O HUMANISMO FEMININO  
RENASCENTISTA**

**Paula Cristina Pontes Rodrigues**

Dissertação orientada pela

**Professora Doutora Maria Manuela Santos Silva**

e pelo

**Professor Doutor André Filipe Veloso Nunes Simões**

Mestrado em História

Especialidade em História Medieval

**2014**

Ao Amílcar, *mon unique*,  
cujo amor possui a essência capaz de fazer germinar as sementes dos meus sonhos

*“O silêncio era a tal ponto recomendado às mulheres que chega a parecer estranho que elas conseguissem falar”*

**Margaret King**



## **AGRADECIMENTOS**

Nenhuma obra nos pertence por inteiro, pois em cada realização nossa existe sempre um contributo alheio, seja ele um conselho, uma sugestão, uma correção, um incentivo, uma palavra de conforto ou um abraço silencioso no final de um dia “difícil”. Assim, no final desta viagem, importa olhar para trás e agradecer a todos aqueles sem os quais esta aventura não teria sido possível, e que nos ajudaram a chegar a bom porto.

E foram muitos os que contribuíram para que este sonho se realizasse, fossem eles mestres ou mentores, colegas, amigos sinceros ou os inquilinos do meu coração.

Começo por agradecer a João Rodrigues, meu pai mas também o meu primeiro mestre e mentor, pela sua imensa sabedoria e por me ter transmitido o gene da curiosidade e da ânsia do conhecimento, assim como a sua paixão pela História. Se não tivesse tido um progenitor com uma sede inesgotável de cultura, capaz de encontrar a resposta para todas as minhas perguntas, nunca teria crescido com o objectivo de “quando for grande quero saber tantas coisas como tu”.

E porque o prazer da conquista de uma montanha não reside na chegada ao cume, mas sim no que se desfruta ao longo da escalada, quero agradecer a todos aqueles que me acompanharam nesta caminhada, que não se fez sozinha. Aos meus colegas e amigos – os “meus meninos e meninas” que ignorando a diferença de gerações me aceitaram como uma deles – e cuja camaradagem demonstrada ao longo da licenciatura me fez descobrir a excelência da geração dos meus filhos (que é tudo menos “rasca”) evidenciada na inteligência, na capacidade argumentativa, nos dotes de perspicácia, em suma, na generosidade dos seus corações e no brilhantismo das suas mentes, os meus mais sinceros agradecimentos por terem sido a minha inspiração, a minha motivação e a minha fonte de alegria. Por tudo o que me deram, por tudo o que me ensinaram e pelos momentos inesquecíveis que passei na vossa companhia, agradeço-vos: Tânia, Marta, Bárbara, Olinda, Nelson, Jorge, Marco, Miguel, Gonçalo, André, Débora, Ariana, Crina, Ana, Vasco, Iva, Nuno, Edgar, João, Beni, Stefan, Sara, Daniel e ... à Madalena e ao Ernesto, pelo extraordinário exemplo de inteligência, amor e companheirismo que nos proporcionaram.

Seguidamente, quero agradecer aos meus mestres da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que tão bem souberam desempenhar a sua tarefa de, não só

transmitir conhecimento e promover o debate de ideias, mas sobretudo de fomentar o interesse pela investigação histórica. Neste extenso rol, quero destacar as Professoras Ana Leal de Faria, que tão bem nos soube despertar o interesse pela diplomacia e redes de poder, Ana Maria Azevedo, pelas suas saudosas aulas de História de Brasil, Teresa Nunes e o seu saber inesgotável sobre História Contemporânea e Ana Maria Rodrigues, quem, conjuntamente com Manuela Santos Silva, nos ajudou a descobrir que o papel das mulheres na sociedade medieval estava longe de ser o de uma figura marginalizada e totalmente subordinada à autoridade masculina e que nos abriu o caminho para a “descoberta” de Isotta Nogarola.

Estendemos os agradecimentos aos Professores Amílcar Guerra, pelas suas aulas apaixonantes, repletas de discussão e debate, Bernardo Sá Nogueira, pelos interessantes episódios históricos com que animava as lições de paleografia, José Varandas, pela magia do seu poder de comunicação que nos deixava presos das suas palavras, Sérgio Campos Matos, pela sua imensa sabedoria e capacidade de fazer despertar o melhor que existe em cada um de nós.

Ao diretor da FLUL, Professor Doutor Paulo Farmhouse Alberto, dirigimos um especial agradecimento pela sua contribuição inusitada para este projeto: a de nos transmitir a sua paixão pela língua latina e de nos incentivar a incluir a sua aprendizagem na licenciatura em História. Obrigada, Professor, o latim é, de facto, fácil de aprender quando, aliado ao interesse por esta língua, temos o privilégio de ter como docente alguém como o Professor André Simões. E é a ele – coorientador deste projeto – que agora dirigimos os nossos sinceros agradecimentos, pois sem o seu apoio, entusiasmo, conselhos e sábia orientação, nunca nos teríamos atrevido a fazer uma tese tendo como base uma fonte em latim.

Finalmente, e porque os últimos são os primeiros, quero agradecer à minha orientadora, Professora Manuela Santos Silva, por toda a disponibilidade e inspiração com que me presenteou ao longo deste caminho e pelo carinho, paciência e dedicação com que me orientou. Desde o dia em que assisti à sua primeira aula que soube que, fosse qual fosse o tema que viesse a eleger para a minha dissertação de mestrado, a sua orientação teria de lhe ser confiada. E se o papel do mestre é importante, não o é menos o de mentor, por isso, neste capítulo o meu agradecimento final vai para a Doutora Isabel Lousada. A ela muito devo, pois acreditou em mim quando eu própria duvidei, fez-me seguir em frente quando hesitei e nunca me deixou desistir. Faço minhas as suas palavras: “em boa companhia, tudo se faz melhor!”

Termino agradecendo àqueles que me são mais queridos, os meus quatro magníficos: ao Amílcar - meu companheiro e meu porto de abrigo - pelo tempo e atenção que este trabalho lhe roubou e pela paciência com que suportou as minhas angústias e as minhas indecisões. Aos nossos filhotes, Bruno, João Miguel e Ricardo por terem ultrapassado todas as nossas expectativas e nos encherem de orgulho em cada dia que passa. Ser mãe foi a minha maior conquista, criar homens deste calibre foi a minha maior vitória.

Por último, ao Nupi, o meu mais fiel amigo, companheiro silencioso das longas horas passadas a escrever esta tese, por encher o meu coração de um amor e de uma ternura que nunca achei possível sentir...

## Resumo

Durante o Renascimento assistiu-se em Itália ao surgimento de um novo fenómeno: o da mulher letrada, fruto de um entendimento do *ethos* que considerava o desenvolvimento intelectual e emocional imprescindível para criar o homem – e a mulher – perfeitos, e que produziu toda uma nova geração de mulheres cultas, sofisticadas e determinadas, oriundas das classes superiores.

No entanto, as poderosas famílias italianas que prezavam a cultura antiga e que providenciavam para que as suas filhas, tal como os seus filhos, recebessem uma cuidada instrução literária e até mesmo filosófica, não esperavam que estas tivessem uma vida académica e literária ativa, mas que fossem poetisas, que conseguissem expressar de forma sublime os seus sentimentos, influenciando os varões das suas famílias ou até mesmo moderando a agressividade dos seus impulsos masculinos. Em suma, não se esperava que estas mulheres “pensassem em público”.

Neste estudo propomo-nos analisar a vida e obra de Isotta Nogarola, a qual, segundo Maria José Bertolomeu Masiá, foi considerada a primeira mulher realmente culta do Renascimento e que tentou seguir uma carreira académica no meio exclusivamente masculino dos primórdios do Humanismo. Numa época pouco favorável às mulheres que tentavam escrever algo mais do que versos, esta humanista italiana conta-se entre esse escasso número de mulheres que, transgredindo as regras do silêncio imposto ao seu género, enfrentaram a solidão e o desprezo de uma sociedade que não lhes queria dar voz.

A fim de melhor compreender a importância da sua produção literária e partindo da leitura crítica da sua obra, propomo-nos contextualizá-la como uma autora feminina que esteve ativa no período formativo dos *studia humanitatis*, transmitindo simultaneamente os conceitos, referências e estilo da sua obra e traçando a trajetória da sua carreira através de dados biográficos e históricos, com o objetivo de a enquadrar na produção cultural do *Quattrocento*.

**Palavras chave:** Autoria feminina; Humanismo; feminismo; Renascimento; estudos sobre as mulheres.

## Abstract

During the Renaissance, Italy witnessed the emergence of a new phenomenon: the learned woman, as a result of an understanding of *ethos* that considered intellectual and emotional development essential to create the perfect man and woman which produced a whole new generation of educated, sophisticated and strong-minded women, coming from the upper classes.

However, the powerful Italian families who prized ancient culture and who arranged for their daughters, as well as their sons, to receive a thorough literary and even philosophical instruction, had not anticipated such an active academic and literary life for their daughters, who were expected to be poets, so that they could express their feelings in sublime ways, thus influencing their family men or even moderating the aggressiveness of their male urges. In short, it was not expected that these women could "think in public."

In this study, we will analyse the life and works of Isotta Nogarola who, according to Maria José Bertolomeu Masiá, was considered the first truly educated woman of the Renaissance and attempted to follow an academic career in the circles of the exclusively male beginnings of Humanism. In an unfavourable time to women who tried to write something more than verses, this Italian humanist is among the small number of women who, breaking the rules of silence imposed on her gender, faced loneliness and despair in a society that did not want to give them a voice.

In order to better understand the importance of her literary production and starting from the critical reading of her work, we propose to contextualize her as a female author who was active in the formative period of *studia humanitatis*, and simultaneously provide the concepts, references and style of her work, tracing the path of her career through biographical and historical data, for the purpose of outlining her in the cultural production of *Quattrocento*.

**Keywords:** Women writers; Humanism; feminism; Renaissance; women's studies.

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>I</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>IV</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>V</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1.Tema, metodologia e objetivos</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - O ROSTO FEMININO DA RENASCENÇA</b> .....	<b>7</b>
<b>1. O Renascimento feminino</b> .....	<b>7</b>
<b>2. Autoria feminina : da Idade Média ao Renascimento</b> .....	<b>10</b>
2.1. Christine de Pizan: vivendo da pena .....	<b>11</b>
2.2. <i>A Querelle des Femmes</i> .....	<b>17</b>
<b>3. O Fenómeno da mulher letrada</b> .....	<b>24</b>
3.1. Humanismo feminino .....	<b>25</b>
3.2. Silêncio virtuoso ou virtude silenciosa: O debate entre a eloquência e a castidade .....	<b>36</b>
3.3. <i>De Magnificentia</i> .....	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO II - ISOTTA NOGAROLA: biografia de uma humanista</b> .....	<b>44</b>
<b>1. O clã Nogarola: uma genealogia de erudição feminina</b> .....	<b>44</b>
<b>2. O despontar da vocação humanista</b> .....	<b>48</b>
<b>3. A calúnia</b> .....	<b>53</b>
<b>4. <i>Libreria Cella</i>: o derradeiro refúgio duma humanista quatrocentista</b> .....	<b>55</b>
<b>CAPÍTULO III - A “OUTRA” VOZ DO RENASCIMENTO</b> .....	<b>59</b>
<b>1. Uma voz inquieta</b> .....	<b>59</b>
<b>2. Desconstruindo o mito de Eva</b> .....	<b>61</b>
<b>3. A poética latina: o lado mais suave da erudição feminina</b> .....	<b>66</b>
3.1. Elegia de <i>laudibus Cyanei ruris</i> .....	<b>68</b>
3.2. Elegia sobre os louvores do campo de Cíane .....	<b>71</b>

<b>CAPÍTULO IV – ESTADO DA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE</b>	
<b>ISOTTA NOGAROLA .....</b>	<b>75</b>
<b>1. As primeiras edições da obra de Isotta .....</b>	<b>75</b>
<b>2. Os primeiros estudos críticos .....</b>	<b>76</b>
<b>3. Um caso insólito .....</b>	<b>79</b>
<b>4. Isotta no alvorecer do século XX .....</b>	<b>81</b>
<b>5. Isotta Nogarola na atualidade.....</b>	<b>82</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>91</b>
<b>I. FONTES .....</b>	<b>91</b>
<b>1. Fontes impressas .....</b>	<b>91</b>
<b>II. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>93</b>
<b>1. Bibliografia .....</b>	<b>93</b>
<b>2. Estudos Críticos .....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

“ *Les femmes n’étaient pas « en marge ». Elles n’étaient pas l’« autre »* ”<sup>1</sup>

### 1. Tema, metodologia e objetivos

A ideia de desenvolver um trabalho de investigação acerca da cultura feminina na Idade Média é um projeto que nos acompanhou ao longo de toda licenciatura em História, mas que permaneceu adormecido pelo receio de nos faltarem fontes que suportassem a pesquisa que se pretendia desenvolver, ou, por outro lado, que nos tivéssemos de cingir aos mesmos temas e figuras históricas já exaustivamente estudadas, não trazendo por isso a nossa investigação nada de novo a acrescentar ao panorama historiográfico português.

Este “monstro adormecido” ganhou um novo alento em 2012, durante o último ano da licenciatura, graças sobretudo ao seminário de história medieval, leccionado pelas Profs. Doutoradas Manuela Santos Silva e Ana Maria S. Rodrigues, e à descoberta fascinante de uma nova realidade: a de que o papel das mulheres na sociedade medieval estava longe de ser o de uma figura marginalizada e totalmente subordinada à autoridade masculina. Esta concepção generalizada de um “*Mâle Moyen Âge*”, conceito difundido sobretudo pelo historiador francês Georges Duby, deve-se à utilização quase exclusiva de documentação literária e de cariz religioso de autoria masculina, como fonte histórica para o estudo da participação feminina na Idade Média, e tem exercido uma forte influência no modo como os medievalistas têm abordado a experiência feminina.

O convite que nos foi endereçado para assistir ao Workshop *Em torno da autoria feminina (Séc. XIV-XIX)*, organizado por aquelas duas historiadoras, conjuntamente com as Doutoradas Isabel Lousada, Vanda Anastácio e Covadonga Valdaliso, constituiu um marco que importa sublinhar, pelos contributos que as comunicações nele apresentadas constituíram para uma nova visão - até então parcialmente desconhecida para nós - do que foi a autoria feminina nos séculos analisados, e em especial na idade média, o

---

<sup>1</sup> LIVINGSTONE, Amy, 1998, “Pour une revision du “Mâle” Moyen Âge de George Duby (États-Unis)”,

período sobre o qual pretendíamos que a nossa investigação recaísse. Com efeito, recorrendo à análise de fontes históricas de autoria feminina – âmbito de investigação que tem sido relativamente descurado pela historiografia tradicional - é possível vislumbrar uma outra visão da mulher medieval: uma visão que revela o seu poder e a participação feminina na sociedade.

Com a semente da inquietação a germinar na nossa mente, elaborámos um projeto, ao qual denominámos *Cultura e poder no feminino: O legado das infantas de Avis*, com o qual procurávamos redescobrir as figuras femininas que marcaram a sua época, pela forma como influenciaram os círculos culturais e de poder da Europa Medieval. A ambição de levar este sonho avante levou-nos a concorrer a uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia, mas o nosso projeto não teve o acolhimento desejado, pois as personagens históricas sobre as quais a nossa investigação iria incidir já tinham sido objecto de exaustivos estudos, levados a cabo pelos mais conceituados historiadores, pelo que qualquer eventual novo contributo vindo da nossa parte seria provavelmente irrelevante.

No entanto, a curiosidade acerca da autoria feminina na Idade Média e o interesse em aprofundar mais esta temática manteve-se. Assim, em dezembro de 2012, decidimos candidatar-nos a uma *Short Time Scientific Mission*, no âmbito da COST-ACTION Women Writers in History, para efetuar uma pesquisa relacionada com a recepção de Christine de Pizan na cultura portuguesa, a qual teria lugar na Universidade Blaise Pascal, em Clermont-Ferrand, França, sob a supervisão do Prof. Doutor Saul Neiva.

Contudo, apesar de a nossa candidatura ter recolhido uma apreciação favorável para acolhimento na referida universidade, um problema administrativo impedia a COST-ACTION de a financiar, tendo-nos sido proposto, em contrapartida, a participação numa *Training School* da Women Writers in History, a ter lugar em fevereiro de 2013, em Haia, na Holanda, onde poderíamos apresentar os resultados da nossa investigação sobre esta escritora medieval. Importa referir, que o projeto da WWIH visa a criação de uma base de dados mundial que reúna informações sobre todas as escritoras femininas do passado – desde a Antiguidade até ao início da Primeira Guerra Mundial – sobre as suas obras e as recepções das mesmas. Aos investigadores que participam neste projeto é solicitado que partilhem os resultados das suas próprias pesquisas, sendo-lhes ministrada formação para aprenderem a utilizar esta importante ferramenta, não só como instrumento de consulta, mas também como receptáculo das

suas contribuições, com vista ao enriquecimento e melhoria da informação disponibilizada ao utilizador.

Neste contexto, foi no decurso da pesquisa realizada em torno da autora medieval mais carismática e, indubitavelmente, mais conhecida de memória literária colectiva – Christine de Pizan – que “tropeçámos” nesta personagem relativamente obscura e desconhecida da esmagadora maioria dos historiadores, até mesmo daqueles cujo âmbito de investigação gira à volta do feminismo, da história das mulheres e da história do género: Isotta Nogarola.

Dada a enorme quantidade de informação que já se encontrava disponibilizada na base de dados da WWIH acerca de Christine de Pizan, em oposição à quase inexistente sobre esta humanista italiana, propusemos alargar o âmbito do nosso contributo para incluir nele esta última, o que foi aceite de imediato. Começava assim o nosso “namoro” com essa autora feminina nascida em Verona, há quase seis séculos, e o fascínio que a sua vida e a sua obra tem exercido sobre nós, não tem cessado de aumentar.

À medida que aprofundávamos a investigação sobre Isotta Nogarola, confrontámo-nos com uma constatação surpreendente: não encontramos uma única referência a esta autora em qualquer artigo ou ensaio publicado em língua portuguesa. E não nos referimos apenas a Portugal, mas a todo o universo lusófono. No Brasil, onde existem numerosos grupos de trabalho cujo âmbito de investigação abarca os estudos sobre a história da mulher, sobre a história do género e sobre o feminismo, Isotta Nogarola permanece ignorada. Luciana Calado Deplagne<sup>2</sup>, investigadora brasileira e coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais, cuja pesquisa tem incidido na literatura medieval de autoria feminina, apesar de contar com vários artigos publicados sobre esta temática, não faz, contudo, qualquer menção a esta humanista italiana em qualquer destes trabalhos.

Face a esta constatação, concluímos que urgia elaborar um estudo em português, que permitisse apresentar ao público lusófono a vida e obra desta mulher, que transgredindo as regras do silêncio imposto ao seu género, enfrentou a solidão e o desprezo de uma sociedade que não lhe queria dar voz.

---

<sup>2</sup> A sua tese de doutoramento em Teoria Literária, defendida em 2006, intitulada *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução*, apresenta a primeira tradução para português do célebre livro da autora ítalo-francesa, tendo sido publicada em 2012. Cf. PIZAN, Christine de, 2012, *A Cidade das Damas*, tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres.

Partindo da questão fundamental levantada por esta autora – a da igualdade das mulheres face aos homens – tema do debate que constitui o cerne da sua obra prima, *De pari aut impari Evae atque Adae peccato* (*Do igual e desigual pecado de Adão e Eva*, que por facilidade de compreensão, aqui traduziremos por *Diálogo de Adão e Eva*), tentaremos orientar a nossa investigação no sentido de explorar as consequências que advieram para as mulheres letradas da sua perseverança na prossecução dos seus estudos e no seu desenvolvimento cultural e intelectual, nomeadamente as acusações de desonestidade sexual de que as mulheres eloquentes foram alvo.

Existe uma mentalidade feminista na obra de Isotta? Em que medida a podemos comparar com Christine de Pizan, se é que podemos considerar esta última uma feminista? Qual é o papel desempenhado por Isotta Nogarola no contexto da *Querelle des Femmes*? Estas são outras das questões que nos propomos tentar responder.

Importa aqui salientar que o objectivo desta dissertação não é o de realizar uma biografia absolutamente original de Isotta Nogarola. As nossas pretensões são bem mais modestas e prendem-se, conforme referimos antes, com a falta de estudos em língua portuguesa que abordem o Humanismo feminino renascentista, em geral, e a figura de Isotta em particular. Com o nosso trabalho pretendemos introduzir novas perspectivas e novos temas de reflexão, incentivando novas pesquisas e auxiliando aqueles que tenham como objectivo dar continuidade aos estudos sobre a autoria feminina durante o Renascimento, centrados ou não na figura de Isotta Nogarola.

Nesta perspectiva, propomo-nos realizar uma análise crítica quer das obras publicadas até ao presente sobre esta humanista, quer de estudos que não tendo sido elaborados focando especificamente a vida e a obra de Isotta, a mencionem, inserindo-a no contexto historiográfico do Humanismo feminino renascentista, do feminismo ou da autoria feminina medieval, observando a sua mais-valia para investigações futuras.

De igual modo e no sentido de ilustrar as capacidades literárias desta mulher, tencionamos aventurar-nos na sua única incursão pelo género poético, através da edição e da tradução do seu poema *Elegia de laudibus Cyanei ruris*, apresentando-o em versão bilingue.

Relativamente à metodologia a adoptar e mesmo não se tratando propriamente de uma biografia, este trabalho adoptará uma ordem cronológica, fazendo coincidir a delimitação temporal com as datas de nascimento e morte de Isotta. No entanto, faremos um pequeno recuo no tempo, para relatar um pouco da história da família Nogarola,

essencial para a compreensão da tradição de erudição das mulheres desta nobre linhagem veronesa.

Quanto à estrutura da nossa dissertação, propomos a divisão em quatro capítulos principais com subdivisões relacionadas.

No primeiro capítulo, propomo-nos traçar o retrato do Humanismo feminino e das humanistas, para tentar entender de que forma surgiu esta nova genealogia feminina de mulheres cultas. Para o efeito, tencionamos fazer uma breve incursão pela autoria feminina na Idade Média, destacando o importante papel desempenhado pela escritora veneziana Christine de Pizan, uma das primeiras mulheres a ganhar a vida com a pena. Como as vidas desta última e a de Isotta se sobrepõem cronologicamente, a análise da obra de Christine proporciona-nos uma oportunidade de comparação entre os seus trabalhos e de teorizar sobre a influência que a escritora francesa poderá eventualmente ter exercido na humanista italiana. Enquanto as obras de Christine já se tornaram canónicas, o trabalho de Isotta em defesa da condição feminina tem recebido muito pouca atenção por parte dos investigadores medievalistas e renascentistas, assim como das feministas<sup>3</sup>. No entanto é indiscutível a importância que a sua obra aportou e que permanece como um marco na história da autoria feminina, assim como da história intelectual e da literatura em geral. Em última análise, ambas as autoras participaram ativamente na história da cultura ocidental, onde tiveram um papel predominante nos debates acerca da “natureza feminina”<sup>4</sup>.

A abordagem que nos propomos efetuar não poderá, contudo, ignorar a resposta, por parte dos autores masculinos seus contemporâneos, a esta suposta “agressão” da erudição feminina, que desencadeou uma espécie de “competição agonístico-cultural”, que em França ficou conhecida pela designação de *Querelle des Femmes*. Esta contínua discussão acerca da excelência feminina demonstra claramente o desconforto que representou, para os homens renascentistas, o elevar das vozes femininas e o seu pedido de atenção.

No capítulo seguinte debruçar-nos-emos sobre a vida de Isotta Nogarola, convertida num ícone da sua época, inserindo-a no contexto da sua família, que sempre primou por proporcionar uma educação humanista às suas mulheres, produzindo

---

<sup>3</sup> Margaret L. King é uma exceção.

<sup>4</sup> FENSTER, Thelma S., [2008], “Strong Voices, Weak Minds? The defenses of Eve by Isotta Nogarola and Christine de Pizan, who found themselves in Simone de Beauvoir’s situation”, *Strong Voices, Weak History: Early Women Writers and Canons in England, France and Italy*, Pamela Joseph Benson & Victoria Kirkham (ed.), Ann Arbor, University of Michigan, pp. 58-77, p. 59.

intelectuais femininas ao longo de várias gerações. Analisaremos o seu percurso académico, desde o seu promissor início no meio exclusivamente masculino dos primórdios do humanismo, passando pelas dificuldades sentidas pelo simples facto de ser mulher e teimar em não se remeter ao silêncio recomendado ao seu género, até ao conjunto de situações que ditaram o seu afastamento da vida pública.

A fim de melhor compreender a importância da sua produção literária, propomo-nos contextualizá-la como uma autora feminina que esteve ativa no período formativo dos *studia humanitatis*, transmitindo os conceitos, referências e estilo da sua obra e traçando a trajetória da sua carreira através de dados biográficos e históricos, com o objetivo de a enquadrar na produção cultural do *Quattrocento*. Para sublinhar a sua relevância e contextualizar devidamente o seu trabalho, importa colocar Isotta - uma voz feminina pioneira, “the voice of that gendered 'other' ”<sup>5</sup>- no despontar da Renascença, e evidenciar a sua autoridade, ao estabelecer o quadro dentro do qual as intelectuais femininas se iriam expressar nos séculos seguintes.

No terceiro capítulo refletiremos sobre a sua obra, com especial destaque para a sua obra-prima - *De pari aut impari Evae atque Adae peccato* - assim como o contexto em que se desenrolou a discussão que deu origem à mesma. Por último propomo-nos editar o seu poema *Elegia de laudibus Cyanei ruris*, no original em latim, e apresentar a respetiva tradução para português.

Finalmente, reservamos o último capítulo para a análise crítica da bibliografia sobre Isotta Nogarola. Como referimos anteriormente, acreditamos que ao dar conhecimento ao leitor das obras existentes sobre esta humanista – e sobre o Humanismo feminino renascentista, de um modo geral – estaremos a contribuir para incentivar estudos futuros sobre esta temática.

---

<sup>5</sup> NOGAROLA, Isotta, 2004, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by Margaret L. King and Diana Robin, Chicago, University of Chicago Press, p. 1.

## CAPÍTULO I - O ROSTO FEMININO DA RENASCENÇA

*“O homem do Renascimento tem muitos rostos, perfeitamente distintos.  
A mulher do Renascimento, porém, parece quase sem rosto.”<sup>6</sup>*

### 1. O Renascimento feminino

Em 1977, Joan Kelly-Gadol colocava uma questão, num ensaio que se tornou icónico para todos os estudiosos cuja área de investigação abarca os *gender studies*: “as mulheres tiveram um Renascimento?” A hipótese levantada então por esta investigadora, e que desde então tem colhido o consenso de muitos outros estudiosos, contradizia, segundo a mesma, a noção largamente difundida da suposta igualdade entre homens e mulheres durante o Renascimento. Com efeito, todo o desenvolvimento operado na sociedade italiana entre os séculos XIV e XVI, que lhe abriu novas formas de progresso social e cultural, afetou as mulheres de forma adversa, de tal modo que, segundo a autora, não terá havido um “renascimento para as mulheres, pelo menos não durante a Renascença”<sup>7</sup>.

Com o final da Idade Média e à medida que o período inicial da Idade Moderna, caracterizado pelo ressurgir dos ideais humanísticos do Renascimento começa, a sociedade italiana passa por muitas mudanças. Emergem diferentes atitudes acerca dos valores culturais e o modo de vida feudal da Idade Média, muitas vezes interpretado como sendo antiquado e obsoleto, dá lugar a sistemas políticos, económicos e sociais mais modernos. A questão que se coloca, no entanto, é de saber, exatamente, como é que as mulheres, uma parte muitas vezes sub-representada da sociedade, foram afectadas por esta suposta modernização.

O estudo levado a cabo por Kelly-Gadol examina a maneira pela qual essas diferenças culturais dramáticas terão influenciado as experiências das mulheres na

---

<sup>6</sup> KING, Margaret L., 1991, “A Mulher Renascentista”, *O Homem Renascentista*. Direcção de Eugénio Garin, Lisboa, Editorial Presença, pp.192-227, p. 193.

<sup>7</sup> Cf. KELLY-GADOL, Joan, 1977, “Did Women Have a Renaissance?”, in *Becoming Visible: Women in European History*, edited by Renate Bridenthal and Claudia Koonz, [Boston], Houghton Mifflin Co., pp. 174-201, p. 174.

sociedade da Europa Ocidental, concluindo que muitas das mudanças culturais operadas no final da Idade Média e início da era moderna foram de facto em detrimento do papel da mulher na sociedade. Especificamente, este ensaio compara e analisa as mudanças dos papéis assumidos pelas mulheres no plano económico, político, social e religioso, para chegar à conclusão de que "o tipo de poder económico e político que apoiou a atividade cultural dos nobres feudais, nos séculos XI e XII não tinha contrapartida na Itália renascentista"<sup>8</sup>. E sobre o estatuto político das mulheres, as historiadoras Jo Ann McNamara e Suzanne Wemple sustentam que "os amplos poderes exercidos por mulheres foram em grande parte derivados dos poderes bastante irregulares exercidos pelas grandes famílias desta época", um fenómeno que seria revertido na era renascentista, com a ênfase colocada na institucionalização do governo<sup>9</sup>.

Assim, no início do século XV, muitas das mulheres das cidades, que durante a Idade Média tinham gozado de uma certa independência, participando ativamente da vida social e cultural, veem-se confrontadas com um retrocesso na sua condição, com a profissionalização dos ofícios. A emergência do capitalismo e as relações sociais que daí se formaram, afetaram as vidas das mulheres renascentistas de diversas formas, consoante as suas posições na sociedade. Nas universidades, que nos séculos anteriores tinham acolhido várias figuras femininas, não se conhecem, a partir da segunda metade do século XV, professoras ou mulheres licenciadas<sup>10</sup>.

Entre as classes dominantes de elite urbana italiana, as mulheres experimentam uma contração das suas opções sociais e pessoais que os homens das mesmas classes não sentem, em particular entre a burguesia e nobreza. Em cidades como Florença as

---

<sup>8</sup> KELLY-GADOL, 1977, p. 183.

<sup>9</sup> McNAMARA, Jo Ann, WEMPLE, Suzanne, 1988, "The Power of Women Through Family in Medieval Europe, 500-1100", in *Women and Power in the Middle Ages*, eds. Mary Erler and Maryanne Kowaleski, Athens, Georgia, The University of Georgia Press, p. 95.

<sup>10</sup> Apesar das tradições seculares de ensino terem feito das universidades uma espécie de "mundo sem mulheres", quando nestas se tornou usual a presença de professores casados, criou-se nelas um espaço, à sua margem, para mulheres letradas. Estas seriam, na sua maioria, filhas de professores, educadas pelos seus progenitores, e que em alguns casos, sobretudo em situações excepcionais de doença ou morte súbita do pai, estiveram ligadas ao ensino, assumindo o papel de substitutas. Entre estas figuras femininas, contam-se várias mulheres ligadas à Universidade de Bolonha, como é o caso de Accorsa, filha do grande Accursio, que no século XII terá ensinado publicamente jurisprudência e Bitisia Gozzadini, que se diz ter feito o mesmo no século XIII. Também a jovem assistente de Mondino de Liuzzi, Alessandra Giliani, falecida em 1326, ficou conhecida por ser uma especialista na dissecação e preparação de cadáveres, assim como Novella d'Andrea, a qual, na segunda metade do século XIV, substituiu muitas vezes o pai, o famoso Giovanni d'Andrea, dando aulas escondida por detrás de uma cortina, para impedir que a sua beleza distraísse os alunos. Na primeira metade do século XV, registou-se ainda o caso de Dorotea Bocchi, filha de um professor de medicina e filosofia moral, a qual não só foi "professora de filosofia, na qual era licenciada" como após a morte do pai continuou a lecionar publicamente, com grande sucesso. CAVAZZA, Marta, 2007, "Dottrici e lettrici dell'Università di Bologna nel Settecento", in *Annali di Storia delle Università italiane*, vol 1.

mulheres participavam na produção têxtil, e tinham a possibilidade de adquirir poder político através de ligações feudais. Gradualmente, foram perdendo essa capacidade. À medida que foram efetuadas reformas políticas e religiosas e as tradições e costumes foram alterados, também as estruturas governamentais sofreram profundas transformações. A cultura familiar da Idade Média deu lugar às instituições públicas do Renascimento e as mulheres começaram a desaparecer das posições públicas e influentes<sup>11</sup>, recolhidas dentro de famílias patriarcais, expulsas das guildas e sujeitas a uma apertada vigilância sexual.

Por outro lado, no plano cultural, o novo movimento intelectual emergente do Renascimento - o Humanismo - parece querer prescindir da presença das mulheres nas suas fileiras, incluindo aquelas cuja educação tinha sido entregue ao cuidado de mestres formados nas suas escolas<sup>12</sup>.

Para as mulheres letradas do Renascimento, apenas duas opções se parecem colocar: a do retiro religioso - mesmo quando essa não é a sua vocação - onde se podem dedicar ao estudo e continuar o seu desenvolvimento intelectual, mas que supõe o

---

<sup>11</sup> Nos Países Baixos, por exemplo, era permitido às mulheres participarem em atos políticos públicos. No seu artigo "Women, Audience, and Public Acts in Medieval Flanders", Ellen E. Kittell, descreve os papéis desempenhados pelas mulheres relativamente aos atos públicos da sociedade flamenga do século XIV. Com o próspero crescimento da economia comercial e industrial da Flandres a partir do século XI, as comunas flamengas começaram a permitir que uma ampla parcela de sua população - um corte transversal que incluía as mulheres da cidade - participassem nos assuntos políticos. As mulheres apareciam frequentemente em público como chefes de família, condessas e castelãs e agentes principais e eficazes na vida legal e comercial da cidade. Estes sistemas de direito de audiência pública permitiram às mulheres ganhar posições de influência e de poder, como a condessa Jeanne em 1206 e a condessa Margaret em 1280, que alcançaram o estatuto de governantes de um condado. Cf. KITTEL, Ellen E., 1998, "Women, Audience, and Public Acts in Medieval Flanders", *Journal of Women's History* 10, nº 3, pp. 74-88. Por outro lado, a investigadora Jane Tibbetts Schulenburg, no seu trabalho "Female Sanctity: Public and Private Roles, 500-1100", sustenta que "na ausência de instituições governamentais impessoais e fortes, as famílias reais ou aristocráticas assumiram a autoridade política, económica e social em várias regiões da Europa", e as mulheres foram autorizadas a "alcançar posições de autoridade e controlo sobre a riqueza." Cf. SCHULENBURG, Jane Tibbetts, 1988, "Female Sanctity: Public and Private Roles, ca. 500-1100. in *Women and Power in the Middle Ages* edited by Mary Erler and Maryanne Kowaleski. Athens: University of Georgia Press, p. 105. Martha C. Howell salienta no seu artigo "Citizenship and Gender: Women's Political status in Northern German Cities" que nas "cidades medievais do norte da Europa as mulheres de todas as classes eram participantes ativas e visíveis na vida pública do reino". Um exemplo dessa participação "foi através de fabricação de artesanato; ofícios que muitas vezes eram exclusivos do seu sexo. A cidade alemã de Colónia pode demonstrar particularmente este fenómeno, pois lá as mulheres tinham direitos exclusivos para o ofício da fabricação de seda, existindo mesmo uma guilda só de mulheres nesta cidade. HOWELL, Martha C., 1988, "Citizenship and Gender: Women's Political Status in Northern Medieval cities." In *Women and Power in the Middle Ages* edited by Mary Erler and Maryanne Kowaleski. Athens: University of Georgia Press. Além disso, o artigo de David Herlihy "'Women's work in the Towns of Traditional Europe", afirma que Colónia, para além de ser "um importante centro de produção de seda" possuía duas outras guildas de fabricantes de fios e fição de ouro, que também eram controladas por mulheres. Cf. HERLIHY David, ed. *Women, Family, and Society in Medieval Europe: Historical Essays 1978-1991*. Providence RI: Berghahn Books, 1995.

<sup>12</sup> ARRIAGA FLORÉZ, Mercedes, 2013, *Isotta Nogarola, Quién pecó más Adán o Eva?* edición y estudio crítico de [...], traducción castellana de Juan Aguilar González, Sevilla, Arcibel, p. 7

isolamento e a marginalização da sociedade; ou o casamento, que lhes permite participar ativamente na vida social, mas que é incompatível com a prossecução dos seus estudos.

Face ao exposto, e voltando à questão colocada por Joan Kelly, parece-nos claramente comprovado que as mulheres efetivamente não tiveram um renascimento e o período moderno foi uma época em que sofreram a perda de grande parte da influência e do estatuto que tinham usufruído nos séculos anteriores.

## **2. Autoria feminina : da Idade Média ao Renascimento**

*“Na Idade Média, somente os homens, os clérigos, parecem estar providos de palavras, de um discurso exclusivo e da voz do poder. Cada traço escrito por uma mão feminina, mesmo na incerteza de sua identidade, será de grande valor.”<sup>13</sup>*

O relativo desinteresse que tem sido manifestado pela historiografia tradicional em desenvolver investigações e estudos sobre obras medievais de autoria feminina, tem contribuído para o silenciamento das vozes dessas mulheres que, apesar de escassas, reclamam o direito a serem escutadas, remetendo-as para um canto relativamente obscuro da memória literária coletiva.

No entanto, este vazio bibliográfico não é exclusivo nem da Idade Média, nem do Renascimento, períodos que nos propomos estudar aqui, mas estende-se por toda a história literária em geral. Este fenómeno não pode, contudo, ser dissociado da dinâmica das práticas sociais vigentes nessas épocas, assim como das várias formas de controlo a que a Literatura, como veículo de transmissão e cultura, estava sujeita. Nesse sentido, subscrevemos as palavras de Jonathan Culler, quando afirma que “a concordância de

---

<sup>13</sup> “Au Moyen Âge, seuls les hommes, les clercs, semblent pourvus de paroles, d'une parole exclusive et de la voix du pouvoir. Chaque trace écrite d'une main de femme, même dans l'incertitude de son identité, sera donc d'un grand prix.” Cf. RÉGNIER-BOHLER, Danielle (dir.), 2006, *Voix de Femmes au Moyen Âge: Savoir, mystique, poésie, amour, sorcellerie: XIIe-XVe siècle*, Paris, Robert Laffont, p. VIII.

critério de excelência literária foi historicamente comprometido por critérios não literários, envolvendo raça e gênero, por exemplo”<sup>14</sup>.

Uma honrosa exceção a esta lacuna terá contemplado Christine de Pizan que, no final do século XIV, se tornou a primeira mulher reconhecida por fazer da escrita a sua profissão, reivindicando para si, e para as outras mulheres, o direito à palavra e cujas obras se tornaram canônicas.

## 2.1. Christine de Pizan: vivendo da pena

*“Moi, qui suis née femme...”*

Christine de Pizan, *La Cité des Dames*

Nascida em Veneza em 1364, Christine era filha de Tommaso di Benvenuto, originário de Pizzano, uma pequena localidade próxima de Bolonha, cidade onde estudou medicina, astronomia e astrologia e em cuja universidade viria mais tarde a leccionar. O prestígio alcançado pelo físico fez com que fosse chamado para a corte de Carlos V, onde se tornou conselheiro do rei. Em 1368, tinha então Christine quatro anos, toda a família se mudou para Paris, acompanhando-o. Aí, Christine recebeu o tipo de educação que então era reservado apenas aos homens das classes superiores, certamente por influência do pai, que providenciou para que aprendesse latim, filosofia e literatura, assim como as ciências conhecidas no mundo medieval.

Aos quinze anos o pai casou-a com Étienne de Castel, um jovem seu protegido, oriundo de uma nobre família da Picardia e que viria a tornar-se notário e secretário do rei. Com a morte de Carlos V, ocorrida em 1380, a posição de Tommaso na corte francesa começa a declinar. Dez anos mais tarde Christine encontrava-se viúva, após a morte por peste do marido, e com filhos para criar. A morte do pai, ocorrida dois anos antes, constituía um rude golpe para a jovem, que com a herança do marido envolvida em processos judiciais, se viu assim sem recursos e com a responsabilidade de sustentar três filhos, assim como a mãe e dois irmãos mais novos.

---

<sup>14</sup> CULLER, Jonathan, 1999, *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo, Beca, p. 54.

Fazendo uso de todos os meios ao seu alcance - a sua cultura, o seu talento para a escrita, os livros herdados do pai, os contactos que tinha na corte – Christine começou a escrever, dedicando as suas obras às mais elevadas personalidades do reino, assegurando assim, deste modo, a educação dos filhos e a subsistência da sua família<sup>15</sup>.

Compõe versos líricos, baladas e poemas de amor no estilo tradicional onde combina rimas complicadas com figuras de retórica – como o *Débat des deux amants* ou o *Livre du Duc des Vrais Amants* - buscando patronos que os aceitem como dádiva e a recompensem – com dinheiro, joias ou roupas – um procedimento comum com os poetas masculinos, mas não para mulheres. Começa a ser conhecida nos círculos da corte como poeta e a receber encomendas para escrever.

No entanto, Christine, demasiado exigente para se contentar com versos de amor cortês, prossegue os seus estudos clássicos, lendo obras de história antiga, crónicas e enciclopédias a que tinha acesso nas bibliotecas dos seus protetores, visando outros tipos de escrita, assim como a participação na vida intelectual de Paris.

Poetisa de renome e apreciada na corte francesa, Christine recebe então convites para ir para Inglaterra, por parte do rei Henrique IV e do duque de Milão, para voltar para Itália, mas opta por permanecer em França, o seu país de adopção, onde testemunha os acontecimentos mais importantes da sua época: os horrores das guerras civis, as lutas de poder entre as casas de Borgonha e Valois e, já no final da sua vida, a vitória de Jeanne d’Arc. Apesar de não pertencer a nenhuma família nobre, Christine relacionou-se com os poderosos de França e também com algumas importantes personalidades estrangeiras, como Galeas Visconti e o duque de Salisbúria, sob cuja proteção o seu único filho varão viveu durante alguns anos<sup>16</sup>.

Foi, no entanto, a sua participação no ataque ao *Roman de la Rose* de Jean de Meun, e a denúncia da misoginia patente na sua escrita, que fez disparar a sua notoriedade. Irritada pelo costume dos autores do seu tempo, que consistia em denegrir o sexo fraco, ela toma a defesa das mulheres contra os seus difamadores. Conhecedora das dificuldades enfrentadas por uma mulher sem dinheiro e sem protetor, ela demonstra compaixão por todas as mulheres de boa moral, que são vítimas do destino, enumerando as suas qualidades e indignando-se por ao longo dos tempos a mulher ter

---

<sup>15</sup> BECKER, Mary-Helen, 1996, “PISAN, Christine de\_, 1364-1431” in Christine P. Makward et Madeleine Cottenet-Hage, *Dictionnaire littéraire des femmes de langue française*, avec la collaboration de [...] ... [et al.], Paris, Karthala, p.469.

<sup>16</sup> CRISPIM, Maria de Lourdes, 1995, *Christine de Pizan: O Livro das Três Virtudes ou o Espelho de Cristina*, Dissertação de doutoramento em Linguística à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 7.

sido sempre acusada de ser inconstante, traiçoeira, impudica e má. Na sua obra *Epistre au Dieu d'Amour*, Christine recorre à poesia ovidiana para denunciar os homens que conquistam o coração das damas à custa de falsas mágoas, para depois se irem gabar das suas conquistas, assim como aqueles que acusam de infidelidade todas as mulheres, sob a desculpa de terem conhecido uma mulher infiel<sup>17</sup>.

Depois desse primeiro ataque a um autor universalmente reconhecido, e apoiada por alguns dos mais conceituados intelectuais da sua época - como Gerson, o chanceler da Universidade de Paris, que partilha das suas opiniões acerca do *Roman de la Rose*, e Eustache Deschamps, cuja consideração por Christine está bem patente nos primeiros versos da balada que lhe dedicou<sup>18</sup> - ela toma partido contra Jean de Montreuil e um dos seus livros, o qual, segundo Christine, incitava à libertinagem e à sedução<sup>19</sup>.

Célebre pela querela sobre o *Roman de La Rose*, a Christine não lhe faltam agora mecenas e a autora vive um período de intensa criatividade e produção literária. Entre 1400 e 1418 ela produz a maior parte das suas obras mais importantes, cultivando quase todos os géneros literários em moda no seu tempo: obras em verso e em prosa, longas alegorias, muito apreciadas na Idade Média, história e literatura didático-moralística.

Em obras como o *Livre du corps de policie*, *Lamentation sur les maux de la guerre civile* e o *Livre de la paix*, compostos para instruir, apoiar e encorajar o delfim, ela aconselha os príncipes a evitar os desastres da guerra civil, condena os vícios da sua época e revela os seus conhecimentos de política.<sup>20</sup>

*Le Livre des Trois Vertus* terá sido redigido entre 1404 e 1405. Trata-se, no que concerne à história literária europeia, do primeiro tratado de educação feminina escrito por uma mulher. Segundo a dedicatória patente em grande parte dos manuscritos, a obra terá sido escrita para Marguerite de Bourgogne, filha de Jean *Sans Peur*, casada com o herdeiro do trono de França, Louis de Guyenne<sup>21</sup> e contém conselhos de ordem moral e de bons costumes. Cerca de 1447-1455, a rainha D. Isabel, mulher de D. Afonso V, terá mandado fazer uma tradução para português. Tratando-se do único tratado medieval dedicado às mulheres que se conhece em língua portuguesa, esta obra reveste-se de particular importância para a história cultural de Portugal<sup>22</sup>. Em 1518, a rainha D.

---

<sup>17</sup> LEAL, Ivone, 1999, *Cristina de Pisano e Todo o Universo de Mulheres*, Cadernos da Condição Feminina nº 52, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 10.

<sup>18</sup> CRISPIM, 1995, p. 6.

<sup>19</sup> BECKER, 1996, p. 470.

<sup>20</sup> BECKER, 1996, p. 470.

<sup>21</sup> CRISPIM, 1995, p. 4.

<sup>22</sup> CRISPIM, 1995, p. VII.

Leonor, mulher de D. João II, mandou imprimir por Herman de Campos uma versão que tomou o título de *Espelho de Cristina* ou *Livro das três virtudes*, e que se encontrava dividida em três partes: a primeira dirigida “aas Rainhas, Princesas, Duquesas & grandes senhoras”, a segunda “aas donzelas em especyal aaquellas que andam nas cortes das grandes princesas”, e ainda uma terceira parte endereçada, “aas molheres do poboo comuã”<sup>23</sup>. Escrito à semelhança dos “*espelhos de príncipes*”<sup>24</sup>, em voga então nas cortes europeias, o objectivo deste tratado visava oferecer às mulheres uma orientação precisa para, elas próprias, se tornarem espelhos de virtudes.

Original e corajosa, na sua obra *Le Livre de La Cité des Dames*, Christine descreve uma comunidade feminina onde as mulheres são autossuficientes, trabalhando, estudando e controlando os seus próprios destinos. Marcado pela auto-depreciação e humildade, que supostamente evidenciaria uma tomada de consciência da sua condição inferior, como mulher, o relato da autora revela-nos uma espécie de jogo estratégico destinado a conquistar o espaço literário masculino. Assim, na sua obra, Christine ora se reveste de modéstia, apresentando-se como uma “simples escolar ignorante [...] pobre de espírito”, ora se valoriza através da sua ampla erudição e do vasto conhecimento das obras clássicas literárias, da história e da filosofia, que demonstra ao longo das suas páginas, justificando que “quanto mais uma pessoa abunda em virtudes, mais demonstra humildade e gentileza”.<sup>25</sup> Segundo ela, o intelecto feminino, devidamente alimentado, podia ser tão perspicaz como o masculino.

“Nascer mulher na segunda metade do século XIV e conseguir fazer da atividade literária profissão, constituindo uma carreira e vendo, ao longo dos anos, sucessivas obras disputadas pelos grandes do seu tempo, tal foi o singular talento de Christine de Pizan.”<sup>26</sup> Concordando inteiramente com as sábias palavras da Professora Cristina

---

<sup>23</sup> Cf. PIMPÃO, Álvaro J. da Costa, 1959, *História da Literatura Portuguesa*. Idade Média, 2ª ed. Atlântida, pp. 11-12, apud CRISPIM, 1995, p. X

<sup>24</sup> Conhecidos em toda a Europa, os “espelhos de príncipes” eram manuais utilizados na educação dos príncipes e jovens da alta nobreza, cujo conteúdo oscilava entre o aconselhamento e a moralidade e que se destinavam a sensibilizá-los para os modelos sociais e religiosos no interior das correntes políticas e filosóficas da época. De acordo com essa literatura de cariz moralizante, “príncipes e reis deveriam constituir-se como *espelhos* de virtudes, de beleza e de castidade. A sua presença e atuação deveriam ser reflexo da sua imagem interior, bem formada e que iria apresentar a todos um modelo a seguir.” Cf. MENDONÇA, Manuela, 2013, “O Espelho de Cristina (Séc. XV)”, *História Revista*, vol. 18, nº 1, pp. 53-68, p. 56.

<sup>25</sup> DEPLAGNE, Luciana Calado, 2008, *Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo relações de gênero*, [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana\\_Calado\\_Deplagne\\_70.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf) [consultado em 2013-04-14].

<sup>26</sup> Cf. Cristina Almeida Ribeiro, 2006, “Prefácio”, in SOUSA, Sara Rodrigues de, *A construção da autoridade na obra de Christine de Pizan*, Dissertação de Mestrado em Estudos Franceses apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas, p. 7.

Almeida Ribeiro, importa agora retomar uma das questões que colocámos como ponto de partida para este estudo: podemos considerar Christine de Pizan como uma feminista?

Esta é uma questão que tem dividido opiniões. Por muitos investigadores considerada a primeira feminista de que há conhecimento – uma “*feminista ante litteram*”, como a ela se refere Elena Laurenzi, num ensaio publicado sobre a autora ítalo-francesa<sup>27</sup> – será justo colar a Christine de Pizan este “rótulo”, concebido para designar um fenómeno moderno? É certo que Christine defende as mulheres com coragem e dignidade, mas fá-lo também com inteligência, usando prudência e moderação nessa defesa, consciente das particularidades da época em que vive e do equilíbrio precário da sua posição na sociedade: uma mulher que não possui nem fortuna, nem uma família poderosa que a proteja, e que sobrevive exercendo uma profissão masculina num mundo dominado por homens.

No seu ensaio, Elena Laurenzi sustenta que Christine de Pizan terá sido uma precursora do feminismo, justificando essa afirmação com a existência de uma insipiente teoria feminista contida na sua obra *Le Livre de La Cité des Dames*, e chamando a atenção para a atualidade de muitos dos seus elementos, tais como “a consciência do carácter construído do género ou a concepção do feminismo como projeção masculina” e salientando o valor político da sua participação na *querelle des femmes*<sup>28</sup>.

No universo dos estudos christinianos, muitos são os investigadores que partilham esta opinião, encontrando traços de um feminismo latente na sua escrita, entre os quais se contam Luciana Calado Deplagne, que traduziu para português *La Cité des Dames*,<sup>29</sup> e Ildney Cavalcanti, que no prefácio d’*A Cidade das Damas* de Deplagne, refere que “esta composição literária pode ser lida como pioneira numa linhagem crítica, utópica, **feminista** (muitas vezes de cunho separatista) que se vai consolidando através dos tempos com obras como, para citar apenas alguns exemplos por questão de espaço, *The Description of a New World, Called the Blazing World* (1666), de Margaret Cavendish; *Mizora: A Prophecy* (1880-1881), de Mary E. Bradley Lane; e, no século

---

<sup>27</sup> LAURENZI, Elena, 2009, “Christine de Pizan: una feminista “ante litteram”?”, in *Lectora: revista de dones i textualitat*, N° 15, pp. 301-314.

<sup>28</sup> LAURENZI, 2009, p. 301.

<sup>29</sup> CALADO, Luciana Eleonora de Freitas, 2006, *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução*. Dissertação de doutoramento em Teoria de Literatura apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, disponível em: <http://www.pglettras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>, [consultado em 2013.06.02], p. 12.

XX, “Sultana’s Dream” (1905), de Rockeya Sakhawat Hossain; *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman; *Les Guérillères* (1969), de Monique Wittig; *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy.”<sup>30</sup>

No entanto, essa não é a nossa opinião, pois não nos parece correto chamar feminista a Christine de Pizan. Importa lembrar que o feminismo é hoje entendido como uma posição radical que, quando levada às últimas consequências, não se satisfaz apenas com a proclamação ou a exigência, para as mulheres, de igualdade de oportunidades e dos direitos conferidos aos homens. Atualmente é sabido que essa igualdade pressupõe a aceitação das diferenças e que para ser conseguida é necessário operar alterações profundas em toda a organização social. É um conceito que apela à unidade de todas as mulheres, independentemente da sua raça, nacionalidade, religião ou posição social, abarcando objetivos que ultrapassam a mera igualdade formal entre os sexos, anunciando uma sociedade diferente<sup>31</sup>. Contudo, nas obras de Christine de Pizan não é possível identificar nenhum desses traços e seria completamente inimaginável que, em plena Idade Média, ela ousasse questionar a ordem social estabelecida.

Segundo Ivone Leal, cuja opinião partilhamos, Christine é solidária para com o seu género e defende que todas as mulheres devem ser respeitadas e dignificadas, mas cada uma no lugar a pertence, segundo a ordem estabelecida, e que lhe é conferido quer pelo sangue, quer pela função que exerce ou ainda pela fortuna do pai ou do marido, estabelecendo assim níveis claramente diferenciados e com direitos e deveres também diferentes. Profundamente cristã, Christine acredita que todos são iguais perante Deus, e o que os distingue são as virtudes e os bons costumes de cada um<sup>32</sup>. Esta atitude moral é

---

<sup>30</sup> Cf. CALVACANTI, Ildney, “Prefácio”, in, PIZAN, Christine de, 2012, *A Cidade das Damas*, tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, p. 14.

<sup>31</sup> No seu livro *Le Féminisme*, Andrée Michel apresenta-nos uma síntese de todas as ideias e conceitos adquiridos pela consciência feminista do início do século XX e que tinham surgido ao longo do passado, tais como a convicção de que as diferenças existentes entre homens e mulheres não são devidas à sua natureza mas à educação, a negação da submissão da mulher a papéis exclusivamente domésticos e a existência de uma dupla moral sexual, diferente em função do sexo. Entre os demais elementos referidos por Michel conta-se também algumas noções mais recentes, como o direito da mulher ao prazer fora do casamento, a noção de que a libertação das mulheres terá de ser operada por elas próprias e não pode ser dissociada da erradicação de todos os géneros de opressão e que o fracasso das democracias é motivado pelo facto de estas marginalizarem as mulheres. Cf. MICHEL, Andrée, 2007, *Le Féminisme*, 9e édition, Col. Que Sais-je? Paris, Presse Universitaires de France.

<sup>32</sup> Esta afirmação pode ser constatada no seu *Livre de Trois Vertus*, em cujo manuscrito da tradução portuguesa, que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid, se pode ler: “[...] tu homem e mulher/ se quiseres seer beem nenbrado da miseria do teu nascimento onde agora es e onde as dhir, tu nom auerias nenhuuha rrazom de sseeres soberuoso E sse quiseres dizer que a fidalguia te trouxe e constringeo a desejar taaes omrras/Nos te fazemos saber que nom he gintilleza nem fidalguia se nom as uertudes e os

invocada quando é necessário suprimir qualquer indício de vaidade ou ostentação, desaconselhado pelo bom senso. E Christine é sobretudo, uma pessoa sensata, consciente da sua dignidade pessoal, que vivendo entre os grandes e poderosos, conheceu, no entanto, as dificuldades dos pequenos, e que “soube distinguir entre os privilégios de classe que não critica e os privilégios de sexo que se atreve a denunciar, embora nem sempre a combater até ao fim. Seria o medo de perder os protectores ou antes um fechar de olhos perante a vertigem do abismo que se abriria?”<sup>33</sup> Na opinião desta investigadora não seria nem uma coisa nem outra, mas apenas a única alternativa que lhe restava para sobreviver, naquele momento civilizacional regido pelas “ordens”<sup>34</sup>.

Christine de Pizan teve o mérito excepcional de conseguir viver da escrita numa época em que tal façanha seria impensável para uma mulher. A sua pena granjeou-lhe fama, proteção, admiração e respeito, assim como rendimentos capazes de a manter e à sua família, com dignidade e um relativo conforto, mas seria esta pena totalmente livre de escrever o que a sua dama pensava? Não nos parece.

## 2.2. A *Querelle des Femmes*

*“Tout ce qui a été écrit par les hommes sur les femmes doit être suspect, car ils sont à la fois juge et partie.”*<sup>35</sup>

Em 1277 foi publicada uma versão ampliada de um texto de literatura cortesã, escrito em 1225 por Guillaume de Lorris. A esta obra, *Le Roman de La Rose*, cujo conceito original fora inspirado pelo género de amor cortês que se pode encontrar na poesia dos trovadores, foram adicionadas páginas de sabor ferozmente misógino da

---

bões costumes/ e sse nom seguires e as nom teures qualquer que sejas tu nom es fidalgo. Nem gentil homem/E sse esto nom creeres a ssandice te enganou. E esto afirmom todollos santos doctores que a este proposito fallarom dizendo que aquelle nom he mayor que mais se alleuanta em stado e omrra/mais aquelle que he mais uertuoso.” Cf. Man. Madrid, fol. 32 apud GROKEMBERGER, Dorothee Casrtens, 1961, *Buch Von Den Drei Tugenden*, Münster West, pp. 114-115.

<sup>33</sup> Cf. LEAL, 1999, pp. 11-12.

<sup>34</sup> LEAL, 1999, p. 12.

<sup>35</sup> Poulain de la Barre citado por Simone de Beauvoir na epígrafe do seu livro *Le deuxième sexe*. Cf. BEAUVOIR, Simone de, 1999, *Le deuxième sexe*, Vol. I, *Les faits et les mythes*, [Paris], Gallimard.

autoria de Jean de Meun.<sup>36</sup> O protesto feminino contra os argumentos misóginos, deste e de outros autores, alastrou-se pelos meios culturais e pelas cortes europeias, transformando-se num debate que se prolongaria até ao rebentar da Revolução Francesa.<sup>37</sup> Nesta *querelle* as mulheres iriam advogar em defesa do seu sexo, reclamando o seu valor ou “excelência”, sem contudo questionar a lógica do sistema e do poder patriarcal. Iriam protestar também contra os abusos de poder revelados por certos varões, denegrindo-as verbalmente na literatura misógina ou mesmo maltratando-as fisicamente. Sem colocar em causa a hierarquia do poder entre os géneros, nem reivindicando igualdade, a *Querelle des Femmes* manteve um carácter essencialmente reativo e ideológico<sup>38</sup>.

Em meados do século XIV, quando Giovanni Boccaccio (1313-1375) escreveu o seu *De mulieribus claris*<sup>39</sup>, levantou a questão acerca do valor das mulheres<sup>40</sup>. O catálogo de Boccaccio continha uma seleção de mulheres famosas desde a antiguidade clássica – tanto personagens históricas como figuras mitológicas – as quais o autor considerava como modelos de grandeza feminina, e incluía guerreiras, inventoras, mães, viúvas e governantes. A sua última e mais longa versão continha 104 biografias, das quais apenas três são de mulheres famosas pela sua escrita: Safo, Cornificia e Proba, e uma outra, Hortênsia, célebre pelos seus discursos públicos. No entanto, embora implicitamente esta obra se destine a enaltecer estas personagens, ela revela traços da misoginia característica da sua época: as suas protagonistas são punidas quando se destacam demasiado. “O que podemos pensar, exceto que foi um erro da natureza dar sexo feminino a um corpo dotado por Deus com um magnífico espírito viril?”<sup>41</sup> Segundo

---

<sup>36</sup> LORRIS, Guillaume de et MEUN, Jean de, 2004, *Le roman de la rose*, édition d’après les manuscrits BN 12786 et BN 378, traduction, présentation et notes par Armand Strubel, Paris, Le Livre de Poche.

<sup>37</sup> Entre estes protestos convém destacar o polémico debate epistolar travado entre Christine de Pizan e alguns intelectuais, seus contemporâneos, nomeadamente Jean de Montreuil, Pierre Col e Jean Gerson, publicado em 1401 sob o título *Epistres du Débat sur le Roman de La Rose*. Cf. PIZAN, Christine de ...[et.al.], 1996, *Le débat sur le roman de la rose*, édition critique, traduction et notes par Eric Hicks, Genève, Slatkine.

<sup>38</sup> LAURENZI, 2009, pp. 301-303.

<sup>39</sup> Das mulheres famosas.

<sup>40</sup> Este catálogo, o qual Boccaccio afirma ser a primeira coletânea de biografias femininas escrita até então, já tinha circulado inicialmente em 1355 e foi revisto por ele até pelo menos 1359. Alcuin Blamires, demonstra, no entanto, que este trabalho resulta de uma tradição de escrever acerca de mulheres exemplares que remonta à antiguidade tardia. De notar também a obra de Plutarco acerca das virtudes das mulheres. Cf. BLAMIRE, Alcuin, *The Case for Women in Medieval Culture*, Oxford, Clarendon Press, 1997, pp. 66-68, cit. por STEVENSON, Jane, 2010, *Women Latin poets: language, gender and authority from antiquity to the eighteenth century*, Oxford, Oxford University, p. 141.

<sup>41</sup> BOCCACCIO, Giovanni, 2003, *Famous Women*, translated by Virginia Brown, Cambridge, The I Tatti Renaissance Library, Harvard University Press, p. 127.

Boccaccio, apenas tornando-se viragos<sup>42</sup>, ou seja, abdicando da sua feminilidade para adotar comportamentos masculinos<sup>43</sup>, é que as mulheres podiam aspirar ao ideal renascentista do homem<sup>44</sup>.

No final da compilação Boccaccio conclui o seu trabalho com a seguinte observação: “Como é evidente, chegámos agora às mulheres do nosso tempo. Mas tão pequeno é o número das que são notáveis, que eu acho ser mais honroso acabar aqui [com Joana, rainha da Sicília], em vez de continuar com as mulheres de hoje - tanto mais que este trabalho, que começou com Eva, mãe da raça humana, conclui-se com tão ilustre rainha”<sup>45</sup>. No entanto, *De Claris Mulieribus*<sup>46</sup>, da autoria de Jacobo Foresti de Bergamo, publicado em Ferrara em 1497, enumera centenas de mulheres, boas e más, incluindo uma galeria das suas contemporâneas que se tornaram conhecidas tanto pela sua escrita, como pelos seus discursos públicos, geralmente em latim, a qual inclui Battista Malatesta, Constanza Varano, as três Nogarola (Isotta, Ginevra e Ângela) e Domitilia Trivulzi Torelli. Verificamos assim que, no espaço de 150 anos, alguma coisa tinha claramente mudado para as mulheres italianas<sup>47</sup>.

A polémica acerca das capacidades femininas, levantada pela obra de Boccaccio, inaugurou o debate literário conhecido por *Querelle des Femmes*, designação que lhe foi dada pelos participantes franceses, e que se arrastaria pelos séculos seguintes, envolvendo nele muitos adversários de ambas as fações. Esta espécie de “competição agonístico-cultural” seria dominada por dois temas essenciais: a discussão acerca do mérito feminino - se as mulheres seriam iguais, inferiores ou superiores ao homens? – e

---

<sup>42</sup> Sobre viragos veja-se o trabalho de Allison Heisch acerca da rainha Elizabeth I (HEISCH, Allison, 1980, "Queen Elizabeth I and the Persistence of Patriarchy," *Feminist Review*, Nr. 4 (February 1980), pp. 45-56) e de Ernst Breisach sobre Caterina Sforza (BREISACH, Ernst, 1967, *Caterina Sforza: A Renaissance Virago*, Chicago, University of Chicago Press, Chicago), assim como os artigos de Margaret L. King (KING, Margaret L., 1976, "Thwarted Ambitions: Six Learned Women of Italian Renaissance", *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, Nr. 59 (Fall 1976), pp. 280-304; KING, Margaret L., 1978, "The Religious Retreat of Isotta Nogarola (1418-1466): Sexism and Its Consequences in the Fifteenth Century" in *Signs*, Vol. 3, Nr. 4 (Summer, 1978), pp. 807-822; KING, Margaret L., 1980, "Book-Lined Cells: Women and Humanism in The Early Italian Renaissance" in LABALME, Patricia (ed.), *Beyond Their Sex: Learned Women of the European Past*, New York and London, New York University Press, pp. 66-90).

<sup>43</sup> De notar as semelhanças entre este discurso e o conselho que Guarino Veronese daria a Isotta Nogarola, quase um século depois, quando sugere que ela deveria “criar um homem dentro da mulher”. Vide infra, capítulo II 2., p. 49

<sup>44</sup> KELLY, Joan, 1982, "Early Feminist Theory and the "Querelle des Femmes", 1400-1789", in *Signs*, Vol. 8, No. 1 (Autumn, 1982), pp. 4-28, p. 8.

<sup>45</sup> BOCCACCIO, 2003, p. 232.

<sup>46</sup> BERGAMO, Jacobo Filippo, 1497, *Liber de claris scelestisque mulieribus*, Ferrara.

<sup>47</sup> STEVENSON, 2010, pp. 141-142.

a questão da educação feminina – seriam elas capazes de aprender o mesmo que os homens e tão bem como eles? -.

Em 1405, Christine de Pizan (1364-1430), autora francesa de origem italiana, iria responder a Boccaccio com uma listagem alternativa, em *Le Livre de la Cité des Dames*. Enquanto Boccaccio descrevia as suas biografadas como modelos de virtude ou de pecado, Christine encontrou virtudes heroicas até mesmo entre aquelas que ele condenou, assim como em algumas que tinham sido omitidas. Christine sugere que Boccaccio, na realidade, tinha subestimado as conquistas femininas e incompreendido a condição das suas vidas. “Perguntava-me quais poderiam ser as causas e os motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. [...] Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegarem à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.”<sup>48</sup> Estas são as interrogações que Christine de Pizan coloca no começo de *La Cité des Dames*, explicando que após estudar atentamente aquilo que até então tinha sido escrito pelas autoridades intelectuais e literárias do mundo clássico, da patrística e da vernaculidade medievais, teria chegado à conclusão que, ao criar a mulher, Deus tinha criado um ser abjecto: “Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios”<sup>49</sup>. “Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres”<sup>50</sup>. A resposta a estas questões encontramos-la ao longo das páginas desta obra, à medida que Christine vai derrubando os cânones da misoginia de forma racional e inteligente, idealizando uma cidade utópica, um espaço simbólico de refúgio feminino, onde constrói a defesa das mulheres. Alicerçando essa defesa na reputação feminina, quer histórica, quer lendária, que ilustra com exemplos concretos, a autora chega à conclusão lógica de que as mulheres possuem “tanto os dons físicos quanto os intelectuais que apresentam os homens mais sábios e mais eruditos”<sup>51</sup>. Por muitos considerada como a primeira voz feminista que se fez escutar, Christine de Pizan, à semelhança de Petrarca, em Itália, iria ocupar um papel de

---

<sup>48</sup> CALADO, 2006, p.119

<sup>49</sup> CALADO, 2006, p.120

<sup>50</sup> CALADO, 2006, p.119.

<sup>51</sup> CALADO, 2006, p.177.

destaque na evolução da literatura francesa moderna, definindo o que se viria a tornar a sensibilidade feminista moderna<sup>52</sup>.

Tal como Christine, as maiores humanistas do século XV – Isotta Nogarola, Cassandra Fedele e Laura Cereta - irão dar provas do mérito feminino, repudiando os textos misóginos que hostilizavam abertamente as mulheres. Assim, enquanto os seus trabalhos evidenciam a dignidade das mulheres e atestam as suas capacidades intelectuais, as suas vidas servem de exemplo para demonstrar as realizações femininas.

Estas autoras optariam por incluir nos seus trabalhos breves defensas das mulheres, enumerando também uma lista de “virtudes” femininas. É provável que tenham obtido essa compilação das grandezas femininas diretamente da obra de Boccaccio, *De mulieribus claris*, à qual teriam certamente acesso. Porém, mesmo que a tivessem ido buscar às fontes clássicas onde esse autor se inspirou, verificamos que as defensoras das mulheres se serviram do mesmo método utilizado por Boccaccio – o das biografias colectivas – para demonstrar o valor das mulheres através dos seus grandes feitos do passado<sup>53</sup>.

No contexto ibérico, o debate alcançou o seu máximo esplendor no século XV, particularmente durante o reinado de Juan II de Castela, graças sobretudo ao mecenato da sua primeira mulher, a rainha D. Maria<sup>54</sup>. Porém, entre os participantes empenhados na defesa das mulheres, contamos essencialmente autores masculinos<sup>55</sup>. É esse o caso de Álvaro de Luna (1390-1453), o aguerrido valido desse monarca castelhano. Na sua obra, *Libro de las Claras e Virtuosas Mugeres* (1446), dedicada à rainha D. Maria, o condestável adopta o mesmo método utilizado por Boccaccio, servindo-se de biografias de heroínas do Antigo Testamento ou da época clássica, para demonstrar que o vício não é algo inerente à condição feminina. A mesma opinião é partilhada por Enrique de Villena (1384-1434), no seu livro *Los doze trabajos de Hércules* (1417), onde sustenta que as mulheres têm mais dificuldade do que os homens em resistir às tentações pelo facto de serem de condição mais frágil. Entre os autores coevos castelhanos que adoptaram a defesa feminina - sob o patronato da rainha D. Maria<sup>56</sup> – contam-se

---

<sup>52</sup> KELLY, 1982, p. 9.

<sup>53</sup> KING, 2003, pp. 346-348.

<sup>54</sup> MASEO FERNANDEZ, Maria Estela, 2008, “Defensa y vituperio de las mujeres castellanas”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 21 febrero 2008, <http://nuevomundo.revues.org/23692>, pp-1-12, [consultado em 2013-03-15], p. 1.

<sup>55</sup> JESUS FUENTE, Maria, 2009, “Querella o querellas de las mujeres: el discurso sobre la naturaleza femenina” in *Cuadernos Kóre*, Vol. 1, nº 1, pp. 11-27, p. 14.

<sup>56</sup> Muitas mulheres que não escreviam encorajavam outros a fazê-lo, impulsionando assim o desenvolvimento de uma tradição alternativa. Mulheres altamente colocadas, aristocratas ou rainhas,

também Diego de Valera que dedicou à sua rainha o seu *Tratado en defensa de virtuossas mugeres* (1441) e Juan Rodríguez de La Cámara ou del Padrón (1390-1450) e a sua obra *El triunfo de las Donas* (c.1445), que também foi dedicada à sua benfeitora<sup>57</sup>. Entre as poucas mulheres que ousaram assumir a defesa do seu sexo, nos reinos medievais hispânicos, destacamos a valenciana Isabel de Villena (1430-1490), filha bastarda de Enrique de Villena que, seguindo os passos do seu progenitor, assumiu o combate contra a misoginia, ao realçar o papel das protagonistas femininas do Evangelho na sua obra *Vita Christi*<sup>58</sup>.

Os debates gerados pela *Querelle des Femmes* pretendiam concluir se era correta a afirmação da inferioridade da mulher face ao homem, como algo natural e inerente à condição feminina, como até então tinha sido defendido pelos autores masculinos desde a Antiguidade, ou se, pelo contrário, a menor participação das mulheres em realizações intelectuais e literárias - e em quase todos os aspectos da vida, em suma - era puramente uma convenção social a que as mulheres se tinham submetido pela tirania dos homens.

Entre os primeiros autores renascentistas masculinos que defenderam esta segunda hipótese, exprimindo a sua simpatia pelas reclamações femininas de injustiça, encontravam-se o humanista italiano Mario Equicola (1470-1525) e a sua obra *De mulieribus*<sup>59</sup> (1500) e o ocultista alemão Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535) cuja *Declamatio de nobilitate et praecellentia foeminei sexus*<sup>60</sup> (1529) foi publicada diversas vezes, tanto no latim original como em várias traduções para a maioria das línguas vernáculas. Nenhum trabalho de um humanista do sexo masculino apresenta de forma mais sucinta ou explicitamente o caso da dignidade feminina. A obra de Agrippa, cuja particularidade não era apenas reclamar a igualdade feminina, mas

---

agiam como patronos apoiando autores, artistas, músicos, poetas e intelectuais. Algumas das obras mais importantes do feminismo precoce foram dedicadas a estes patronos femininos. Assim, verificamos que os catálogos de Boccaccio e Álvaro de Luna foram dedicados, respetivamente, à nobre florentina Andrea Acciaiuoli e à rainha D. Maria, a primeira esposa do rei Juan II de Castela, enquanto que a tradução francesa da obra de Boccaccio foi encomendada por Ana da Bretanha, esposa do rei Charles VIII da França. Os tratados humanistas de Goggio, Equicola, Vives, e Agripa foram dedicados, respetivamente, a Leonor de Aragão, esposa de Ercole I d'Este, duque de Ferrara; a Margherita Cantelma de Mântua; a Catarina de Aragão, esposa do rei Henrique VIII da Inglaterra; e a Margaret, duquesa da Áustria e regente dos Países Baixos. Já no século XVII, a obra de Mary Astell, *Serious Proposal to the Ladies, for the Advancement of Their True and Greatest Interest* seria dedicada à princesa Anne da Dinamarca. Cf. KING & ROBIN, 2004, p. XXV.

<sup>57</sup> MASEO FERNANDEZ, 2008, pp. 2-3

<sup>58</sup> BROCHADO, Cláudia Costa, 2001b, "Mulheres escritoras e a construção de uma outra genealogia: Isabel de Villena, escritora ibérica do séc. XV", *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, ANPUH, pp. 1-9, p. 6.

<sup>59</sup> Das Mulheres

<sup>60</sup> Declaração da Nobreza e Superioridade do Sexo Feminino

defender a sua superioridade face aos homens, seria objecto de diversas imitações e mesmo de plágio por parte de vários autores masculinos.

As autoras femininas também iriam retomar esse tema. É esse o caso da obra póstuma *Il merito delle donne*, escrita pela veneziana Moderata Fonte (pseudónimo de Modesta da Pozzo, 1555-1592), publicada em 1600, e que revela as limitações da liberdade feminina que lhe são colocadas pela sociedade. Uma feroz crítica às assunções misóginas das tradições intelectuais dominantes seria veiculada pela também veneziana Lucrezia Marinella (1571-1653) na sua obra *La Nobiltà et l'eccellenza delle donne, co' difetti et mancamenti degli uomini*, publicada no mesmo ano, em resposta ao tratado escrito em 1599, por Giuseppe Passi, *I donneschi difetti*, editado em Veneza e Milão.

Em França, uma posição menos radical e mais equitativa seria defendida por Marie de Gournay (1565-1645), uma autora francesa conhecida por ser a “filha adoptiva” de Michel de Montaigne (1533-1592), pelo facto de ter publicado e comentado, em 1595, a terceira edição (póstuma) dos *Ensaio*s deste celebre filósofo. Feminista antes do seu tempo, na sua obra *Égalité des Hommes et des Femmes*, publicada em 1622, Gournay defenderia que os homens e as mulheres eram igualmente humanos<sup>61</sup>, distinguidos apenas pelo sexo, um argumento que apesar de ser evidente no século XXI, não o era contudo no século XVII. A sua posição de inferioridade face aos homens devia-se exclusivamente ao facto de as mulheres serem excluídas da educação. Este seria também o raciocínio adoptado, cerca de cinquenta anos depois, pelo filósofo feminista francês e precursor do iluminismo, François Poulain de la Barre (1647-1723). Na sua obra, publicada inicialmente de forma anónima em 1673, *De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*, este campeão da igualdade social, iria declarar que na sua essência os homens e as mulheres são rigorosamente iguais, já que ambos são criaturas racionais, concluindo assim que: “**a mente não tem sexo**”.<sup>62</sup>

O debate dos dois temas essenciais da *querelle* iria levar a que duas das suas participantes mais tardias, as inglesas Margaret Cavendish (1623-1673) e Mary Astell (1668-1731) viessem a colocar outra questão: “se as mulheres eram de facto iguais em

---

<sup>61</sup> “Os doutores da Igreja de França discutiram séculos a fio, para saber se as mulheres tinham uma alma”. Cf. HEERS, Jacques, 1994, *A Idade Média, uma impostura*, tradução de António Gonçalves, [Lisboa], Edições Asa, p. 21.

<sup>62</sup> KING, 2003, p. 349.

valor e possuíam iguais aptidões para o estudo, de forma a adquirir educação superior, como é que os homens tinham conseguido manter a sua superioridade social?”.<sup>63</sup>

### 3. O fenómeno da mulher letrada

São, de facto, poucas, as autoras femininas que se conhecem antes do despontar da idade moderna e isso deve-se fundamentalmente a três motivos. Primeiro, elas raramente recebiam a educação necessária que lhes permitisse escrever. Em segundo lugar, as mulheres não tinham acesso a funções públicas - fosse como administradoras, advogadas ou notárias, burocratas ou professoras universitárias - o que lhe poderia proporcionar o conhecimento acerca do tipo de assuntos que o público literato gosta que se escreva. Por último, a cultura impunha o silêncio às mulheres, considerando a fala impudica, uma forma de falta de castidade, alicerçada na antiga tradição, que desde a Grécia clássica, passando por Roma e pelo cristianismo eclesiástico, sustentava a teoria aristotélica de que “a mulher se deveria adornar com o silêncio”. Em face destas limitações é extraordinário que alguma ainda se tivesse atrevido a escrever, e aquelas que o fizeram antes do século XIV, foram quase sempre freiras ou religiosas, cujo isolamento tornou as suas declarações mais aceitáveis<sup>64</sup>.

Mas, se raras foram as mulheres que durante a Idade Média conseguiram cultivar as suas capacidades intelectuais, transmitindo através da pena o seu conhecimento às gerações futuras, esse facto torna ainda mais extraordinário o aparecimento em Itália, no século XV, do fenómeno da mulher letrada, prodígio da cultura do Renascimento, que se propagou pelo resto da Europa no século seguinte. Porém, das inúmeras mulheres cultas que se conhece na Itália quatrocentista, fossem elas nobres, cortesãs ou poetisas, poucas foram aquelas que tentaram escrever algo mais que não fossem versos. Isotta Nogarola, considerada a primeira mulher realmente culta do Renascimento<sup>65</sup>, conta-se entre esse escasso número de mulheres que ousaram “pensar em público”, quebrando assim a tradição da mulher silenciosa.

---

<sup>63</sup> KING, 2003, p. 346.

<sup>64</sup> KING, Margaret L. & RABIL JR., Albert, 2004, “The other voice in Early Modern Europe: Introduction the Series”, in NOGAROLA, Isotta, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by Margaret L. King and Diana Robin, Chicago, University of Chicago Press, p. XXIV.

<sup>65</sup> BERTOLOMEU MASIÁ, Maria José, 2007, “Transgredir aquellas reglas de silencio impuestas a las mujeres: Isotta Nogarola e Isabella di Morra”, *Lectora: revista de dones i textualitat*, N° 13, p. 18.

Para a mente renascentista deve ter sido perturbador o surgimento do fenómeno da mulher letrada. Margaret King definiu as mulheres letradas do Renascimento como "milagres divinos, elas eram ao mesmo tempo maravilhosas e terríveis e como prodígios excederam - e violaram - a natureza"<sup>66</sup>. Assim sendo, como lidar então com estas *puellae doctae*<sup>67</sup>, consideradas *lusus naturae*<sup>68</sup>? Segundo Holt Parker "o modo mais fácil de naturalizar estes monstros temporários e controlar a sua potencial sexualidade seria casando-as"<sup>69</sup>. O casamento era frequentemente encarado como a maneira mais simples de calar uma mulher eloquente, ao vedar-lhe o acesso à participação na vida pública. A maternidade, o destino natural das mulheres, acabaria por as impedir de prosseguirem os estudos ou roubar-lhes-ia o tempo livre necessário para escrever.<sup>70</sup> E se não pudessem ser casadas, então elas deveriam ser enterradas. O isolamento num mosteiro ou equivalente, acarretava então o significado simbólico de um enterro em vida. Foi esse o destino de Cecilia Gonzaga e Constanza Barbaro e, na falta de um claustro verdadeiro, António Loschi encerrou Maddalena degli Scrovegni no seu poético *Templo da Castidade*<sup>71</sup>, enquanto que Isotta Nogarola foi forçada a criar a sua própria cela forrada de livros<sup>72</sup>.

Numa época em que a educação feminina estava direcionada para lhes transmitir valores de castidade, decoro, obediência e silêncio, o simples facto de haver mulheres capazes de exprimir ideias próprias afigurava-se como um ato de rebeldia e essa ousadia pagava-se muitas vezes com a ostracização.

### 3. 1. Humanismo feminino

No início do *Quattrocento* o interesse na aprendizagem clássica que viria a ser conhecido como Humanismo espalhou-se a partir de Florença para o norte da Itália,

---

<sup>66</sup> KING, Margaret L., 1980, "Book-Lined Cells: Women and Humanism in The Early Italian Renaissance" in LABALME, Patricia (ed.), *Beyond Their Sex: Learned Women of the European Past*, New York and London, New York University Press, pp. 66-90.

<sup>67</sup> Meninas sábias.

<sup>68</sup> Ilusões da natureza.

<sup>69</sup> PARKER, Holt N., 2007, "The magnificence of learned women", in *Viator*, nº 38, 2, pp. 263-289, p. 2.

<sup>70</sup> No seu ensaio, Holt Parker refere que Agrippa d'Aubigné costumava recitar às suas filhas o seguinte provérbio: "quando o rouxinol tem crias, deixa de cantar". Cf. Agrippa d'Aubigné, *Oeuvres*, ed. Henri Weber, Jacques Bailbé and Marguerite Soulié (Paris 1969) p. 854, cit. por PARKER, 2007, p. 2. Tal como muitos outros factos da natureza, relacionados com o género, este provérbio está errado, pois somente os machos é que cantam.

<sup>71</sup> KING, Margaret L., 1981, "Goddess and Captive: Antonio Loschi's Poetic Tribute to Maddalena Scrovegni (1389), Study and Text", in *Medievalia et Humanistica*, New Series, Nr. 10, (Paul Maurice Clogan ed.), Rowman and Littlefield. Totowa, NJ, pp. 103-127.

<sup>72</sup> KING, 1980.

chegando às cortes principescas, assim como à republicana Veneza e às cidades do continente por ela controladas. Assistiu-se igualmente à entrada das mulheres nos círculos culturais. Conseguiram-no através da aprendizagem do latim e participando nos programas de estudos humanistas. O humanismo foi, de facto, a porta de entrada para a total participação feminina na vida intelectual. No entanto, os humanistas eram maioritariamente do sexo masculino. Para eles, as ideias eram uma parte da vida cívica, e esta estava imbuída de reflexão. Porém, para aquelas poucas mulheres, que adquiriram a formação necessária para seguirem os estudos humanistas, a situação era diferente: elas não eram livres para participar na vida pública<sup>73</sup>.

Mas afinal, o que é o humanismo renascentista, o que é ser humanista e como é que o movimento humanista se enquadra na evolução cultural do Ocidente?

Segundo Margaret L. King, os estudiosos ainda não chegaram a um acordo acerca da primeira questão, mas existe um consenso em certas matérias essenciais: o humanismo renascentista não foi uma filosofia. Não implicava a existência de um conjunto comum de princípios acerca do mundo natural, político ou social mas seria antes um modo de vida, caracterizado pela exaltação dos valores humanos, dando assim nova dimensão ao homem, envolvendo “um compromisso com o mundo das ideias orientadas - dominadas, imitadas e em certa medida decretadas – pelos clássicos, os quais deveriam ser lidos no latim original (mais raramente no grego) em comunidades que se reuniam em casas e escolas e partilhavam espaços públicos”<sup>74</sup>. Com o renascimento da literatura clássica assistiu-se à renovação da confiança nas capacidades do ser humano e na aplicação do seu livre-arbítrio para determinar por si mesmo o que é verdadeiro e o que é falso, na tomada de decisões e na construção de seu próprio futuro.

Os humanistas liam e interagiam com a tradição clássica. O seu trabalho era caracterizado pelos *studia humanitatis* - gramática latina, retórica, poesia, história e filosofia - e implicava o estudo e tradução de textos clássicos, essencialmente em latim e grego. Desse labor meticuloso e criativo de inspiração clássica, nasceu uma nova valorização do ser humano, originada na necessidade de procurar a verdade por meio do uso da razão, fundamentada na observação e explicação dos factos e fenómenos do dia-

---

<sup>73</sup> KING, 2003, p. 85.

<sup>74</sup> KING, Margaret L., 2014, *Renaissance Humanism: An Anthology of Sources*, edited and translated, with an Introduction, by [...], Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis / Cambridge, p. ix.

a-dia. Os intelectuais humanistas caracterizavam-se pela abrangência de conhecimentos de que eram dotados, já que não se especializavam numa única área de conhecimento.

As raízes da tradição clássica que os humanistas reintroduziram na Europa podem ser encontradas no produto da fusão das civilizações grega e romana que triunfou da ascensão política de Roma e que persistiu quando o cristianismo se instalou no seu seio, antes do Império Romano se ter dividido e a metade Ocidental ter iniciado a sua decadência. Os filósofos cristãos incorporaram o pensamento clássico num novo conjunto de obras cristãs, dos mestres da literatura secular, escritas nos mesmos moldes, tanto em latim como em grego. Assim, as culturas latinas e gregas conseguiram sobreviver envoltas num invólucro cristão.

No século XIV, Petrarca e Boccaccio viram os seus caminhos cruzados e tornaram-se amigos, dedicando-se ambos ao renascimento do passado clássico. Eles leram textos antigos e descobriram novos, compondo cartas e tratados e compilando biografias de grandes homens e mulheres do mundo antigo, transformando o mundo do conhecimento que seria herdado pela geração dos seus seguidores. O humanismo, dedicado à recuperação, reprodução e amplificação da cultura clássica era agora o movimento intelectual dominante da época, “primeiramente da Itália, pelo menos por agora, mas em breve de toda a Europa”<sup>75</sup>.

Na região altamente urbanizada do norte de Itália, surgiria um público ávido das ideias humanistas, onde nobres e burgueses abastados possuíam fortuna para gastar na educação dos seus promissores filhos, e onde príncipes e cidades-estado ofereciam emprego a poetas e pensadores que possuíssem o dom da palavra.

No século XV, uma elite de jovens educados nos clássicos estendia o alcance do humanismo a todos os cantos da vida contemporânea. Eles escreviam cartas uns aos outros acerca de variados tópicos, compunham e proferiam discursos para celebrar a chegada de reis e bispos, os casamentos dos seus pares e a assinatura de tratados. Compunham tratados e diálogos abordando assuntos diversos, desde a condição humana, a família, o Estado, a morte, a nobreza e a educação, entre outros. Escreviam as histórias de Roma, Veneza e Florença e compunham poemas sobre todo o género de temas, desde o sagrado ao erótico. Pegavam nos trabalhos de Aristóteles - cujas versões latinas do grego estavam pejados de termos árabes, traíndo a sua origem – e traduziam-nos para um latim fluído e cuidado. Analisando vários manuscritos com textos latinos

---

<sup>75</sup> KING, 2014, p. x.

clássicos, livravam-nos dos erros e provinham-nos com anotações, dissertando sobre os mesmos em termos universitários até então reservados apenas para a discussão de leis, metafísica e teologia.

Dentro do contexto histórico e cultural, o movimento humanismo marcou uma transição cultural que nasceu no início do *Quattrocento* e se expandiu pela Europa até ao eclodir do Renascimento. A expansão deste movimento levou à fundação de academias, bibliotecas e teatros em Roma, Florença, Nápoles, Paris e Londres, processo esse que ganhou um novo alento com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, por volta de 1439.

O aparecimento do humanismo marcou a transição de uma Europa caracterizada por valores consubstanciados pelo modelo de produção feudal, característico da Idade Média, para sociedades e culturas voltadas para uma nova realidade mercantil, dando lugar, assim, ao surgimento da burguesia e à substituição da economia de subsistência feudal pelas atividades comerciais.

O ressurgimento da cultura clássica nos moldes greco-romanos, a qual tinha sido esquecida durante a maior parte da Idade Média, teve como resultado, entre outros, a substituição do pensamento teocêntrico - Deus como centro de todas as reflexões - pelo antropocentrismo - o homem como centro de todas as coisas e necessidades - levando a que a Igreja perdesse parte de sua imensa influência na governação dos povos, a qual foi gradualmente transferida para o poder secular dos reis e para as instituições públicas do Renascimento.

As primeiras mulheres que se conhecem, que se envolveram em atividades humanistas, pertenciam à pequena nobreza associada às cortes e às cidades do norte da Itália. Eram mulheres que tinham fortuna e tempo livre para estudar, e que estavam protegidas, pela sua condição social, das críticas com que a mulher comum poderia ter deparado.

Antes da viragem para o século XV, Maddalena degli Scrovegni (1356-1429), uma mulher pertencente à nobreza de Pádua, ficou célebre pelo seu conhecimento da literatura latina e pela sua participação em discussões com os *literati* que frequentavam a casa do seu pai.

Maddalena é uma das primeiras figuras da tradição renascentista de mulheres humanistas. De facto, segundo King, é provável que a tradição tenha começado com ela. Tal como muitas das suas sucessoras, as suas expectativas nunca foram cumpridas e as

suas ambições – se as teve – nunca foram realizadas<sup>76</sup>. Porque motivo? Nunca o saberemos, mas é possível que o tributo prestado por Loschi à sua castidade tenha tido alguma responsabilidade, ao travar as suas ambições intelectuais. A sua *Domus pudicitiae* constitui um dos primeiros marcos para definir a figura da mulher letrada do Renascimento italiano. E ao defini-la, limitou-a<sup>77</sup>.

A redação de *Domus pudicitiae* teve lugar num contexto de acontecimentos políticos. Tanto Loschi como Maddalena descendiam de famílias nobres, respectivamente de Vicenza e de Pádua, envolvidas nos tumultos que a expansão milanesa trouxe para o norte de Itália, no final do século XIV. Após as suas cidades terem sido capturadas por Giangaleazzo Visconti, ambas as famílias passaram para a facção do conquistador. Após a conquista de Pádua, Enrico Scrovegni, foi nomeado para levar a notícia da vitória a Giangaleazzo, tendo encarregue a irmã, Maddalena, de redigir a carta de felicitações ao príncipe vitorioso. A resposta a esta carta, por sua vez, foi composta por Loschi, o qual, impressionado com a virtude e os conhecimentos da jovem, decidiu posteriormente endereçar-lhe outra carta, esta de natureza pessoal, e escrita em seu próprio nome. Mais tarde, Loschi completaria o seu tributo ao compor o poema que lhe endereçou intitulado *Domus pudicitiae*.

No seu poema, Loschi escolhe, de entre o vasto naipe de virtudes que lhe reconhece, não a eloquência, a inteligência ou a sabedoria, mas a castidade de Maddalena para louvar, ao se propor a construir-lhe um “Templo de Castidade”, tendo a poesia como fundação. Descrevendo-a como a personificação da castidade, o “templo” construído por Loschi seria a mente de Maddalena, no qual ela se abrigaria como uma forte mas cativa deusa. Através destas estranhas associações, a erudição da jovem fica vinculada à sua castidade, pela qual ela ganha o apreço do poeta. Assim, em vez de imortalizar a sua sabedoria e os seus conhecimentos, que fazem dela única, ele opta por louvar a sua castidade, algo que na época se esperaria de qualquer mulher que respeitasse os padrões estabelecidos de comportamento feminino.

A associação da castidade com a inteligência e a força viril tornou-se a visão típica das mulheres letradas do Renascimento, por parte dos humanistas. Esta imagem expressa o respeito que os humanistas lhes tinham, mas também o receio, e em resposta a esse receio, o desejo de as conter através de rígidas exigências de castidade<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> KING, 1981, p. 104.

<sup>77</sup> KING, 1981, p. 104.

<sup>78</sup> KING, 1981, pp. 105-108.

De igual modo, Constanza Varano (1428-1447) era suficientemente versada em latim, para demonstrar o seu domínio desta língua discursando publicamente em 1442, quando contava apenas 14 anos, perante o Duque de Milão, Francesco Sforza, a favor do seu irmão Rodolfo<sup>79</sup>, por ocasião da visita a Pesaro da sua futura cunhada, Bianca Maria Visconti, a qual tinha casado com o duque no ano anterior<sup>80</sup>. O pai de Constanza, Piergentile da Varano, tinha sido executado em 1433, durante uma disputa familiar pelo controlo da cidade de Camerino. A sua mãe, Elizabeta, fugiu com Constanza, com o seu irmão e herdeiro, Rodolfo, e outras duas crianças para Pesaro, a cidade natal do seu marido e do seu avô Galeazzo Malatesta.

Em 1443, Francesco Sforza, ordenou que Camerino fosse devolvida a Rodolfo, e no ano seguinte Constanza casou com o irmão mais novo de Francesco, Alessandro Sforza. Este casamento faria parte de um acordo para estabelecer as pazes de uma longa disputa entre os Malatesta de Rimini (apoiados pelo Papa Eugénio IV) e os Malatesta de Pesaro, em que Galeazzo venderia Pesaro aos Sforza, cedendo o senhorio a Alessandro. No entanto, é possível que tivesse sido mais do que um casamento de conveniência, pois Alessandro há muito que estava apaixonado por Constanza, mas não possuía terras, pelo que a aquisição de Pesaro destinava-se a conquistar a sua amada<sup>81</sup>. Em 1446 Constanza deu à luz uma filha e no ano seguinte morreu de parto.

Tal como o título do ensaio de Holt Parker sugere, uma das características mais fascinantes de Constanza Varano foi o uso do seu domínio do latim como “instrumento de Estado”, tal como já o tinha feito a sua avó Battista Montefeltro Malatesta. Ela usou os seus discursos e os seus poemas, perante uma audiência, para exigir dos poderosos o cumprimento das promessas feitas à sua família, e tal como a avó, serviu-se da sua influência para conseguir a devolução de terras e títulos ancestrais. Constanza chegou incluso a escrever ao Papa para interceder pelo seu avô Galeazzo, após este ter sido excomungado em 1446<sup>82</sup>.

---

<sup>79</sup> Nesta ocasião Guiniforte Barzizza enviou-lhe uma carta de felicitações e a fama da sua eloquência espalhou-se por toda a Itália. Vid. CANNON, Mary Agnes, 1916, *The education of Women during the Renaissance*, Washington D.C., National Capital Press, p. 8.

<sup>80</sup> PARKER, Holt N., 1997, "Latin and Greek Poetry by Five Renaissance Italian Women Humanists", in Barbara K. Gold, Paul Allen Miller, and Charles Platter (eds.), *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*, Albany, State University of New York Press, pp. 247-286, p. 266.

<sup>81</sup> PARKER, Holt N., 2002b, "Constanza Varano (1426-1447): Latin as an instrument of State", in Laurie Churchill, Phyllis R. Brown, and Jane E. Jeffrey (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*, New York, Routledge, pp. 31-53, pp. 31-32

<sup>82</sup> PARKER, 2002b, p. 32.

É provável que tivesse sido encorajada pela avó, Battista Montefeltro Malatesta (1383-1450), filha dos senhores de Urbino, conhecida por compor versos. Aparentemente, esta nobre dama terá tomado conhecimento do humanismo como um movimento literário e aspirou poder fazer parte dele. Os seus conhecimentos de latim haviam-lhe permitido discursar em 1433, quando o Sacro Imperador Romano, Segismundo, passou por Urbino. Leonardo Bruni (c.1370-1444), o chanceler humanista de Florença, endereçou-lhe uma carta, *De studiis et litteris*, em 1424, com conselhos para a prossecução dos seus estudos. Numa época misógina, que limitava grandemente as oportunidades das mulheres, é extraordinário que um intelectual do seu estatuto assumisse que a capacidade natural feminina era suficiente para evoluir em estudos humanistas avançados. Segundo Bruni, a única disciplina humanista que seria inútil para a sua progressão académica seria retórica: ele considerava uma perda de tempo estudá-la, pois uma mulher “nunca veria o fórum” (o espaço público onde os oradores da Roma antiga discursavam). Importa salientar a ironia deste conselho, pois uma das atividades dos primeiros humanistas era compor discursos no estilo clássico. Porém, **o papel de orador não estava** – excepto em escassos casos – **aberto às mulheres**.<sup>83</sup>

Quarenta anos mais tarde o erudito humanista veneziano Lauro Quirini (c.1420-c.1475/1479), que se encontrava a estudar filosofia na Universidade de Pádua, endereçava a Isotta Nogarola (1418-1466) uma carta remanescente daquela que Bruni tinha enviado a Battista Malatesta.

Oriunda de uma importante família de Brescia, Laura Cereta (1469-1499) foi uma das mais empenhadas defensoras das mulheres, em especial das escritoras. Tendo enviuvado cedo, isso permitiu que dedicasse toda a sua atenção aos estudos humanistas, demonstrando a sua competência para proferir discursos e escrever cartas, as quais iriam mais tarde circular amplamente. Estas atividades iriam ser fortemente criticadas, não só por parte dos homens, como também pelas mulheres. Em resposta, Cereta defendia as aptidões femininas para o estudo e louvava os benefícios da educação, encorajando outras mulheres a trilhar o “longo e duro caminho do conhecimento”.

Todas as cartas de Laura Cereta que se encontram publicadas numa edição de I. F. Tomasini de 1640<sup>84</sup> foram escritas entre julho de 1485 e março de 1488, ou seja, quando ela tinha entre dezasseis e dezoito anos. Laura tinha casado com Pietro Serina,

---

<sup>83</sup> KING, 2003, p. 86.

<sup>84</sup> CERETA, Laura, 1640, *Laurae Ceretae Brixienensis Feminae Clarissimae Epistolae jam primum e manuscriptis in lucem productae*, Ed. Iacopo Filippo Tomasini, Padova, Sebastiano Sardi.

um empresário local, quando tinha apenas quinze anos, tendo o marido morrido de peste cerca de 18 meses após o casamento. Parte das cartas foram escritas antes da morte do marido e outras depois. Naquelas que foram redigidas cerca de seis meses após enviuar, Laura descreve a dor da perda e afirma que recuperou o seu espírito, não pelo choro, mas pela razão, isto é, mergulhando mais uma vez nos estudos, que ela havia temporariamente abandonado, após a morte de Pietro.

É particularmente significativa uma das suas cartas, que reflete as dificuldades sentidas pelas mulheres letradas para serem reconhecidas como intelectuais, numa sociedade que não lhes dá qualquer apreço, e onde se incluía o seu próprio género. Na sua “*Epístola a Lucília Vernácula*”, Laura Cereta, ridiculariza as mulheres sem instrução que criticam as mulheres cultas, salientando que o seu comportamento não só prejudica todo o sexo feminino, como também a elas próprias. De notar que Cereta se refere a estas mulheres, como alguém que só fala a língua vulgar (vernácula), daí a utilização irónica do apelido “Vernácula”<sup>85</sup>.

De um modo geral, as suas cartas refletem os valores de uma mulher que se dedica ao estudo e tem de lutar contra as pressões sociais ao fazê-lo. Elas constituem uma das afirmações mais fortes do intelecto feminino e do "direito" das mulheres para se dedicarem aos estudos humanistas, que pode ser encontrado entre as mulheres letradas do *Quattrocento*.

Cassandra Fedele (1465-1558) foi outra grande humanista italiana do Renascimento. Proveniente de uma família de intelectuais venezianos da classe média, com um historial de serviço na burocracia do estado, a sua atividade intelectual desenrolou-se sobretudo antes de casar e após enviuar e, tal como as suas antecessoras, centrou-se no género humanista mais usual, que privilegiava as cartas e os discursos. É particularmente impressionante o seu discurso proferido diante do *doge* e do senado veneziano em louvor das artes liberais, sobretudo se levarmos em linha de conta que se trata de uma mulher que sai em defesa do programa humanista. Para a audiência desse dia, deve ter sido extraordinário assistir ao discurso de uma mulher – num local onde elas virtualmente nunca apareciam – falando acerca de tais matérias, quando apenas algumas mulheres estudavam latim e menos ainda tinham a possibilidade de seguir

---

<sup>85</sup> CERETA, Laura, 1992, “Letter to Lucilia Vernacula: Against Women Who Disparage Learned Women,” en *The Civilization of the Italian Renaissance*, ed. Kenneth R. Bartlett, Lexington: D. C. Heath & Company, p. 295.

estudos clássicos avançados que lhe permitissem proferir um discurso humanista.<sup>86</sup> Este evento foi tão excepcional que quase de imediato o seu texto foi publicado (1488), tendo sido feitas várias edições do mesmo tanto em Itália como na Alemanha.

Cassandra Fedele foi provavelmente a humanista que maior notoriedade alcançou no seu tempo, fama essa que ultrapassou incluso as fronteiras da sua pátria. Segundo Margaret King, o seu pai, o seu avô e o seu bisavô pertenciam a uma genealogia de humanistas que gozava de uma notória reputação pelo seu conhecimento, e que ostentavam o estatuto de *cittadini originari*. O pai de Cassandra, assim como outros membros do clã Fedele detinham importantes posições como secretários, advogados e clérigos, as primeiras das quais apenas eram acessíveis a uma minoria de cidadãos privilegiados, e cuja ascensão na carreira dependia não só da competência mas também do apoio de patronos<sup>87</sup>.

No último quartel do século XV, durante a juventude de Cassandra, a fama humanista do seu pai tinha-lhe granjeado os favores da elite sofisticada que entre os aristocratas de Veneza patrocinava as artes e as letras. Para Ângelo, o pai de Cassandra, a inteligência da sua filha representava um poderoso instrumento para a sua própria ascensão nos círculos intelectuais e conseqüente busca de reconhecimento. Enquanto o seu filho, cujos sucessos intelectuais se situavam numa média adequada para os varões da família Fedele, dificilmente serviria para este objectivo, uma filha letrada, por seu lado, representava um prodígio, uma *puella docta*, uma autêntico fenómeno da natureza, numa era que admirava o génio, especialmente quando esse se manifestava nas suas formas mais raras<sup>88</sup>.

Assim, a refinada educação que proporcionou à filha, treinando-a nas artes humanistas, almejava transformá-la num símbolo do prestígio da sua própria família. Cassandra estudou latim e grego com o teólogo e humanista Gasparino Borro, sendo-lhe até mesmo permitido dar prioridade a esses estudos sobre a aprendizagem das lides domésticas, que usualmente constituíam a educação das jovens venezianas. Com a idade de doze anos, a jovem já dominava o latim, retórica, história, alguns elementos de filosofia, e aquilo que seria sem dúvida a leitura mais apropriada para uma mulher letrada: os estudos sagrados.

---

<sup>86</sup> KING, Margaret L., 2003, *The Renaissance in Europe*, [London], Laurence King, pp. 88-89.

<sup>87</sup> KING, Margaret L., 2005, "Petrarch, the Self-Conscious Self, and the First Women Humanists", in *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 35-3 (Fall 2005), pp. 537-558, p. 546.

<sup>88</sup> KING, 1976, p. 295.

A sua jovem carreira foi pontuada por várias aparições públicas, tais como o discurso proferido na Universidade de Pádua, para o povo de Veneza e perante o *doge*, Agostino Barbarigo. Juntamente com o seu orgulhoso pai, Cassandra, que tinha conquistado os favores do *doge*, tornou-se convidada habitual dos banquetes por ele oferecidos, onde tinha a oportunidade de brilhar no meio do círculo de intelectuais, poetas e escritores venezianos.

O ponto mais alto da sua fama internacional foi atingido quando a rainha Isabel de Aragão e Sicília a convidou para se juntar à sua corte. No entanto, Cassandra viu-se obrigada a declinar tão grande honra, quando um édito especial emitido pelo senado de Veneza, a proibiu de abandonar a cidade, decretando-a património público<sup>89</sup>. Segundo Mercedes Arriaga Floréz, “este facto é ilustrativo do mito que as cidades italianas criaram em torno das suas mulheres cultas considerando-as um símbolo da sua terra natal: Cassandra Fedele de Veneza, Isotta e Ginevra Nogarola de Verona, Laura Cereta de Bréscia, Constanza Varano de Pesaro, Batista de Montefeltro Malatesta de Urbino, Ipolita Sforza de Milão, etc.”<sup>90</sup>.

Em 1491, quando Cassandra tinha vinte e seis anos, o poeta e humanista florentino Ângelo Poliziano chamou-lhe *cosa mirabilis*, uma espécie de “joia” de Itália, a qual lhe seria tão querida como o génio heroico de Giovanni Pico della Mirandola, o qual Poliziano considerava ser o mortal mais brilhante e mais excelente em todos os ramos do conhecimento. Aclamada por monarcas e intelectuais, o êxito alcançado por Cassandra é, no entanto, segundo Margaret King, perturbador, pois se analisada com mais pormenor, verifica-se que a sua obra intelectual é medíocre. A sua escrita é muito convencional e apesar de demonstrar uma sólida mestria na redação, apresenta poucas ideias originais, pouca emoção e os seus discursos são muito monótonos e repetitivos. É caso para se concluir que Cassandra recebeu uma maior atenção e louvor do que o que realmente merecia, contrastando com Isotta Nogarola, cuja genuína criatividade nunca foi reconhecida pelo público. A sua fama foi devida sobretudo à busca do pai por prestígio e à ansiedade da aristocrática cultura veneziana em possuir outro símbolo de excelência cívica – neste caso uma mulher sábia.

Quando atingiu uma idade – trinta e três anos – em que já não podia causar admiração pela sua precocidade, aliada à sua beleza e talento, como a *decus Italiae virgo* elogiada por Poliziano, Cassandra deixou de ser útil para os objetivos do clã

---

<sup>89</sup> KING, 1976, p. 296.

<sup>90</sup> ARRIAGA FLORÉZ, 2013, p. 10.

Fedele. O seu pai tratou de a casar com um jovem físico de Vicenza, amigo da família, pondo fim assim à sua produção intelectual<sup>91</sup>.

Cassandra Fedele viveu até à extraordinária idade de noventa e três anos. Durante o seu percurso de vida, Olympia Morata (1526-1555) a filha de Fulvio Pellegrino Morato, um conselheiro humanista do duque de Ferrara, Ercole II d'Este, iria nascer, viver e morrer. Morata, tendo recebido instrução ministrada pelo próprio pai numa idade muito precoce, já tinha publicado obras em latim e grego quando, em 1549 ou 1550, abandonou a corte de Ferrara, perseguida pela Inquisição devido às suas crenças protestantes. Em 1550 casou com Andreas Grunthler (ou Grundler) um físico alemão convertido ao luteranismo, com o qual fugiu para a Alemanha, onde continuou a ler, escrever e até mesmo a ensinar em grego<sup>92</sup>. Faleceu em consequência de uma enfermidade, provavelmente tuberculose, contraída durante o cerco de Schweinfurt, um dos incidentes da guerra religiosa em que a Europa se encontrava então mergulhada. Os seus trabalhos seriam publicados postumamente (já então na era da imprensa) por um académico, amigo da sua família. Com Morata, uma das mulheres mais cultas do seu tempo, a cadeia do humanismo feminino italiano chegou ao fim. Salta, porém, à vista que, apesar do seu inegável mérito, as eruditas da Renascença permaneceram marginalizadas do resto da cultura humanista, sem poder participar ativamente nos círculos intelectuais e nos debates importantes, reduzidas assim ao género celebrativo.

O fenómeno do humanismo feminino no Renascimento italiano é limitado, pois apenas uma escassa dúzia de mulheres pode ser convenientemente identificada com o humanismo, mas a sua importância é indiscutível. Com exceção de Christine de Pizan, as humanistas italianas contam-se entre os primeiros autores de qualquer época ou género, que tornaram pública a questão da capacidade feminina para adquirir educação, assim como para a total participação das mulheres em todas as atividades humanas. As suas ideias espalhar-se-iam durante os séculos XVI e XVII, tendo alcançado a era moderna e continuado a fluir através da corrente feminista.

---

<sup>91</sup> KING, 1976, p. 297.

<sup>92</sup> PARKER, Holt N., 1997, "Latin and Greek Poetry by Five Renaissance Italian Women Humanists", in Barbara K. Gold, Paul Allen Miller, and Charles Platter (eds.), *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*, Albany, State University of New York Press, pp. 247-286, p. 269.

### **3.2. Silêncio virtuoso ou virtude silenciosa: O debate entre a eloquência e a castidade**

Desde a Antiguidade que a cultura tradicional europeia considera a castidade como a quintessência da virtude feminina, contrastando com a coragem, generosidade ou liderança, usualmente consideradas as virtudes características do homem. Por outro lado, os detratores das mulheres acusam-nas de luxúria, gerando nestas e nos seus defensores, sentimentos de revolta e a necessidade de provar a sua capacidade de permanecer casta.

Esta exigência da castidade feminina serviu, ao longo dos tempos, para manter as mulheres em casa, isolando-as e silenciando-as, vedando-lhes o acesso à educação e mantendo-as na ignorância. Quais são então os fundamentos de tal exigência, por parte de uma sociedade masculina a quem a castidade não é exigida, e cujos membros muitas vezes se julgam no direito de violar a de qualquer mulher com quem se cruzem?

A castidade feminina foi desde sempre encarada como uma exigência para assegurar a continuidade do modelo de família patriarcal. Se uma esposa não for casta, o marido não pode ter a certeza da legitimidade da sua prole e se o seu herdeiro não for do seu sangue, o seu património é transmitido para uma linhagem que não é a sua. Por outro lado, se a sua filha não for pura ele não a pode casar e fica desonrado. Assim, todo o sistema da integridade da linhagem e da transmissão de propriedade assenta na castidade feminina. Esta exigência, no entanto, era exclusiva das classes altas e dos proprietários. As mulheres pobres não podiam esperar conseguir manter a sua castidade, especialmente se estivessem em contacto com homens de um estatuto superior, para quem todas as mulheres, com exceção das da sua própria família, eram potenciais presas.<sup>93</sup> O catolicismo iria ainda reforçar a exigência da castidade por imperativos morais e religiosos, pois estando a concepção do pecado original intimamente ligada com o ato sexual, a virgindade era vista como virtude heroica<sup>94</sup>.

Na Europa renascentista, a reivindicação da palavra, por parte das mulheres, também tinha uma conotação sexual, pois através da fala a mulher podia seduzir o homem, tal como Eva seduziu Adão. Assim, uma mulher honesta falava pouco, sendo o excesso discursivo sinónimo de falta da castidade. Uma mulher que falava muito era

---

<sup>93</sup> KING & RABIL JR., 2004, p. XXVI.

<sup>94</sup> KING & RABIL JR., 2004, p. XXVIII.

considerada uma mulher indecente, sensual, lasciva ou imoral. As bruxas, por exemplo, eram frequentemente acusadas de falar abusivamente, irracionalmente, ou simplesmente, demasiado. E a ousadia de Isotta Nogarola em querer participar publicamente na vida intelectual, através da troca de correspondência com outros humanistas, provocou a fúria de quem a queria silenciada, acusando-a de promiscuidade e, inclusivamente, incesto.

Esta tenebrosa associação entre a erudição e a imoralidade, levaria a que muitas mulheres letradas escondessem a sua instrução, ou em alternativa, proclamassem uma castidade heroica exagerada. Mas, se as mulheres letradas foram perseguidas com suspeitas de má conduta sexual, as mulheres que procuravam instrução enfrentavam um obstáculo ainda mais assustador: a suposição de que as mulheres eram, por natureza, incapazes de aprender, que o raciocínio era uma aptidão essencialmente masculina. Assim, ao mesmo tempo que proclamavam a sua castidade, as mulheres e os seus defensores insistiam na sua capacidade para aprender.

Por outro lado, intelectuais como Francesco Barbaro, por exemplo, insistiam no silêncio feminino, associando-o à submissão da mulher à vontade do marido, como sinal da sua virtude imaculada. Num dos primeiros tratados escritos sobre a família e o amor conjugal, Leon Battista Alberti, um dos humanistas mais conceituados do século XV, escrevia:

“A honestidade da mulher foi sempre um ornamento da família; a honestidade da mãe foi sempre parte do dote das filhas; a honestidade delas valeu sempre mais que a beleza [...] foi sempre adorno de seriedade e de cortesia numa mulher ser taciturna; sempre foi mau costume e princípio de loucura a mulher falar demasiado”<sup>95</sup>.

Em 1424, em *De studiis et litteris*, a carta que endereçou a Battista Montefeltro Malatesta aconselhando-a acerca dos seus estudos, Leonardo Bruni, outro humanista italiano, advertia-a para se abster de falar em público, atividade essa que estava reservada para os homens.

As humanistas que escrevem cartas públicas a outros intelectuais estão conscientes da sua transgressão<sup>96</sup>. Orazio D’Uva assinala esse facto dizendo que é patente em muitas das cartas de Isotta Nogarola que ela tinha consciência de que estava

---

<sup>95</sup> ALBERTI, Leon Battista, 1994, *I Libri della famiglia*, 1434. Edição moderna de Ruggiero Romano, Alberto Tenenti, 1994, p. 45.

<sup>96</sup> ARRIAGA FLORÉZ, 2013, p. 9.

transgredindo a regra que impunha o silêncio às mulheres<sup>97</sup>. Esta ideia está patente, de forma irónica, numa das cartas que a humanista endereçou a Ludovico Foscarini:

"Mas o que devo fazer, tecer os teus elogios gaguejando as palavras? Ponho fim a eles para não confirmar o julgamento daqueles que afirmam nunca terem conhecido uma mulher muda"<sup>98</sup>.

A estreita relação entre o silêncio e a castidade, fazia com que as mulheres eloquentes fossem acusadas de não serem castas, proibindo-as de participar nos debates públicos, motivo pelo qual muitas das meninas-prodígios, as *puellae doctae*, educadas de acordo com o cânone do Humanismo, deixam os seus estudos quando chegam à idade adulta. Assim, a educação humanista que recebiam mais do que uma vantagem constituía um obstáculo, face ao modelo de comportamento do século XV, que insistia no silêncio e na castidade, associando-os, como as principais virtudes femininas. Para quê então iniciar estas mulheres nos *studia humanitatis* se as meninas-prodígios ao atingirem a idade de se tornarem *mulieres eruditae* se tornam antes mulheres silenciadas? Para quê cultivar o génio e a mente feminina e depois refreá-los? Será caso para colocar a mesma questão que inquietou a investigadora Lisa Jardine no seu ensaio: para quê educá-las?<sup>99</sup>

### 3.3. *De Magnificentia*

Paradoxalmente, um dos grandes mistérios do humanismo feminino reside no facto de que, apesar das severas restrições impostas às mulheres letradas acerca de falar em público, é precisamente aí que as encontramos: discursando pública e formalmente em latim, para chefes militares, reis e papas, ou seja, usando o “latim como instrumento de Estado”, para fins de intervenção política. Segundo Holt Parker, o conceito de

---

<sup>97</sup> UVA, Orazio d', 1904, *Un'erudita del secolo XV (Isotta Nogarola) e la falsa leggenda de suoi amori*, Trani, V. Vecchi Tip. Edit., p. 26.

<sup>98</sup> GOTHEIN, Percy, 1943, “L'amicizia fra Ludovico Foscarini e l'umanista Isotta Nogarola (I)”, *La Rinascita* 6, n.ºs. 32-33, pp. 394-413, p. 396.

<sup>99</sup> JARDINE, Lisa, 1983, “Isotta Nogarola: Women Humanists – Education for What?” *History of Education*, Nr. 12, pp. 231-244.

magnificência poderá ajudar a explicar o paradoxo das mulheres letradas do Renascimento<sup>100</sup>.

Para melhor compreender a importância deste conceito e como ele se pode aplicar na resolução deste mistério, importa remontar às origens da palavra para tentar perceber em que consiste, quem é que pode ser magnífico, como é que pode demonstrar magnificência e, sobretudo, com que finalidade.

*Magnificentia* - conceito central que poderá ser interpretado, em termos filosóficos, como “realizar grandes obras”, se levarmos em linha de conta a etimologia do termo *magnum facere* - era considerada como uma espécie de nova virtude durante o Renascimento<sup>101</sup>.

Nem todos tinham a capacidade de ser magníficos, como é lógico, por isso a magnificência estava reservada para aqueles que possuíam uma riqueza ancestral, a qual seria patenteada em celebrações públicas, como casamentos e sacrifícios religiosos<sup>102</sup>. Aristóteles, na sua *Ética a Nicómaco*, sustentava que a magnificência era uma virtude especial porquanto “o magnânimo é um extremo com respeito à grandeza de suas pretensões, mas um meio-termo no que tange à justeza das mesmas; porque se arroga o que corresponde aos seus méritos, enquanto os outros excedem ou ficam aquém da medida”<sup>103</sup>.

Por outro lado, S. Tomás de Aquino, consciente de que esta afirmação contradizia a definição de virtude como “um ponto no meio dos extremos”, adiantava que “a magnificência consiste num extremo se considerarmos a magnitude do que se deve fazer. Em contrapartida, consiste no meio, segundo a regra da razão, que não é quebrado nem por defeito nem por excesso”<sup>104</sup>. Este argumento justificava plenamente a existência da virtude da magnificência, pura e exclusivamente, porque a ela se devia a realização de grandes obras.

---

<sup>100</sup> PARKER, 2007, p. 3.

<sup>101</sup> Para a magnificência nas artes veja-se os trabalhos de Alison Cole e de Lisa Jardine. Cf. COLE, Alison, 1996, *Virtue and Magnificence: Art of the Italian Renaissance Courts*, New York, Prentice Hall College Div; JARDINE, Lisa, 1998, *Wordly Goods: A New History of the Renaissance*, New York, W.W. Norton & Company.

<sup>102</sup> ARISTÓTELES, 1991, *Ética a Nicómaco*, Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross, São Paulo, Nova Cultural, p. 79

<sup>103</sup> Cf. ARISTÓTELES, 1991, p. 82.

<sup>104</sup> *S.Th.*, II-II, q. 134, a. 1, ad. 2: Cit. por NOLLA, José Francisco, 2005, “La magnificencia y su relación con la generosidad”. *La virtud de la generosidad según Santo Tomás de Aquino*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, disponível em <https://www.unav.es/tmoral/virtudesyvalores/> [consultado em 2014. 08. 28], p. 8.

Este conceito de magnificência fez parte do quadro intelectual da nobreza feudal e foi rapidamente adotado pelos humanistas do Renascimento, em cujas mãos se mostrou muito valioso na celebração da generosidade dos ricos, exortando-os a novos esforços. Cerca de 1497, Giovanni Sabadino degli Arienti, no seu *De triumphis religionis*, escreve a Ercole I d'Este, elogiando-lhe:

“A grande virtude da magnificência, que demonstra em tudo, com glória singular, porque pensa que beneficia não só a religião, mas também o seu sangue ilustre. Magnificência, portanto, deveria ser considerada como um conjunto de coisas que são sumptuosas, grandes e sublimes. Como o próprio nome indica, é grandeza e generosidade gastar ouro e prata em coisas eminentes, elevadas e divinas, como convém ao magnífico, mas sempre de acordo com a condição e estatuto do homem”<sup>105</sup>.

À magnificência pode-se acrescentar a paixão renascentista na ostentação de *curiosa* (curiosidades). Esta foi uma época em que os ricos e poderosos se encantavam com as aberrações da natureza, fossem humanas ou outras, e estavam preparados para dispor de recursos consideráveis para adquirir o que houvesse de mais raro. Essa ostentação fazia parte integrante da magnificência e os animais exóticos, em particular, tornaram-se símbolos importantes dessa predileção, usados muitas vezes como ofertas magníficas trocadas entre príncipes e reis<sup>106</sup>.

A magnificência, contudo, não era meramente demonstrativa mas também competitiva. *Magna* esforçava-se constantemente para se tornar *maiora*. Não bastava ser apenas esplêndido, mas, sobretudo, mais esplendoroso do que os seus rivais. O retrato que Guicciardini traça de Lourenço de Médici, que ficou conhecido por Lourenço, *o Magnífico*, é um excelente exemplo:

“Ele desejava a glória e a excelência mais do que qualquer outro, no que pode ser censurado por ter tido demasiada apetência mesmo pelas coisas mais pequenas, pois não queria ser igualado ou imitado por qualquer cidadão, até mesmo nos versos, jogos ou exercícios, e ficava irritado com quem fizesse o contrário. Ele era exagerado também no que se refere a assuntos de maior importância, pois queria igualar e competir com todos os príncipes de Itália, o

---

<sup>105</sup> GUNDERSHEIMER, Werner L., 1972, *Art and Life at the Court of Ercole I d'Este: The De triumphis religionis of Giovanni Sabadino degli Arienti*, Geneva, Librairie Droz, p. 50.

<sup>106</sup> PARKER, 2007, p. 7.

que desagradava ao Senhor Ludovico [Sforza]. No entanto, de modo geral, tal desejo era louvável e foi este o motivo da sua glória, o qual tornou o seu nome célebre fora de Itália, porque se esforçou muito para que, no seu tempo, todas as artes e virtudes fossem mais excelentes em Florença do que qualquer outra cidade de Itália”<sup>107</sup>

Guicciardini destaca ainda a competição desenvolvida por Lourenço para ter os melhores génios e os melhores artistas:

“A mesma *liberalitas* [que ele demonstrou para as artes] preservou o seu nome e as amizades com príncipes fora de Itália, pois ele não desconsiderou nenhum tipo de magnificência, mesmo com grandes despesas e perdas, com a qual recreou os grandes senhores”<sup>108</sup>.

Por outro lado, Alessandro Piccolomini (1508–1578) afirmaria que “o magnificante deve providenciar para que o seu trabalho seja difícil de imitar, procurando sempre encontrar maneira de suplantar os outros”<sup>109</sup>.

Na competição pela magnificência, as mulheres desempenhavam também um papel importante, usando a sua beleza e elegância como “símbolo de qualidade” da família que queria ostentar o seu *splendor*. Nesse sentido, Tasso distinguia as mulheres “heroicas” ou “da realeza”, das cidadãs comuns:

“A virtude da mãe de família é a economia, a das mulheres da realeza, a elegância e a delicadeza. Uma tem em mente o que é útil, a outra o que é belo. Não é suficiente para ela que o mobiliário da sua casa seja magnificante, pois ela quer que seja magnificante com delicadeza e elegância”<sup>110</sup>.

A corte era o cenário ideal para as famílias nobres exibirem as suas mulheres, e

---

<sup>107</sup> GUICCIARDINI, Francesco, 1931, *Storie fiorentine dal 1378 al 1509*, ed. Roberto Palmarocchi, Bari, Laterza, p. 75

<sup>108</sup> GUICCIARDINI, 1931, p. 76.

<sup>109</sup> *Della institutione di tutta la vita dell’uomo nato nobile et in città libera* (Venice 1552), 107 v, cit. por PARKER, 2007, p. 9. Ver também GUERZONI, Guido, 1999, “*Liberalitas, Magnificentia, Splendor*. The Classic Origins of Italian Renaissance Life-Styles,” in Neil De Marchi and Craufurd D. W. Goodwin, eds., *Economic Engagements with Art*, Durham, NC, and London, pp. 332–378.

<sup>110</sup> Torquato Tasso, *Discorso della virtù femminile, e donnesca* (Venice 1582) 6r. cit. por PARKER, 2007, p. 10

contar com uma mulher letrada entre os seus membros era uma vantagem, que lhes proporcionava novas oportunidades de exhibir a sua *magnificentia*, e de suplantar os seus pares<sup>111</sup>.

O objetivo central de uma educação humanista era preparar os jovens varões para funções públicas e neste papel a eloquência tinha um peso significativo. Como era do conhecimento público, esta era uma atividade exclusivamente masculina, onde as mulheres não eram admitidas, tal como Leonardo Bruni advertira Battista Montefeltro Malatesta<sup>112</sup>:

“Porque deverão as mulheres preocupar-se com os cuidados do *status*, as subtilezas das *epichoremata* [argumentações], aquelas coisas denominadas *crinomena* [juízos] e com as mil dificuldades de aquela arte [retórica] se nunca acederão ao fórum? Aquele discurso tão artificioso [...] é tão necessário para o advogado como é inútil para a mulher, que, se agitar os braços ao falar, ou aumentar o volume da sua voz, parecerá louca e a precisar de ser trancada. Todas estas coisas são próprias dos homens. Tal como as guerras e as batalhas, também o são as disputas e as controvérsias no fórum [...] Em suma, elas que deixem todos os dissabores do fórum para os homens”<sup>113</sup>.

Assim, sendo a educação dos filhos plenamente justificada por razões práticas, o mesmo não parece poder-se aplicar à das filhas, pois aparentemente ser-lhes-ia inútil, dado que elas nunca poderiam ter qualquer papel na vida política ou social. Resta-nos pois concluir que a erudição feminina se destinava a exhibir a magnificência da sua linhagem. Neste sentido, Lisa Jardine salienta:

“As realizações das mulheres instruídas (as “damas letradas”) são um fim em si mesmo, tal como os bordados delicados ou a capacidade de tocar habilmente o alaúde. Não é visto como um treinamento para qualquer coisa... Como sinais de cultura todas estas realizações estão conotadas com uma vida ociosa, uma prática considerada

---

<sup>111</sup> PARKER, 2007, p. 10

<sup>112</sup> Vide supra Capítulo I, 3.1., p. 28.

<sup>113</sup> BRUNI, Leonardo, 1928. “De studiis et litteris liber” en Leonardo Bruni Arentino *Humnaistisch-Philosophische Schriften mit einer Chronologie seiner Werke und Briefe*. Leipzig: ed. Hans Baron, pp.5-19, pp. 11-12.

decorativa que acrescenta brilhantismo ao seu estatuto social [...]”<sup>114</sup>.

Assim, voltando à questão colocada no final do subcapítulo anterior: para quem educar as mulheres humanistas? Na nossa opinião a resposta reside, não no gênero, mas na idade, ou seja, no grau de maturidade. A finalidade dessa educação não residia na formação de mulheres letradas, independentes e plenamente conscientes das suas potencialidades e capacidades intelectuais, que pudessem reivindicar uma carreira acadêmica compatível com o seu nível de conhecimentos, mas sim na produção de meninas-prodígios que pudessem servir os propósitos das suas famílias, tornando-se símbolos do prestígio das suas linhagens, discursando frente a reis e papas, ou exibidas com se fossem aves raras para ostentação da magnificência da sua genealogia. Numa sociedade em que a tradição aristotélica<sup>115</sup> da inferioridade feminina<sup>116</sup> se encontrava fortemente enraizada verifica-se assim que a notoriedade alcançada por estas mulheres cultas deveu mais à sua raridade como mulheres, do que propriamente ao reconhecimento do seu valor como intelectuais.

Cumprido o seu papel e ultrapassado o limite de idade em que a sua precocidade pudesse surpreender e encantar os poderosos, essas meninas, então já mulheres, retornariam ao papel que desde tempos imemoriais lhes estava destinado: assegurar a continuidade da sua linhagem e aumentar o património e a riqueza das suas famílias, estabelecendo alianças vantajosas com outras famílias nobres.

E uma vez casadas, sujeitas à tutela e subordinadas à vontade dos seus maridos, estas mulheres acabariam inevitavelmente por perder a sua voz.

---

<sup>114</sup> JARDINE, Lisa, 1985, “*O decus Italiae virgo*’ or The Myth of the Learned Lady in the Renaissance,” *Historical Journal* 28, pp.799–820, pp. 816-817.

<sup>115</sup> Para Aristóteles a mulher era “como um homem defeituoso”, “sendo mulher por lhe faltar faculdades” (*De gener.anim.*I,19,726be) e sendo inferior por natureza é também, por isso “súbdita e escrava” (*Política* I,2,1252). ARISTÓTELES, cit. por RIUS GATELL, Rosa, 1992, “Isotta Nogarola: una voz inquieta del Renacimiento”, *Filosofía y género*, Org. Fina Birulés. Barcelona, Pamiela/Facultad. de Filosofía de la Universidad de Barcelona, pp. 65-91, p. 71

<sup>116</sup> “*Ens minus* cuja missão consistia basicamente em perpetuar a vida e criar os filhos, fiar e tecer; propriedade do homem, do mesmo modo que eram os filhos, o cão, os animais, os campos e as colheitas”, vide RIUS GATELL, 1992, p. 71.

## CAPÍTULO II - ISOTTA NOGAROLA: Biografia de uma humanista

A carreira académica de Isotta Nogarola começou brilhantemente: aos 18 anos já era famosa. Os seus conhecimentos e a sua eloquência em latim eram exaltados por humanistas e príncipes. Contudo, cinco anos mais tarde, com apenas vinte e três anos, Isotta renunciou ao humanismo secular para se dedicar ao estudo das escrituras sagradas. Recusando-se a casar e comprometendo-se a uma virgindade perpétua, esta humanista quatrocentista viu-se coagida a viver em reclusão por uma sociedade hostil à criatividade feminina. No entanto, continuaria a criar até à sua morte<sup>117</sup>.

Isotta demonstrou possuir um conhecimento profundo de autores clássicos, aventurando-se no campo da filosofia e da teologia e produzindo obras importantes em todos os principais géneros humanistas.

A sua obra-prima, o *De pari aut impari Evae atque Adae peccato (Diálogo de Adão e Eva)* um debate acerca do pecado original e da partilha da culpa do mesmo, é uma das obras mais importantes escritas por uma mulher no início da era moderna, onde a autora confronta diretamente os paradoxos da condição feminina na época em que viveu, de um modo original e ousado.

### 1. O clã Nogarola: Uma genealogia de erudição feminina

Isotta Nogarola, nascida em Verona, em 1418, era originária de uma família nobre<sup>118</sup> que partilhava um interesse comum pela cultura e que mantinha uma forte

---

<sup>117</sup> KING, 1978, p. 807.

<sup>118</sup> O clã Nogarola descendia da nobreza guerreira de Verona, cidade conquistada por Veneza em 1405, na sequência da sua expansão territorial. Tal como muitas outras famílias nobres, os Nogarola rapidamente se tornaram partidários do estado de Veneza, na expectativa de daí retirarem dividendos políticos e económicos, assim como a possibilidade de concretizarem importantes alianças matrimoniais. Exemplo disso são os casamentos realizados entre membros da família Nogarola e algumas das mais importantes famílias da nobreza italiana: Della Scala (Scaligeri), Lamberto, Malespina, della Porcia, Castronovo. Vid. KING & ROBIN, 2004, pp. 27-28.

tradição de educação das suas filhas, tendo produzido mulheres letradas ao longo de várias gerações.

Antónia, uma patriciana Nogarola do século XIV, alcançou uma ténue reputação literária<sup>119</sup>, mas a primeira a deixar testemunho escrito foi Ângela/Agnola, nascida provavelmente cerca de 1360<sup>120</sup>, e falecida supõe-se que entre 1420/30<sup>121</sup>. Ângela Nogarola, irmã do pai de Isotta, Leonardo, foi uma poetisa com alguma notoriedade. Ao contrário da sobrinha, que começa a se tornar conhecida graças sobretudo aos estudos de Margaret L. King e Lisa Jardine, Ângela, pertencente à geração anterior de humanistas, ainda permanece uma figura relativamente obscura. Era a filha mais velha de António Nogarola e da sua mulher Bartolomea de Castronovo e terá provavelmente sido aluna de António Loschi (Lusco) (1368-1441), autor de um poema intitulado *Domus pudicitiae*, considerado como paradigmático das atitudes contemporâneas para com as mulheres letradas.

Dela pouco se sabe, para além do facto de ter casado com António, Conde d'Arco, em 1396, tendo continuado a escrever poesia em latim, após o seu casamento, tal como o fazia em solteira, ao contrário de várias outras humanistas femininas. Sabemos também que manteve um relacionamento estreito com Maddalena degli Scrovegni, uma importante erudita feminina do início do Renascimento, musa inspiradora do poema de Lusco, a quem este o dedicou, nele louvando, não a sua erudição mas, pasme-se, a sua castidade<sup>122</sup>. Terá também mantido relações epistolares com vários humanistas masculinos, para além de Loschi, como António de Romagno, Giovanni Nicola Salernus e Matheus de Aurelianis<sup>123</sup>.

Conhece-se da sua autoria vários poemas que demonstram não só os resultados de uma esmerada educação humanista, mas também o conhecimento (provavelmente através do seu marido) de muitas das mais poderosas figuras políticas do seu tempo.

Holt Parker, que elaborou vários estudos sobre autoras renascentistas, salienta que, em várias das suas obras, “vemos Ângela Nogarola, no seu papel de condessa de

---

<sup>119</sup> Filha de Zanfredo Nogarola e Paola Boncarri, nasceu em 1308, aprendeu latim e grego e casou em 1328. Alegadamente terá escrito em prosa e verso, tendo alcançado alguma celebridade como escritora, apesar de que, da sua obra, nada sobreviveu até aos nossos dias. Cf. STEVENSON, 2010, p. 156.

<sup>120</sup> O seu poema dedicado a Gian Galeazzo Visconti foi datado de 1387; é por isso razoável sugerir que ela poderá ter nascido cerca de 1360. Cf. STEVENSON, 2010, p. 156.

<sup>121</sup> As cartas enviadas às suas sobrinhas, Isotta e Ginevra, pelo filho de Lusco, Niccolò (c. 1436) e por Tobias Burgus (1438) sugerem que ela poderá ter morrido por essa altura. Cf. PARKER, 2012, p. 11.

<sup>122</sup> KING, 1981, p. 103.

<sup>123</sup> STEVENSON, 2010, pp. 156-158.

Arco, como uma presença visível nos jogos políticos do mais alto nível”<sup>124</sup>. Importa notar que a produção literária de Ângela não se limitou a breves versos relacionados com a política contemporânea, pois ela foi igualmente a autora de uma obra em latim de considerável dimensão: o seu *Liber de Virtutibus*<sup>125</sup>.

No seguimento daquilo que era evidentemente uma tradição familiar, vários dos muitos filhos de Leonardo Nogarola, irmão de Ângela, e de Bianca Borromeo, de Pádua - também ela uma descendente de eminentes famílias nobres do Norte de Itália - [de dez crianças, seis raparigas e três rapazes, sete sobreviveram até à idade adulta] tiveram uma educação esmerada.

Com a morte do marido, ocorrida entre 1425 e 1433, Bianca Borromeo assumiu a responsabilidade de gerir a sua casa e património familiar – de uma considerável dimensão e complexidade – tomando também a seu cargo a educação dos filhos.

Os três rapazes que sobreviveram à infância seguiram importantes carreiras, dignas do seu estatuto social. A formação em teologia e filosofia de Leonardo permitiu-lhe ascender na carreira eclesiástica, tendo sido nomeado protonotário apostólico. Os dois outros irmãos de Isotta, António e Ludovico<sup>126</sup>, detiveram também cargos relevantes na magistratura da cidade de Verona, tendo também desempenhado missões diplomáticas<sup>127</sup>.

Isotta e as suas irmãs, Ginevra<sup>128</sup> e Laura, aprenderam latim e grego numa idade precoce, primeiro sob a orientação de Matteo Bosso, e mais tarde, de Martino Rizzoni, o qual tinha sido ele próprio estudante de Guarino de Verona, um dos mais respeitados poetas e humanistas italianos do seu tempo<sup>129</sup>.

Isotta salientaria mais tarde, ter sido a sua mãe, e não o seu pai, quem providenciou para que ela tivesse uma educação humanista. É notável o facto de ter sido Bianca Borromeo, uma mulher iletrada, a ter a iniciativa de oferecer às suas filhas

---

<sup>124</sup> PARKER, 1997, p. 251.

<sup>125</sup> STEVENSON, 2010, p. 159.

<sup>126</sup> Ludovico foi também um notável intelectual. É dele a autoria de várias obras, incluindo uma tradução latina de João Damasceno, *De His qui in Fide Dormiunt*, publicada em Verona, Stephanus et Frades Sabios, 1532, e um estudo sobre estudantes italianos de grego, *De Viris Illustribus Genere Italis qui Graece Scripserunt*. Cf. STEVENSON, 2010, p. 160.

<sup>127</sup> Vide prefácio de Eugenius Abel. NOGAROLA, Isotta, 1886, *Isotæ Nogarolæ Veronensis opera quae supersunt omnia: accedunt Angelæ et Zeneveræ Nogarolæ epistolæ et carmina*, ABEL, Eugenius (ed.) 2 vols., Viena, apud Gerold & Cie; Budapest, apud Fridericum Kilian, Vol. I, p IV.

<sup>128</sup> Alguns membros de gerações posteriores da família Nogarola terão sugerido que os nomes dados a Isotta e à sua irmã Ginevra, seriam formas italianas de, respectivamente, as heroínas românticas Isolda e Guinevere. Esta escolha de nomes não era comum no meio cultural de Verona ou de Veneza, onde os nomes de santos e antepassados seriam uma opção mais óbvia. Cf. KING & ROBIN, 2004, p. 29.

<sup>129</sup> PARKER, 2002, p. 13.

semelhante educação, pois apesar de uma significativa porção de mulheres, numa altamente urbanizada Itália, ser instruída, a sua literacia limitava-se às formas vernaculares de italiano. Eram muito escassas as mulheres que possuíam conhecimentos suficientes para dominar o latim, pelo que só uma mulher com uma visão e uma herança cultural excepcionais, ponderaria em nomear um tutor humanista para educar as suas filhas<sup>130</sup>.

Verona, no século XV, era um lugar altamente culto, lar de famosas poetisas, como Medea degli Aleardi e Polissena Grimaldi, esta última, também ela uma poetisa latina. Era igualmente a cidade de origem do famoso humanista Guarino Guarini, geralmente referido como Guarino de Verona ou Guarino Veronese, e do poeta Catulo, como os veroneses tinham orgulho em lembrar. É por isso, bastante significativo que Constanza Varano, ao louvar Isotta, tenha declarado:

“O Verona, tuis urbs foecundissima poetis,  
Plus trahet haec laudis iam uate puella Catullo!”<sup>131</sup>

Duas das quatro raparigas da família, Isotta e a sua irmã mais velha, Ginevra, tornaram-se suficientemente competentes nos *studia humanitatis* (gramática latina, retórica, poesia, história, filosofia) para que a sua reputação se difundisse pela região e elas comesçassem a se corresponder em latim clássico com outros intelectuais.

Ginevra, após um início promissor, casaria em 1438 e aparentemente terá cessado de escrever. Ela era conhecida e apreciada “pela sua mão imaculada”<sup>132</sup>. Um velho amigo das irmãs Nogarola, Damiano dal Borgo, observou tristemente a sua notória mudança, operada em apenas dois anos de casamento: Ginevra estava constantemente doente. O seu comentário poderá sugerir que terão sido as gravidezes difíceis, em vez dos preconceitos contra mulheres letradas casadas, que terão ditado o seu afastamento do mundo académico, dado que a sua tia Ângela, nunca havia demonstrado ter tido quaisquer dificuldades no seu relacionamento humanista, pelo facto de ser casada. Assim, não teria sido o casamento, em si, o factor que a silenciou.

---

<sup>130</sup> KING & ROBIN, 2004, p.4.

<sup>131</sup> “Ó Verona, a cidade mais fértil nos seus poetas,

Esta rapariga ainda atrai mais louvores que o bardo Catulo”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 7.

<sup>132</sup> Frase que se tornou famosa através de King e Rabil. Cf. KING, Margaret L. and RABIL, Jr., Albert (ed.), 1983, *Her Immaculate Hand: Selected Works by and about the Women Humanists of Quattrocento Italy*, Binghamton, N. Y., MRT, pp. 57-68.

O problema com a atividade intelectual das mulheres casadas, na Renascença italiana, terá menos a ver com a presunção masculina em que deveria haver uma eventual ligação entre a aprendizagem e a virgindade<sup>133</sup> e muito mais com a quantidade de trabalho que se esperaria de uma dona de casa. No caso de Ginevra, o facto de se encontrar debilitada pelas sucessivas gestações, criando cinco filhos que certamente lhe ocupavam todos os seus recursos pessoais, permite-nos concluir que não lhe sobraria tempo nem energia para prosseguir os seus estudos pessoais. Assim, o problema das mulheres casadas que aspiravam ter uma carreira intelectual seria mais de ordem prática do que propriamente ideológica<sup>134</sup>. No entanto, outra das irmãs Nogarola, Laura, casou duas vezes (primeiro com Cristoforo Pellegrini, e depois com o *doge* de Veneza, Nicolò Trono) e conquistou reputação por escrever em latim e grego, acerca de questões teológicas.

Evidenciando a continuação da tradição familiar de educar as suas mulheres, a filha de Ludovico, Giulia (nascida cerca de 1420), foi educada pela sua tia, Isotta, nas línguas clássicas. O seu pai queria que ela se casasse, mas Giulia optou por se tornar freira, tendo tomado o hábito de St<sup>a</sup>. Clara, em Verona. Tendo adquirido conhecimentos específicos como matemática, terá recebido duas longas cartas, enviadas por Petrus Donatus apoiando a sua vocação monástica. Outra das filhas de Ludovico, Isotta, não obteve qualquer reconhecimento pelos seus estudos. No entanto, casou com Lucas Brembati de Bergamo e foi mãe de Isotta Brembati Grumella, a qual se tornou também ela famosa pela sua erudição, pelo que ela representa, pelo menos, uma quarta geração de intelectuais femininas da família Nogarola<sup>135</sup>.

## 2. O despontar da vocação humanista

No século XV, um dos processos para iniciar uma carreira humanista, era através de cartas endereçadas a intelectuais proeminentes, os quais, assim se esperava,

---

<sup>133</sup> Veja-se adiante o comentário maldoso patente no folheto difamatório da autoria de “Plinius” e que contradiz esta teoria: “uma mulher eloquente nunca é casta.” Vide infra Capítulo II, 3., p. 51.

<sup>134</sup> Laura Cereta revela numa carta enviada a Sigismondo de Bucci, advogado de seu pai: “Eu não tenho qualquer tempo livre, nem mesmo para respirar.... Não tenho nenhum tempo disponível para gastar com os meus livros a menos que trabalhe produtivamente durante a noite e durma muito pouco...” Diana Robin, “Women, Space and Renaissance Discourse”, in Gold, Miller, and Platter (eds.), *Sex and Gender*, pp. 176-177, cit. por STEVENSON, 2010, p. 165.

<sup>135</sup> STEVENSON, 2010, pp. 162-163.

responderiam com louvores e palavras de encorajamento, respostas essas que se queriam fossem feitas o mais publicamente possível<sup>136</sup>. Isotta deu os primeiros passos no mundo competitivo dos estudos humanistas, escrevendo cartas a algumas das principais figuras do seu tempo, como Ermolao Barbaro, Iacopo Foscari, Girolamo di Guarino, Ludovico Cendrata, Lauro Quirini, Giorgio Bevilacqua, Damiano dal Borgo, Ognibene Leonicensino, Niccolò Venier e Niccolò Barbo, com os quais trocou livros de autores que iam desde Lactâncio a Tito Lívio. Estas cartas circularam pelo mundo intelectual, gerando não só rasgados elogios pela sua sabedoria e eloquência<sup>137</sup>, como, inclusivamente, dedicatórias<sup>138</sup>.

Anos mais tarde, numa carta enviada de Pádua, em data desconhecida, mas que se supõe entre 1445-1452, Lauro Quirini recomendar-lhe-ia que mergulhasse sem hesitação no estudo dos autores mais exigentes, em latim e grego, sem se preocupar em ultrapassar os seus limites, desde que evitasse os filósofos escolásticos mais conservadores. No entanto, encorajou-a a ler os antigos filósofos, traduzidos para latim ou mesmo no grego original. O currículo que Quirini persuadiu Isotta a seguir era extremamente difícil, mesmo para os alunos mais avançados, mas ele não tinha qualquer dúvida de que ela o poderia fazer. “Dedica totalmente o teu coração [...] à arte de falar bem [retórica], pois não quero que sejas semiletrada, mas que conheças todas as boas artes [i.e. estudos humanísticos] ... assim como a ciência das coisas humanas e divinas [i.e. filosofia e teologia]”<sup>139</sup>. Implícito nesta carta estava a assunção de que as mulheres, tal como os homens, podiam ler e compreender as ideias mais complexas<sup>140</sup>.

Em 1436 Jacobo Foscari, filho do *doge* de Veneza, Francesco Foscari, e um potencial patrono dos humanistas, reencaminhou para Guarino Veronese, um dos seus correspondentes<sup>141</sup>, as cartas que as irmãs Nogarolas, Isotta e Ginevra, lhe tinham endereçado louvando as artes liberais. Impressionado com a escrita das duas irmãs, Guarino respondeu a Foscari elogiando a sua erudição e estilo e a sua evidente virtude:

---

<sup>136</sup> KING, 1978, p. 807.

<sup>137</sup> Isotta sentia-se, contudo, frustrada pelo facto de os elogios recebidos salientarem a sua condição feminina, ou seja, o seu talento era enaltecido pela circunstância de se tratar de uma mulher e não em comparação com outros homens. Cf. KING, 1978, p. 808.

<sup>138</sup> Ognibene Leonicensino dedicou a Isotta a sua tradução de *Sobre o vício e a virtude*, de Crisóstomo. Cf. BERTOLOMEU MASIÁ, 2007, p. 18

<sup>139</sup> “Proinde [...] pectore incumbere, volo enim te non semidoctam esse, sed cunctarum bonarum disciplinarum peritiam habere, id est et bene dicendi artem et recte disputandi disciplinam et humanarum atque divinarum rerum scientiam noscere”. Cf. NOGAROLA, 1886, VOL. II, p. 22.

<sup>140</sup> KING, 2003, p. 88.

<sup>141</sup> Entre os seus correspondentes contavam-se também os famosos humanistas florentinos Poggio Bracciolini e Leonardo Bruni,

“O que dizer do dom em si, tendo em conta que quando disse que era uma grande obra, ficou muito mais por dizer? Lendo estas páginas, o que é que poderá ser melhor construído e mais harmonioso do que estas frases ou mais elegante do que a sua pureza e claridade, e mais fiel às normas do latim que a escolha das palavras? Riqueza de pensamento, variedade de conteúdo, conhecimento da Antiguidade...”<sup>142</sup>

Guarino salientou ainda que Verona [a sua cidade natal] se deveria orgulhar de ter produzido tais filhas, que igualavam na sua grandeza as heroicas mulheres da antiguidade:

Ó glória da nossa cidade e do nosso tempo! Ó ave rara da terra, semelhante a um cisne negro<sup>143</sup>. Se os séculos passados tivessem gerado estas virgens dignas de apreço, quantos versos teriam cantado seus louvores [...]”<sup>144</sup>

Animada pelo entusiasmo demonstrado publicamente por Guarino Veronese, um dos mais famosos humanistas do seu tempo, e ansiando poder fazer parte dos círculos intelectuais de Verona, por volta de 1437, a jovem decidiu escrever diretamente ao professor do seu tutor. Na sua carta, Isotta expressa a sua satisfação pelo apreço demonstrado pelo mestre acerca do seu trabalho e da sua irmã, e convida-o a dignificá-lo ao corrigi-lo. De igual modo, pede-lhe desculpas por “transgredir as regras do silêncio especialmente impostas às mulheres” - silêncio esse que sabia que Sófocles considerava ser o “adorno” das mulheres – tendo-o quebrado impelida pelos louvores que Guarino lhe tinha tecido, os quais a impediam de permanecer silenciosa<sup>145</sup>. Consciente da sua transgressão, Isotta tenta desculpá-la com diversas manifestações de modéstia por tomar a palavra quando “não deveria”, lamentando que a “insignificância

---

<sup>142</sup> “Quid de dono ipso praedicem, de quo cum plura dixerō, plura dicenda restabunt? Quid, cum scripta ipsa perlegas, aut apta verborum constructiore concinnius aut ipsa puritate et lucidate elegantius aut sermonis proprietate consuetudineque Latinius? Crebrae sententiae, rerum varietas, antiquitatis notitia . . .” Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 58.

<sup>143</sup> Uma clara referência a Décio Júnio Juvenal, poeta e retórico romano, do final do século I e início do século II, autor das Sátiras: “*Rara avis in terris nigroque simillima cycno*” (6.165).

<sup>144</sup> “O civitatis immo et aetatis nostrae decus! O rara avis in terris nigroque simillima cycno! Si superiora saecula hasce porbandas creassent virgines, quantis versibus decantatae [...]”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 59.

<sup>145</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 77.

do seu próprio intelecto e a debilidade do seu sexo” a impedissem de elogiar o mestre condignamente<sup>146</sup>.

Não sabemos se estas palavras de pudor serão ilustrativas de alguma insegurança ou se se trata simplesmente de uma convenção, de uma fórmula como as que os humanistas [masculinos] utilizavam frequentemente, expressando a sua humildade e falta de mérito. No entanto é patente que, ao contrário destes que imputavam estes defeitos às suas limitações pessoais, Isotta, tal como Christine de Pizan (e outras autoras medievais) o tinham feito antes dela, imputa-os ao seu sexo<sup>147</sup>. Tratava-se sobretudo de legitimar o seu direito de reivindicar para si a voz que a sociedade lhe negava.

Esta sua ousadia demonstra o perigo da entrada de uma mulher no universo masculino das letras: Guarino deixou a carta sem resposta, humilhando-a publicamente. Apesar deste duro golpe, Isotta não desistiu dos seus intentos e, meses mais tarde, tornou a escrever a Veronese, carta essa que era tão íntima e desesperada, como a primeira tinha sido correta e formal. Nela, a jovem queixava-se da sua falta de resposta, que a tinha coberto de ridículo, fazendo com que toda a cidade se risse dela: “toda a cidade se ri de mim, o meu género<sup>148</sup> troça de mim, em nenhum lugar tenho um refúgio seguro, os burros [mulheres] mordem-me, os touros [homens] investem sobre mim com os seus cornos”<sup>149</sup>, suplicando a sua ajuda para recuperar a reputação perdida, pondo cobro às “*scelestae linguae* que me chamam torre de audácia e dizem que deveria ser enviada para os confins da terra pela minha ousadia”<sup>150</sup>. “Já existem tantas mulheres no mundo”, lamentava-se, “porquê então nascer mulher para ser desprezada pelos homens, tanto em palavras como por atos”<sup>151</sup>. A resposta a esta segunda carta foi prontamente recebida. Veronese escreveu-a, segundo está implícito na mesma, no próprio dia em que recebeu a carta de Isotta. Na sua missiva, escrita em tom paternalista, Guarino aconselhava-a a ser forte em face dos ataques, mas também a abandonar uma atividade

---

<sup>146</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 75.

<sup>147</sup> RIUS GATELL, 1992, pp. 77-78.

<sup>148</sup> Não eram apenas os homens os que criticavam as mulheres letradas. Tal como Laura Cereta, Isotta sentia-se frustrada por não encontrar cumplicidade no seu próprio género. Antes pelo contrário, as mulheres, sobretudo as mais ignorantes, troçavam das mulheres letradas, partilhando as opiniões masculinas, que as consideravam como intrusas no mundo intelectual, e contribuindo com a sua incompreensão para aumentar o seu isolamento. Vid. supra Capítulo I, 3.1., p. 29.

<sup>149</sup> “Per urbem enim irrideor, meus me ordo deridet, neutrobi habeo stabile stabulum, asini me mordicus scindunt boves me incursant cornibus”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 81.

<sup>150</sup> “[...] scelestas línguas comprimes, quae me audaciae columnen vocant meque in ultimas terra audaciae gratia asportandam”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 82.

<sup>151</sup> “[...] mulieres quanti sint, venit in mentem queri fortunam meam, quoniam femina nata sum, quae a viris re atque verbis derisae sunt”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 79.

que não era adequada para o seu sexo e a casar-se. Ele admitia que ela era maravilhosamente culta, mas demasiado inconveniente:

“Apesar de ter nascido mulher e de se sentir infeliz por isso, deverá ter-se de tal forma, que mesmo que sendo o seu sexo por natureza, a sua mente superior é sua por virtude, e o cultivo da mesma é conseguido através destes estudos [humanistas] ou pela imitação de grandes pessoas, cuja história, o professor, gera dentro de ti como no campo fértil”<sup>152</sup>.

Segundo Guarino, Isotta deveria dissociar-se do seu sexo e cultivar a sua alma masculina – “tornar-se um homem” – para atingir os seus objectivos e ser estimada pelos homens, podendo assim participar no mundo académico masculino: "A vossa própria consciência e a memória das boas ações, deverá torná-la alegre, jovial, radiante, magnânima e constante e deverá criar um homem dentro da mulher, de modo a poder rir-se do que puder vir a ocorrer..."<sup>153</sup>. Mas, como mulher, ela não poderia criar um homem dentro de si sem violentar a sua própria natureza.

Estas palavras contradiziam todas as suas convicções de que o anseio pelo conhecimento era algo inerente ao ser humano, independentemente do seu sexo. Já por diversas vezes Isotta tinha defendido o direito das mulheres à cultura, manifestando a sua revolta contra os homens que o desprezavam. Numa carta enviada cerca de 1436-1437, ao seu tio, António Borromeo, a humanista italiana lamenta-se do desdém que esses homens demonstram pela cultura feminina:

“Eu planeei muitas vezes enviar-lhe as minhas humildes e incultas cartas, mas quando pensei em quantos homens existem - se é que merecem ser chamados de homens - que consideram a erudição feminina um veneno e uma peste pública, essa iniciativa assustou-me. Mas parece-me que estes homens - que não aprovam nada, exceto o que eles mesmos fazem e pensam - são um tipo diferente de praga: a dos

---

<sup>152</sup> “Quae quia nata sis femina, quereris et proinde infortunatam te sentis et prae te fers, cum contra ita te gerere debuisses, ut sexum quidem naturae, excelsum autem animum virtuti ascriberes, cuius professionem studia ista pollicentur vel clarissimarum imitatione personarum, quas ut fertilissimus ager vitae magistral tibi germinat historia.” Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 84.

<sup>153</sup> GUARINO VERONESE, 1915-1919, *L'epistario di Guarino Veronese*, Remigio Sabbadini (ed.), 3 vols., Venice, Deputazione di Storia Patria, vol. 2, p. 307. Muitos anos mais tarde, Lauro Quirini, em termos semelhantes, associaria masculinidade com grandeza, felicitando Isotta por ultrapassar a sua própria natureza sexual, alcançando a verdadeira virtude que apenas os homens possuiriam. Cf. KING, 1978, p. 808.

homens invejosos da glória alheia, que vem da ignorância e da perversidade do espírito”<sup>154</sup>.

### 3. A calúnia

Em 1438, Isotta perde a sua inseparável companheira de estudos. De facto, em meados desse ano, a sua irmã Ginevra casa com Brunorio Gambara de Brescia, abandonando Verona e cessando a sua atividade literária. No entanto, o legado da sua “mão imaculada” iria ser transmitido à sua descendência, através da notável poetisa Verónica Gambara (1485-1550), duas gerações mais tarde<sup>155</sup>.

Alguns meses mais tarde Isotta foi com a sua família para Veneza, para escapar à peste e ao conflito recorrente entre Veneza e Milão, pelo controlo de Verona. Ainda durante o ano de 1438, o Cardeal Giuliano Cesarini, que viajava para Ferrara, para prestar obediência ao Papa Eugénio IV, vindo do Concílio de Basileia, encontrar-se-ia com Isotta, possivelmente ainda em Verona, ou já nas imediações de Veneza, tendo louvado publicamente a erudição da humanista. Mais tarde Isotta enviar-lhe-ia uma carta agradecendo a sua cortesia e pedindo-lhe o patrocínio para o seu irmão, que pretendia iniciar uma carreira eclesiástica.

São as numerosas cartas escritas por Isotta e pelos seus correspondentes, entre 1434 e 1439, que atestam o seu percurso literário, permitindo-nos obter uma visão da sua vida e da sua fama crescente entre os círculos humanistas de Verona e Veneza. E terá sido provavelmente essa notoriedade, incomum numa mulher, que terá desencadeado a inveja que deu origem ao episódio mais cruel e indigno da sua carreira.

Em meados de 1439, uma sátira anónima, assinada com um pseudónimo clássico: “*Plinius Veronensis*”, circulava em Verona e em Veneza, atacando a

---

<sup>154</sup> “Statueram saepenumero ad te litteras meas incultas et abiectas dare, sed cum mecum reputarem, quam multi essent viri – si viri appellandi sunt – qui litteras in feminis virus ac pestem publicam appellant, hoc me ab incepto deterrebat. Verum, ut mihi videtur, hi sunt quaedam pestis hominum aliena laude dolentium, qui nihil nisi id quod faciunt ac sentiunt rectum putant; hoc manque ab animi pravitate et ignorantia procedit”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. 42.

<sup>155</sup> Verónica Gambara era filha de Francesco, o filho de Ginevra Nogarola e Brunorio Gambara. Vid. RUSSEL, Rinaldina, 1994, “Veronica Gambara,” in *Italian Women Writers: A Bio-Bibliographical Sourcebook*, Edited by Rinaldina Russel, Westport, CT: Greenwood Press, pp. 145-153. Alguns excertos dos seus trabalhos podem ser encontrados em POSS, Richard, 1987, “Veronica Gambara” in *Women Writers of the Renaissance and Reformation*, ed. Katharina M. Wilson Athens, University of Georgia Press.

moralidade das mulheres venezianas (e das mulheres de Verona que viviam em Veneza), com acusações de decadência. A irmã de Isotta, Bartolommea, e a própria Isotta eram mencionadas nessa sátira: Isotta era acusada de promiscuidade e de incesto com o seu irmão Ludovico. “*Plinius*” reconhecia a reputação intelectual de Nogarola, mas declarava a sua raiva por ela “se atrever a envolver-se tão profundamente nos melhores estudos literários”, afirmando que “uma mulher eloquente nunca é casta”<sup>156</sup>. As acusações de adultério eram por si só suficientemente graves, mas a simples alegação de incesto chocaria até os sofisticados venezianos:

“Vamos deixar de admirar todas essas coisas, quando essa segunda irmã solteira, que ganhou tantos elogios pela sua eloquência, faz coisas pouco convenientes para a sua erudição e reputação – tendo sido dito por muitos homens sábios seguramente é verdade: que uma mulher eloquente nunca é casta; e o comportamento de muitas mulheres letradas também confirma a sua verdade... Mas para que não aprove, mesmo que ligeiramente, este crime excessivamente imundo e obscuro, deixe-me explicar que antes de ela colocar o seu corpo à disposição para relações sexuais promíscuas, primeiro ela permitiu - e em verdade até mesmo desejou ardentemente – que o selo da sua virgindade fosse quebrado por nenhum outro que o seu irmão, para que com este laço ela pudesse ficar ainda mais ligada a ele. Ai Deus, em quem os homens confiam, que não se mistura céu com terra nem mar com céu, quando ela, que não coloca limites nesta luxúria imunda, se atreve a envolver tão profundamente nos melhores estudos literários”<sup>157</sup>.

A intenção desta calúnia poderá ter sido política: no conflito vigente entre Milão e Veneza, a família Nogarola tinha tomado partido a favor de Veneza. Estas acusações nunca foram mencionadas nas obras de Isotta, mas a circulação dessa sátira foi suficientemente extensa para que um humanista veneziano, Niccolò Barbò – um dos correspondentes de Nogarola – se sentisse na obrigação de responder ao panfleto de “*Plinius*” antes do final do ano. Barbò declarou que as calúnias de que Isotta tinha sido alvo eram falsas e fruto da inveja, formando parte do pensamento misógino vigente na época em Itália<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> NOGAROLA, 2004, pp. 68-69.

<sup>157</sup> SEGARIZZI, Arnaldo, 1904, “Niccolò Barbo, patrizio veneziano del secolo XV e le accuse contro Isotta Nogarola”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 43, pp. 47-54, pp. 50-54.

<sup>158</sup> SEGARIZZI, 1904, p. 49.

Em defesa de Isotta levantaram-se também as vozes de outros humanistas como Panfilo Sasso, Zavarise nella Pantea, Antonio Lazise e o amigo de Laura Brenzona, António Panteo. Igualmente, duas humanistas femininas, Clara Lanzavegia e Constanza Varano, escreveram apoiando-a. Esta última afirmaria que Isotta não só havia ultrapassado em erudição as mulheres cultas da Antiguidade, como mesmo os homens mais cultos do seu tempo<sup>159</sup>.

#### **4. *Libreria Cella*: o derradeiro refúgio duma humanista quatrocentista**

Há sempre a tentação de associar esta calúnia de 1439 com o facto da família Nogarola regressar a Verona em 1441 - existe um período de 10 anos do qual nada do que foi escrito por Isotta sobreviveu – mas a verdade é que simplesmente não se conhece a razão deste retorno à cidade natal. Sabemos que abandonou o humanismo secular e se dedicou ao estudo das sagradas escrituras e de outras obras religiosas. Apesar de ser difícil estabelecer os motivos que a levaram a tomar essa decisão, uma possível explicação poderá residir no facto de se sentir uma estranha na sociedade humanista masculina, onde uma “mulher teria que se tornar um homem” para ter sucesso. Sentindo-se desprezada pelos homens e invejada pelas mulheres, Isotta não aguentou a pressão e perdeu a coragem face à monumental tarefa de tentar desenvolver a sua formação humanista sem ser considerada sexualmente desonesta, optando por renunciar à vida pública.

Entre as opções tradicionais que se apresentavam então para as mulheres da sua classe – o casamento ou o convento – Isotta não escolheu nenhuma delas, optando por viver afastada da vida pública, mas no seu próprio espaço. Assim, durante a década de quarenta do século XV, Isotta terá vivido tranquila com a sua mãe, na sua Verona natal, na propriedade que a família Nogarola possuía fora da cidade. Apesar de nunca ter estado totalmente isolada, vivia numa espécie de retiro religioso, confinada àquilo que Margaret L. King, a sua “biógrafa”, designou por “*book-lined cell*”, algo como uma

---

<sup>159</sup> Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 7. Muitas destas humanista mantinham entre si relações epistolares. Constanza Varano correspondia-se com Cecilia Gonzaga, Bianca Maria Visconti, e como é óbvio, Isotta Nogarola. Por outro lado Cassandra Fedele correspondia-se com Alessandra Scala e com as mulheres da corte aragonesa, em especial com Leonor de Aragão e com a sua filha Bianca D’Este. Vid. ARRIAGA FLOREZ, 2013, p. 13.

cela de prisão autoconstruída, repleta de livros<sup>160</sup>. E, se os seus primeiros tempos como humanista foram marcados pela insatisfação, tudo indica que nos anos posteriores de solidão não terá sido mais feliz.

O que terá então ditado esta sua decisão? A perseguição de que foi alvo ou algo mais? Surpreendentemente a correspondência trocada entre a humanista e Damiano dal Borgo - um seu compatriota mais velho, membro de uma importante família de Verona, embora de estatuto inferior aos Nogarola - entre 1438 e 1441, levanta uma hipótese inédita: a de uma rejeição amorosa<sup>161</sup>.

O tipo de correspondência trocada entre Isotta e dal Borgo é assaz intrigante, pois revela um relacionamento mais íntimo, sendo as suas epístolas mais pessoais, expressando emoções poderosas e bastante incomuns para a época, especialmente entre uma homem adulto e uma mulher solteira. Seriam, sobretudo, bastante diferentes da escrita polida e erudita, patente nas cartas que ela frequentemente endereçava a patrícios humanistas, apresentando-se e exibindo os seus talentos. Segundo King & Robin, em muitos aspectos, esta correspondência “prenuncia a relação igualmente enigmática entre Nogarola e Foscarini, entre as mais intrigantes dos anais da correspondência humanista”<sup>162</sup>.

Sabemos que durante esses anos Isotta continuou a receber visitas e cartas dos seus companheiros humanistas<sup>163</sup>, e embora se dedicasse sobretudo aos estudos religiosos, nunca abandonou a literatura clássica. Entre os seus correspondentes masculinos a notícia do seu retiro foi recebida com entusiasmo. O seu celibato e virgindade foram celebrados e a sua piedade cristã foi louvada, considerando-a então “mais sábia e mais religiosa”<sup>164</sup>. Os mesmos que criticavam a erudição feminina estavam dispostos a aceitar plenamente que uma mulher se dedicasse ao estudo, desde que seguisse o modelo de vida monacal.

---

<sup>160</sup> “*Book-lined cell*” é a imagem que Margaret L. King adoptou para se referir ao refúgio das mulheres letradas do Renascimento, e que dá o título a um dos seus artigos sobre o humanismo feminino na Itália renascentista. Cf. KING, 1980, p. 74.

<sup>161</sup> Numa carta enviada por Damiano dal Borgo a Isotta em 19 de abril de 1440, este lamenta-se que a humanista tinha deixado de lhe escrever porque se tinha apaixonado por um certo jovem. Vide NOGAROLA, 1886, Vol. 1, pp. 259-260.

<sup>162</sup> NOGAROLA, 2004, p. 84.

<sup>163</sup> Matteo Bosso recordaria anos depois as suas visitas a Isotta Nogarola na sua “*libreria cella*”. Cf. KING, 1980, p. 74.

<sup>164</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, p. LXI.

Assim, segundo Eugenius Abel, o seu primeiro biógrafo, Isotta ter-se-ia convertido numa *pia virgo* ou *sancta virgo* de fundo místico, abandonando os estudos seculares para se dedicar inteiramente aos livros sagrados<sup>165</sup>.

Conforme Rosa Rius Gatell faz questão de salientar, no seu ensaio sobre a humanista italiana, o retrato que a historiografia passou para a posteridade “de uma Isotta “mística”, “santa”, “ascética”, “consagrada a Deus”, depende não exclusivamente, mas em grande medida, dos testemunhos transmitidos por um único homem, Ludovico Foscarini (nobre veneziano, diplomata e jurista), amigo íntimo de Isotta desde 1451”<sup>166</sup>. Segundo esta autora, de acordo com os textos, a insistência de Foscarini na santidade e espiritualidade da humanista, salientando a sua devoção e ascetismo e louvando a sua castidade, parecem revelar as evidências de uma longa e intensa relação. Assim, para Foscarini a erudição da *doctissima virgo* dependeria da sua santidade<sup>167</sup>.

Entre 1441 e 1453, Isotta viveu com a sua mãe na casa do seu irmão António. A partir dessa data e devido a uma disputa entre os seus irmãos acerca da divisão da herança paterna, as duas mudaram-se para casa do seu irmão Ludovico, onde Isotta permaneceu até à morte da mãe, ocorrida em 1461.

Em 1451 Isotta conhece Ludovico Foscarini, um diplomata veneziano que tinha vindo para Verona como governador. Inicia-se então uma amizade que iria durar até à morte de Nogarola. Foi Foscarini quem assumiu o papel de interlocutor na principal obra de Isotta: *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*<sup>168</sup>. Pensa-se que o diálogo de 1453 terá provavelmente nascido de conversas ou correspondência com Foscarini, mas a totalidade da obra é da autoria de Isotta, que usou um tópico de debate convencional – qual dos dois, Adão ou Eva, tem maior responsabilidade na sua expulsão do Paraíso – para afirmar que as mulheres são iguais aos homens. E fê-lo apropriando-se, para os seus próprios propósitos, dos velhos argumentos que fundamentavam a inferioridade feminina. Ludovico e Isotta envolver-se-iam em debates lógicos e troca epistolar de argumentação, e embora as discussões se revelassem equilibradas, o argumento subjacente de Isotta acabou prevalecendo.

Nas décadas de cinquenta e inícios de sessenta de quatrocentos o seu trabalho voltou a circular, mas entretanto ela tinha mudado das cartas para outros géneros

---

<sup>165</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, pp. I-CLXXII

<sup>166</sup> GOTHEIN, Percy, 1943, “L’amicizia fra Ludovico Foscarini e l’umanista Isotta Nogarola (I)”, *La Rinascita* 6, n.ºs. 32-33, pp. 394-413 cit. por RIUS GATELL, 1992, p. 84.

<sup>167</sup> RIUS GATELL, 1992, pp. 84-85.

<sup>168</sup> Do pecado igual ou desigual de Adão e Eva.

literários: o diálogo (1453), o sermão (1453, 1459), a *consolatio* (1461). Os seus trabalhos posteriores ilustram aquilo que se iria chamar “humanismo cristão”, uma incorporação do sagrado com o secular.

Após a morte da mãe, em 1461, Isotta juntou-se à casa de Foscarini, onde de acordo com a sua posição social, residiria até à sua morte, ocorrida em 1466, debaixo da proteção de um chefe de família, o qual promoveria a sua reputação de santidade e espiritualidade. Na época era inconcebível que uma mulher do estatuto social da humanista italiana pudesse viver sozinha, sem ser casada. A sua decisão de permanecer solteira contou com o apoio da família, sobretudo da sua mãe, Bianca, que no seu testamento providenciou para que Isotta se pudesse manter confortavelmente após a sua morte, deixando-lhe um considerável número de bens, tendo a sua parte da herança materna sido quase igual à do seu irmão Ludovico<sup>169</sup>.

A escrita da humanista veronesa continuaria a circular após a sua morte, ocorrida em 1466: sabe-se da existência de manuscritos em Roma e em Viena, assim como em Verona, contendo o texto de *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*, e de cartas individuais que foram encontradas em coleções de humanistas nos dois séculos seguintes. Isotta foi também uma notável colecionadora de livros, cujos gostos incluíam alguns autores incontestavelmente raros.

Cem anos após ter sido escrita, a obra-prima de Isotta foi finalmente publicada. Em 1563, um seu sobrinho-neto, o conde Francesco Nogarola, mandou imprimir em Veneza *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*. O livro incluía o único poema de Isotta de cuja existência se tem conhecimento: *Elegia de laudibus Cyanei ruris*.

---

<sup>169</sup> O testamento de Bianca Borromeo consta da edição oitocentista de Abel. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. I, pp. CXLV-CLII.

## CAPÍTULO III - A “OUTRA” VOZ DO RENASCIMENTO

### 1. Uma voz inquieta

Composta por um vasto leque de trabalhos, que abrangem os quatro géneros literários populares entre o universo humanista do *Quattrocento* – a epístola, o diálogo, o discurso e a *consolatio* - a obra de Isotta Nogarola atesta a sua extraordinária erudição, as suas capacidades literárias e a profundidade do seu pensamento, tendo imposto um modelo que seria seguido pelas mulheres letradas que nos séculos seguintes se debateram para poder expressar as suas ideias.

Na sua obra podemos identificar três fases distintas que corresponderão às etapas do seu desenvolvimento intelectual: a da sua juventude, cujos limites temporais podemos situar entre 1434-1440, constituída essencialmente pela sua correspondência humanista trocada com a comunidade intelectual do Vêneto; um período de despertar intelectual que terá decorrido entre 1441-1449, onde Isotta terá tentado reconciliar todos os novos conhecimentos adquiridos, nomeadamente os textos clássicos, bíblicos e patrísticos, os quais até então lhe eram desconhecidos e finalmente a plena maturidade académica, entre 1450-1461, quando a sua escrita revela as suas experiências com os novos géneros literários e com o “seu novo sincretismo do pensamento cristão e pagão”<sup>170</sup>.

Tal como era usual para qualquer autor que aspirasse a um lugar na *res publica litterarum*, a coleção das suas cartas em latim circulou entre amigos e conhecidos, os quais copiaram e recopiaram os seus textos, disseminando-os o mais possível<sup>171</sup>, promovendo aos seus conhecimentos literários e filosóficos, amizades e ideias, assim como as suas capacidades de linguística e retórica clássica. Este também tinha sido o meio utilizado pelos seus antecessores - Petrarca, Salutati, Bruni, Barbaro, Poggio e

---

<sup>170</sup> NOGAROLA, 2004, p. 9.

<sup>171</sup> Na era do manuscrito, antes da disseminação do livro impresso, este tipo de procedimento equivalia a “publicar” (*prodere, promere, edere, in lucem producere*). Cf. NOGAROLA, 2004, p. 9.

Filelfo – durante cerca de cem anos de epistolografia humanista, pois apesar de na Itália do século XV o discurso público ser considerado inapropriado para as mulheres, as suas cartas, no entanto, circulavam livremente.

Com exceção de uma carta consolatória (*consolatio*) enviada a Damiano dal Borgo em 1438, a escrita precoce de Isotta – correspondente à fase inicial do seu desenvolvimento intelectual (1434-1440) – não contem quaisquer citações de textos bíblicos ou patrísticos, mas revela vastos conhecimentos de textos de autores clássicos, como Cícero, Plutarco, Juvenal, Petrónio ou Vergílio.

Apesar de não haver conhecimento da existência de algum trabalho de Nogarola, escrito durante a segunda fase que identificámos (1441-1449), que tenha sobrevivido até aos nossos dias, sabemos que nesse período da sua vida ela se dedicou ao estudo aprofundado de textos bíblicos e patrísticos, juntamente com os clássicos, conforme se pode verificar das inúmeras citações que os seus trabalhos posteriores revelam.

Importa referir também a carta que o humanista veneziano Lauro Quirini lhe endereçou cerca de 1448<sup>172</sup>, aconselhando a Isotta um programa de estudos que incluía filosofia e retórica, matérias que sempre haviam sido consideradas inúteis para as mulheres. Esta extensa lista compreendia inúmeras obras do corpo aristotélico (representativo do treino de Quirini na Universidade de Pádua) que ia desde a Lógica (*Organon*) até à Ética e Política e que incluía trabalhos como *Magna Moralia*, *Physica*, *Metaphysica*, *De interpretatione* e *Categoriae*, assim como comentários medievais cristãos e islâmicos a Aristóteles (Boécio, S. Tomás de Aquino, Averróis e Avicena)<sup>173</sup>.

O período compreendido entre 1450-1461 foi sem dúvida a fase mais produtiva da sua carreira humanista. Assim, durante esta terceira fase, existe notícia de que Isotta produziu seis obras principais para apresentação pública, apesar de que apenas cinco delas terem sobrevivido até à atualidade. Com efeito, sabe-se que a humanista italiana compôs um discurso que apresentou no ano de jubileu de 1450 na corte papal de Nicolau V em Roma, texto esse que já não existe.

*De pari aut impari Evae atque Adae peccato* (*Diálogo de Adão e Eva*), sobre o qual nos debruçaremos em pormenor no capítulo seguinte terá sido escrito no ano seguinte (1451) e em 1453 Isotta compôs duas obras: um elogio para Ermolao Barbaro quando este foi entronizado como bispo de Verona e uma leitura pública sobre a vida de S. Jerónimo, encomendada à humanista pelo recém-nomeado bispo, para ser

---

<sup>172</sup> Vide supra, Capítulo II, 2., pág. 46.

<sup>173</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 22.

apresentada ao povo de Verona. Nestes dois trabalhos ela teve a oportunidade de exibir os seus conhecimentos clássicos e bíblicos adquiridos durante a década anterior.

Já no final da década de cinquenta do *Quattrocento*, por ocasião do Concílio de Mântua convocado pelo Papa Pio II em 1459, destinado a organizar uma cruzada para libertar Constantinopla, que tinha caído sob o poder dos turcos em 1453, Isotta compôs um discurso apelando à unidade entre os cristãos contra o invasor otomano. Para os humanistas italianos Constantinopla representava o último bastião da cristandade no Oriente e da antiga civilização grega no Ocidente. Assim, o seu discurso é simultaneamente um panegírico do Papa, cuja natureza delicada, misericórdia e clemência ela elogia e um apelo às armas contra os turcos otomanos, a quem ela apelida de “nação selvagem” e “raça maldita de homens”, na mais evangélica e violenta das suas composições, recheada de alusões bíblicas misturadas com reminiscências clássicas de Cícero, Plutarco e Vergílio<sup>174</sup>.

A última obra composta pela humanista, de que se tem conhecimento, foi uma carta consolatória (*Consolatio*) escrita para o nobre veneziano Jacopo António Marcello, como ocasião da morte do seu filho de oito anos, Valério, ocorrida a 1 de janeiro de 1461. Após a morte inesperado do seu filho, Marcello decidiu reunir num volume uma coleção de vinte e três textos consolatórios de dezanove autores, para celebrar a vida e morte de Valério. Para além de Isotta Nogarola, o livro contou com os contributos de Francesco Filelfo, poeta da corte do duque Francesco Sforza de Milão, o eminente humanista e secretário papal Niccolò Sagundino e Pietro Perleone, historiador e professor humanista na Scuola di San Marco, entre outros. Considerada como a mais elegante e polida de todas as suas obras, a contribuição de Isotta para o monumento literário que Marcello decidiu erigir ao seu filho, consolidou definitivamente a sua fama entre os autores humanistas do seu tempo.

## **2. Desconstruindo o mito de Eva**

Ao longo dos séculos as sociedades têm vindo a produzir mitos para transmitir as suas próprias interpretações sobre o mundo, os quais celebram modelos de

---

<sup>174</sup> NOGAROLA, 2004, p. 14.

comportamento, expressando crenças, valores e ideias. De todos, aquele que sem dúvida está mais enraizado na sociedade cristã é o mito de Eva, ou o mito do pecado original, construído como modelo de legitimação da dominação masculina, partindo do consenso patente em todas as tradições - jurídicas, médicas, filosóficas ou teológicas – (e que ainda hoje prevalece em algumas culturas) que situa a mulher abaixo do homem, como sendo um ser inferior.

Este conceito misógino parte da narrativa bíblica do livro de Gênesis, que conta a história de Adão e Eva. A primeira mulher teria sido criada por Deus a partir da costela de Adão para ser sua companheira no paraíso. Seduzida pela serpente, que lhe prometera o conhecimento, Eva convenceu Adão a comer o fruto da árvore proibida, transgredindo assim as regras que Deus lhe havia imposto. Santo Ambrósio, um dos quatro originais *Doutores da Igreja* afirmaria: “Adão foi conduzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. Aquele que a mulher conduziu ao pecado, é justo que ela o receba como dominador”<sup>175</sup>.

Isotta Nogorola iria debater a culpabilidade de Eva na sua obra *De pari aut impari Evae atque Adae peccato* – título que aqui traduzimos por *Diálogo de Adão e Eva* - expondo a hipocrisia daqueles que quiseram rotular a mulher como um ser irracional e imperfeito<sup>176</sup> mas, simultaneamente, capaz de conduzir Adão ao pecado original.

O debate terá partido da correspondência trocada com Ludovico Foscarini e destinava-se a determinar se Adão e Eva teriam pecado na mesma proporção, tendo como ponto de partida as teses de Santo Agostinho, segundo as quais ambos partilhavam a culpa pela sua expulsão do Paraíso. Isotta iria reproduzir essa troca epistolar dando-lhe a forma de um diálogo, que se tornou parte do seu legado permanente, permanecendo até hoje como um dos debates mais densamente argumentados acerca da natureza feminina, especialmente quando comparado com a literatura cortesã vernacular anterior.

Gerado à volta dos fundamentos da natureza feminina e masculina, o *Diálogo de Adão e Eva* é dominado por quatro argumentos principais que os interlocutores “esgrimem” magistralmente neste debate, como se de uma verdadeira “batalha dos

---

<sup>175</sup> BEAUVOIR, 1999, p. 157.

<sup>176</sup> “Un être occasionnel et incomplet, une sorte d’homme manqué”. Cf. S. Tomás de Aquino cit. por BEAUVOIR, 1999, p. 158.

sexos” se tratasse, onde Foscarini defende a tradição, enquanto que Isotta luta para resgatar Eva da infâmia:

1. **Natureza versus livre arbítrio** – Isotta justifica a ação de Eva, argumentando que a mulher é, por natureza, moral e intelectualmente fraca; por outro lado Ludovico contrapõe que ela teve a liberdade de escolher, condenando-a por ter escolhido o mal.
2. **Gravidade do pecado** – ambos os interlocutores sustentam que o seu protegido cometeu o pecado menor.
3. **Importância dada à redenção de Adão** – Isotta e Ludovico discutem se o facto de Cristo ter redimido o “homem” e não a “mulher” é revelador de que o seu pecado foi maior ou menor do que o de Eva.
4. **Significado e gravidade da punição sofrida por Adão e Eva** – este tópico de debate centra-se em saber qual dos dois ocupantes do Paraíso terá tido um castigo maior.

Foscarini inicia o debate sustentando que Eva é mais culpada porque recebeu uma punição maior, que a sua falta foi motivada pelo orgulho, pois a sua soberba e arrogância levou-a a pensar que se podia assemelhar a Deus, tendo sido também ela a causa de Adão ter pecado<sup>177</sup>.

Usando os preconceitos masculinos sobre a suposta inferioridade da mulher, Isotta constrói então a defesa de Eva, argumentando que a sua ignorância e a fraqueza de espírito a faria menos pecadora do que Adão, não podendo assim ser considerada responsável pelos seus atos: “a mulher não [comeu o fruto proibido] por acreditar que assim se tornaria igual a Deus, mas porque era fraca e inclinada ao prazer”<sup>178</sup>. O tema da debilidade feminina remonta às ideias filosóficas de Aristóteles, que aqui Isotta traz argutamente à colação: “onde menor é o senso e menor é a constância, há menos pecado; como é assim com Eva, o seu pecado foi menor”<sup>179</sup>. Importa referir que no século XV, debilidade e excepcionalidade eram duas ideias contraditórias que circulavam na sociedade italiana. As mulheres humanistas, das quais Isotta seria a

---

<sup>177</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. II, p.187.

<sup>178</sup> “Nec videtur id fecisse mulierem, quia dei similem se fieri magis crediderit, sed propter fragilitatem potius et voluptatem”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 189.

<sup>179</sup> “ [...] nam ubi minor sensus minorque constantia, ibi minus peccatum; et hoc in Eva, ergo minus peccavit”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 188.

melhor representante, constituíam então a exceção a essa debilidade/inferioridade, aqui habilmente chamada em defesa de Eva.

A humanista acrescenta também que quando Deus criou o paraíso, fê-lo para Adão e não para Eva, porque segundo o livro de Génesis “Deus tomou o homem e colocou-o no paraíso dos prazeres para que o cultivasse e o guardasse, e não disse: para que o cultivassem e guardassem, - e ordenou-lhe [a ele, Adão] e não a eles: come, e não comei, de todas as árvores - porque se algum dia comeres dela morrerás, e não morreréis”<sup>180</sup>. Não admira que tenha dirigido esse mandamento apenas a ele [Adão], pois “tinha em maior estima o homem do que a mulher”<sup>181</sup>. Perante isso, o pecado de Adão é maior do que o de Eva, pois ele (e só ele) transgrediu um mandamento divino, dado que o mesmo só tinha sido dirigido a ele, enquanto que ela apenas pecou por orgulho, ou seja, movida pelo desejo natural de conhecer o bem e o mal: “a fragilidade da mulher não foi a causa do pecado, mas o seu desordenado apetite de tentar obter aquilo que não lhe correspondia por natureza, o qual deriva, como tu escreves, da soberba. No entanto, é menos pecado desejar a ciência do bem e do mal que transgredir o preceito divino, porque o desejo de saber é algo natural e todos os homens desejam saber por natureza”<sup>182</sup>. Este desejo de conhecimento é algo que Isotta conhece muito bem, pois toda a sua vida ela reivindicou o direito ao saber, lutando contra os preconceitos masculinos para poder prosseguir os seus estudos e cultivar o seu intelecto, pelo que ninguém melhor que ela para “esgrimir” tal argumento.

Além disso, prossegue Isotta na sua defesa, ao ceder à tentação, Eva apenas se prejudicou a si própria e não teria colocado em perigo a posteridade, se o primeiro homem não tivesse também consentido em pecar. Ao fazê-lo Adão infectou com o seu pecado todas as gerações futuras, pois segundo Aristóteles, “o corpo é da mulher e a alma é do homem”. Não só a alma racional se transmite através da paternidade, como

---

<sup>180</sup> “Tulit ergo dominus deus hominem et posuit eum in paradiso voluptatis, ut operaretur et custodiret illum, et non dixit: ut operarentur et custodirent illum, - et procepit ei, et non eis: ex omni ligno comedite, et non comedite, - in quocunque enim die comederis, morte morieris, et non moriemini”. Verificamos neste trecho que Isotta segue o texto bíblico de perto esforçando-se por salientar o uso do singular: “comede, et non comedite”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 189.

<sup>181</sup> “Et hoc quia magis aestimabat hominem quam mulierem”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 189.

<sup>182</sup> “Fragilitas autem mulieris non fuit peccati causa, sed inordinatus appetitus appetendi id quod naturae suae non competebat, quod procedit, ut scribis, ex superbia. Minus tamen peccatum videtur scientiam appetere boni et mali, quam transgrediendi praeceptum divinum, quia appetitus sciendi est quoddam naturale et omnes homines a natura scire desiderant.” Neste trecho verificamos que Isotta recorre a Aristóteles ao citar a primeira linha da sua *Metaphysica*: “Todos os homens por natureza desejam o saber”. Vid. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 201.

para além disso nesta reside a virtude, através da qual se transmite aos animais uma alma sensível<sup>183</sup>.

No que respeita à gravidade da punição sofrida pelo primeiro homem e pela primeira mulher, Isotta defende que o castigo de Adão foi maior pois enquanto a Eva foi dito que teria de parir crianças com dor, ele foi punido com trabalho e morte.

Por seu lado, Ludovico contrapõe, defendendo Adão, e recorrendo a textos bíblicos e teológicos para sustentar a versão tradicional da culpa de Eva. Alegando que a ignorância não podia ser usada como desculpa, já que ela deveria ter tido o discernimento necessário para não agir desse modo, Foscarini concluiu ser, desse modo, pior o seu pecado. Quanto ao castigo dado por Deus aos transgressores, Foscarini sustenta que a punição de Eva foi mais dura, pois ela terá de sofrer todas as dores impostas a Adão, mais as dores do parto, para além de também ter de trabalhar e de morrer. Além disso, para ele, o pecado da primeira mulher foi maior, pois foi por causa dela, por amor a ela, que Adão pecou.

Na sua resposta, a humanista volta a insistir na fraqueza de Eva, para justificar os seus atos e na sua ignorância, a qual lhe teria sido implantada por Deus, derivando do facto de não ter sido criada perfeita, como Adão, ao qual foi dado o domínio sobre a terra. O corpo de Adão era mais perfeito, pois foi criado de origem, enquanto que Eva tinha sido criada a partir do corpo do homem.

Assim, a “imperfeição” de Eva justificaria a sua ingenuidade face à sedução exercida pela serpente, enquanto que a “perfeição” de Adão tornaria o seu ato de comer um fruto proibido - tendo ele plena consciência dessa proibição – um pecado muito maior<sup>184</sup>. Sendo ele um homem e, portanto, intelectual e moralmente superior à mulher, deveria ter tido a autoridade moral para não ceder à tentação, opondo-se à fraqueza de Eva e impedindo assim a consumação do pecado original<sup>185</sup>. Nogarola adianta ainda que “sabendo da sua fraqueza, a hábil serpente começou por tentar a mulher, supondo que o homem seria invulnerável, devido à sua constância”<sup>186</sup>.

O modo inteligente como Isotta interpreta o erro de Eva remete-nos para Christine de Pizan, pois também ela usou esse paradoxo força/fraqueza nas suas obras. Ambas partilham a mesma concepção da educação feminina e à primeira vista pode

---

<sup>183</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 190.

<sup>184</sup> FENSTER, [2008], p. 58.

<sup>185</sup> BERTOLOMEU MASIÁ, 2007, p. 21.

<sup>186</sup> “Unde hoc cognoscens serpens ille callidus initium tentationis sumpsit a femina, dubitans quidem hominem propter constantiam non posse superari”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 188.

parecer surpreendente que duas mulheres que alcançaram o nível de erudição que elas conquistaram decidam promover a defesa de Eva com base no argumento da inerente fraqueza de espírito feminina.

Margaret L. King sustenta que esse raciocínio contradiz as intenções de Isotta de reivindicar a igualdade das mulheres face aos homens, admitindo a inferioridade feminina: “aqui, no auge da sua carreira literária, Isotta trai a sua convicção de que a mulher foi criada na realidade inferior ao homem, e que todas as mulheres tinham que arcar com o ônus dos primeiros atos da criação”<sup>187</sup>.

No entanto, outros investigadores não partilham a mesma opinião e defendem que a verdadeira intenção de Isotta nunca foi demonstrar quem teve a culpa do pecado original, mas que o debate obedecia a uma estratégia muito mais subtil. Essa é também a nossa opinião, pois ao alegar uma suposta inferioridade feminina para desresponsabilizar Eva, Isotta obriga Foscarini a reconhecer que, como seres humanos, o homem e a mulher são iguais. Só assim poderia sustentar a sua teoria de que a culpa da desobediência de Adão não eximia Eva das suas responsabilidades no pecado. Em caso contrário, Adão teria de suportar sozinho todas as culpas por ter desobedecido a Deus<sup>188</sup>.

Portanto, apesar de aparentemente Isotta ter perdido o debate por argumentar dentro dos limites das versões canónicas e teológicas, na realidade ela sai triunfante por se apropriar dos fundamentos masculinos - “speaking male voices”, segundo Thelma Fenster - para fazer valer o seu ponto de vista, chamando a atenção tanto para as suas capacidades intelectuais, como para as do seu sexo<sup>189</sup>.

### **3. A poética Latina: o lado mais suave da erudição feminina**

A primeira edição conhecida das obras de Isotta Nogarola - a publicação do *De pari aut impari Evae atque Adae peccato (Diálogo de Adão e Eva)*, impressa em Veneza, em 1563, pelo seu sobrinho-neto, o conde Francesco Nogarola – incluía o único poema de Isotta de cuja existência se tem conhecimento: *Elegia de laudibus Cyanei ruris*. Trata-se de uma belíssima peça de poesia pastoral neolatina, composta

---

<sup>187</sup> KING, 1976, p. 288.

<sup>188</sup> BERTOLOMEU MASIÁ, 2007, p. 22.

<sup>189</sup> FENSTER, [2008], p. 59.

por noventa e dois versos, louvando o campo ao redor do seu refúgio campestre, em Castel d’Azzano, nas imediações de Verona, um lugar que ela evidentemente adorava, pela sua capacidade de a inspirar para estudar e escrever. Este poema permite-nos vislumbrar o lado mais feliz da sua vida: compondo nos jardins de uma *villa* elegante e desfrutando a amizade de Ludovico Gonzaga e do poeta Pontano, em vez de enclausurada numa cela repleta de livros<sup>190</sup>.

Nesta edição, dedicada a Bernardo Navagero, que tinha recentemente sido nomeado cardeal de Verona, Francesco Nogarola procedeu a algumas alterações significativas, com o objectivo de honrar o seu amigo e patrono. Assim, adicionou ao diálogo uma terceira personagem, Giovanni Navagero, um antepassado famoso do cardeal, assumindo o próprio conde Nogarola o papel de interlocutor no diálogo, papel esse que originalmente, como sabemos, cabia a Ludovico Foscarini.

Como a edição aldina é a única fonte onde esta elegia pode ser encontrada, estas alterações introduzidas por Francesco Nogarola, iriam levar Abel a questionar se o poema seria da autoria do próprio conde<sup>191</sup>. Este, no entanto, acabaria por concluir que o poema era obra da humanista, tendo o seu sobrinho-neto incluído nele - à semelhança do que fizera com o *Diálogo de Adão e Eva* - algumas linhas da sua pena, mencionando o antepassado famoso do cardeal Navagero, com a clara intenção de o agraciar. Além disso, Isotta era muito respeitada como escritora e os pormenores encontrados no poema, referindo as visitas de Gonzaga e Giovanni Pontano, dificilmente poderiam ter sido inventados. Assim, a adição do conde é constituída por 18 linhas – da linha 19 à 36 – com uma clara diferença de estilo e notoriamente dedicadas a louvar Navagero, sendo por isso facilmente identificadas no texto.

Neste poema, que aqui apresentamos no original em latim e com uma tradução para português da nossa autoria, Isotta demonstra claramente os seus vastos conhecimentos das obras clássicas e da mitologia grega, ao compor o seu próprio mito etiológico ao estilo de Ovídio.

Atualmente considerada como um género poético de tom melancólico ou de amores proibidos, a elegia na sua origem etimológica, provem de *elegós*, ou canto fúnebre. No entanto, desde o seu surgimento na Grécia, a elegia não se limitava somente

---

<sup>190</sup> STEVENSON, 2010, p. 161.

<sup>191</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, LII-LVI.

à temática do luto, sendo considerada como elegíaca toda poesia composta de dísticos elegíacos, ou seja, um hexâmetro e um pentâmetro<sup>192</sup>.

Na literatura latina a elegia ganhou um novo sentido ao se generalizar a utilização de temas eróticos e mitológicos. Ovídio ampliou os temas elegíacos romanos. Compôs elegias amorosas para uma determinada mulher em *Amores*, depois abordou o amor de personagens míticas nas *Heroides*, transferiu o eixo do amor para a conquista amorosa, em *Ars Amandi* e, finalmente, inaugurou uma elegia intimista sem ligação com a temática amorosa, em *Tristia* e *Pontica*<sup>193</sup>.

Na sua elegia, Isotta Nogarola demonstra o seu amor pelo retiro de verão da sua família dando à propriedade o poético nome de Cíane, designação grega para nascente ou fonte. Isotta revela um vasto e íntimo conhecimento dos poetas latinos, tanto coevos como clássicos, ao seguir a narrativa ovidiana do rapto de Perséfone e da transformação da sua companheira, a ninfa Cíane, numa poça de água, conduzindo habilmente o texto de modo a induzir no leitor a ideia de que a ninfa teria elegido a aprazível propriedade da família Nogarola para nela vir descansar.

Segundo Holt Parker, esta afeição por uma paisagem em particular é uma característica marcante da poesia renascentista e “o poema de Isotta é um belo exemplo da elegia neolatina” tendo as linhas 43 a 50 “atingido uma esplêndida originalidade ovidiana”<sup>194</sup>.

### 3.1. Elegia de laudibus Cyanei ruris

Saluete, O Cyani fontes dulcesque recessus

In medioque alnis consita silua lacu!

Aonidum saluete choris loca grata sororum

Et quae cum Bromio Phoebus adire solet!

Docta Mihi quoties quarenti carmina Musas

5

Profuit in uestro comperiisse sinu!

Posthabito quoties Parnasi uertice Apollo

---

<sup>192</sup> SILVA, Márcia Regina de Faria da, 2009, “A Elegia Ovidiana”, *Soletras*, Ano IX, Nº 17, Supl. São Gonçalo, UERJ, pp. 9-14, p. 9

<sup>193</sup> SILVA, 2009, p. 14.

<sup>194</sup> PARKER, 2002a, p. 15.

Libethrique undis haec bemora alta colit!  
 Haec quoque, dum sordent Nysae iuga celsa, feroces  
 Liber agens tigres saepe uireta petit. 10  
 Quot patuit domus ista uiris uirtutibus auctis  
 Insignique ortis hospitibus genere!  
 Haec quoties Gonsaga et amore et sanguine iunctus,  
 Mantua quo gaudet praeside, tecta subit!  
 Huc quoque Pontanus Musis comitatus amoeni 15  
 Non semel accessit captus amore loci,  
 Qui iam migrantes Latii reuocauit ab oris  
 Pieridas, magnae gloria Parthenopes.  
 Quis tacitum, quis Naugerum, Verona, relinquat,  
 Sceptra tenens nuper qui tibi iura dedit? 20  
 Hanc dum urbem regeret paribus moderatus habenis,  
 Quam praeclare illud, quam bene munus obit!  
 Hunc sophiae imbutum studiis sub flore iuuentae  
 Cirrhaeis quondam Musae aluere iugis.  
 Dum rapidus mediam Veronae diuidet urbem 25  
 Noster et Adriadas dum petit amnis aquas,  
 Naugeri nobis nomen laudesque uigebunt,  
 Haerebitque imo pectore sempre honos,  
 Nunc memini et meminisse iuuat quo tempore nostras  
 Non spreuit tantus praetor adire domos. 30  
 Quam fausta illuxit caelo, quam candida nobis  
 Lux felix, cressa lux bona digna nota,  
 Qua periucundo iussum est certamine quaeri,  
 Patraritne Adam maius an Eva scelus!  
 Ille uiri partes, ego sum conata tueri 35  
 Foemineas, quamquam femina quid poteram?  
 Deliciae, O Cyanum, et Nogarolae gentis ocelle,  
 Alcinoi atque hortis gratior Hesperidum,  
 Non mirum si iam deserta sede Pelori  
 Nympha suburbano constitit hoc Cyane! 40  
 Dux Erebi Aetneis quondam ferus abstulit oris

Persephonem Cereris pignora cara deae.  
 Trinacris ingemuit raptam miserata; tulisset  
 Persephonem, ah miserae, si potuisset, opem.  
 Flumina creuerunt lacrimis fontesque lacusque; 45  
 Flammarum euomuit latius Aetna globos.  
 Quis credat? Tunc Scylla etiam, tunc Scylla doloris  
 Latratu horrífico máxima signa dedit.  
 Te quoque non solitas memorant fudisse querelas  
 Miscentem lacrimis, saeua Charybdis, aquas. 50  
 Ipsae etiam nymphae confectae corda dolore  
 Errabant scissis lata per arua comis  
 Ac ueluti Euantes implebant questibus auras,  
 Tudentes palmis pectora et ungue genas.  
 Quas inter forma egrégia castoque pudore 55  
 Praeclari Cyane nominis emicuit.  
 Fida una ante alias Cyane comes atque ministra  
 Haerebat lateri sedula Persephones.  
 Alma Ceres, dum maternas inuiseret arces:  
 Natae, ait, O Cyane, sit tibi cura meae. 60  
 Hanc tibi commissam, Cyane, fidissima serues,  
 Nusquam absit, iussis pareat illa tuis.  
 Vtraque paruerat, cura utebatur eadem,  
 Vtraque sed Stygiis est superata dolis  
 Quid faceret? Quo se raperet perterrita custos? 65  
 Non erat et formae uis metuenda suae?  
 Ipsa amens animi atque ingenti caeca dolore  
 Torpuit et nuda frigida sedit humo.  
 Tum patriam fugere atque inuisa excedere terra  
 Et petere Ausoniae littora certa fuit 70  
 Nulla mora. Vndisonum sículas quod diuidit oras  
 Finibus Hesperiae traiccit illa fretum.  
 Post uarios casus, post multa pericla quieuit  
 Sedibus his longae fessa labore uiae.  
 Rus proprio Cyanum dixit de nomine, fontes 75

Admirata tuis hic, Arethusa, pares.  
 Ex illo Cyanum prisci didicere parentes.  
 Sera hoc gaudebit nomine posteritas.  
 Nympha decus Siculi quondam formosa Pachyni,  
 Nunc Cyani et nostrae gloria magna domus! 80  
 Floreat o utinam per saecula longa superstes,  
 Credita tugelae gens Nogarola tuae.  
 Aemula sit uitae Nogarolo a sanguine creta  
 Atque pudicitiae foemina quaeque tuae.  
 Hanc oro tutare domum natosque neputesque; 85  
 Incolume hoc serues, candida nympha, genus.  
 Sic uarios nunquam flores mala frigora laedant,  
 Neue tuos nimius torreat aestus agros.  
 Sic tibi sint liquidi fontes, uenantia circum  
 Prata nec anguinea sordeat unda lue. 90  
 Quin ea, quot rutilas Pactolus fundit arenas  
 Vincat, quotque Tagi iactat Iberus opes.

### 3.2. Elegia sobre os louvores do campo de Cíane

Salve, fontes de Cíane e doces recantos  
 E bosque com amieiros plantados no meio do lago,  
 Salve, lugares amados pelas danças das irmãs Aónidas  
 Os quais Febo com Brómio costuma visitar!  
 Quantas vezes, quando estava buscando doutos poemas 5  
 Me foi proveitoso descobrir as Musas no vosso seio!  
 Quantas vezes Apolo, tendo deixado o pico do Parnaso  
 E as ondas de Libetra, cultua estas altas serranias!  
 Também Líber, quando cansado dos majestosos picos de Nisa  
 Conduzindo os seus ferozes tigres procurou estes verdes prados. 10

Quantas vezes abriu esta casa as suas portas a homens cumulados de virtudes  
 E a hóspedes de insignes linhagens!  
 Quantas vezes Gonzaga, unido a mim, por amor e sangue,  
 Sob cuja proteção Mântua exulta, esteve debaixo deste tecto!  
 Também Pontano, acompanhado das Musas 15  
 Mais do que uma vez aqui esteve, apaixonado por este lugar  
 Quem chamou de volta as Piérides, quando elas fugiram  
 Das costas do Lácio, a glória da grande Parténope,  
 Quem deixará silencioso Navagero, que empunhou o ceptro,  
 Que te deu as leis, Verona? 20  
 Enquanto ele governou esta cidade, com moderação e igualdade  
 Tão ilustremente e tão bem exerceu o seu ofício!  
 Imbuído no estudo da filosofia na flor da sua juventude  
 As Musas criaram-no outrora nos cumes délficos  
 Enquanto o nosso sinuoso rio cortar ao meio a cidade de Verona 25  
 Buscando as águas do Adriático,  
 O nome e a fama de Navagero florescerão para mim  
 E a sua honra penetrará fundo no meu peito.  
 Agora eu relembro e deleito-me a recordar o tempo quando  
 Um tão grande pretor não menosprezava visitar a nossa casa. 30  
 Que ditosa a luz que brilha no céu, que brilhante para nós,  
 Luz feliz, luz boa e digna de nota.  
 Sob a qual nos ordenaram que estudássemos o mais agradável debate  
 Sobre se foi Adão ou Eva quem pecou mais!  
 Ele tentou defender o lado dos homens, eu o das mulheres 35  
 Apesar de, o que poderia eu, uma mulher, fazer?  
 Ó Cíane, delícia dos olhos da família Nogarola,  
 Mais agradável que os jardins de Alcínoo ou das Hespérides  
 Não admira se estando já deserta a moradia do Peloro  
 A ninfa Cíane se estabeleça nesta *villa!* 40  
 O cruel Senhor de Érebo uma vez raptou das costas do Etna  
 Perséfone, a filha querida da deusa Ceres,  
 A Sicília chorou apiedada do rapto: ah pobre Perséfone  
 Se pudesse, ela a teria ajudado

Das suas lágrimas brotaram rios, fontes e lagos 45  
 Mais vastamente o Etna do Lácio vomitou bolas de fogo.  
 Quem acreditaria? Então Cila, até mesmo Cila deu provas  
 Da maior dor ladrando horrivelmente.  
 Disseram que também tu, Caríbdis, derramaste invulgares prantos  
 Misturando as águas com as tuas lágrimas. 50  
 As próprias ninfas com o coração ferido de dor  
 Vagueavam pelos amplos campos arrancando os cabelos  
 E como as Bacantes enchiam o ar com os seus lamentos  
 Golpeando os seus seios com as palmas e as suas faces com as unhas.  
 Entre as quais, com excepcional beleza e casta modéstia, 55  
 O famoso nome de Cíane brilhou.  
 Companheira e servidora mais leal do que os outros, Cíane  
 Costumava ficar ao lado de Perséfone.  
 A propícia Ceres, quando ela visitava a cidadela maternal,  
 Dizia: “Ó Cíane, por favor toma conta da minha filha. 60  
 Confio-ta, fidelíssima Cíane conserva-a segura,  
 Que nunca esteja longe de ti, que obedeça sempre às tuas ordens.”  
 Ambas obedeceram, ambas usaram o mesmo cuidado,  
 Mas ambas conquistadas pelos dolos do Estige.  
 O que poderia ela fazer? Para onde terá ido a guardiã aterrorizada? 65  
 Não era uma força temível a sua própria beleza?  
 Louca no espírito, cega de imensa dor  
 Entorpeceu e sentiu-se nua no chão frio.  
 Então ela decidiu fugir da sua pátria e deixar o país odiado  
 Para procurar as costas de Itália. 70  
 Sem demoras. Ela atravessou o estreito de ondas retumbantes  
 Que divide as costas de Sicília da fronteira da Hespéria.  
 Depois de várias desventuras, depois de muitos perigos, ela descansou  
 Neste assento, exausta da labuta da sua longa jornada.  
 Ela chamou ao campo Cíane, o seu próprio nome, 75  
 Encantada com as fontes que te igualam, Aretusa.  
 A partir de então os antigos pais aprenderam com Cíane  
 Que será este o nome para a posteridade.

Bela ninfa, que foi a coroa do Pachino da Sicília  
É agora a glória de Cíane e da nossa grande casa. 80  
Possa florescer sobrevivendo através de longos séculos,  
A família Nogarola confiada à tua proteção  
Possa cada mulher nascida do sangue Nogarola  
Ser émula da tua vida e modéstia,  
Rezo para que guarde esta casa, os seus filhos e netos. 85  
Mantém esta raça ilesa, Ó brilhante ninfa.  
Que as cruéis geadas nunca danifiquem as tuas variadas flores,  
Nem o calor excessivo queime os teus campos.  
Possam as tuas fontes ser claras, os teus prados em volta ser verdejantes,  
E a tua onda não ser conspurcada pelo lodo das serpentes. 90  
De facto, ela supera a areia vermelha que Pactolo derrama,  
E toda a riqueza de que o Tejo Ibérico se orgulha.

## CAPÍTULO IV - ESTADO DA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE ISOTTA NOGAROLA

### 1. As primeiras edições da obra de Isotta

A primeira publicação que se conhece das obras de Isotta Nogarola, surgiu cerca de cem anos após a sua morte, ocorrida em 1466. De facto, em 1563, o conde Francesco Nogarola, sobrinho-neto da humanista italiana, mandou imprimir em Veneza a sua obra-prima *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*<sup>195</sup>. Essa edição inclui o poema *Elegia de laudibus Cyanei ruris*, a única composição poética da autoria de Isotta, composta por noventa e duas linhas de poesia, louvando o campo ao redor do retiro de verão da sua família, em Castel d’Azzano.

Como já referimos anteriormente, na edição aldina Francesco Nogarola procedeu a algumas alterações significativas, com o objectivo de agraciar Bernardo Navagero, que tinha sido nomeado cardeal de Verona, a quem a obra vai dedicada. Assim, o papel de Ludovico Foscarini – interlocutor neste diálogo - foi atribuído ao próprio conde Nogarola e um terceiro personagem foi incluído: Giovanni Navagero, um famoso antepassado do seu amigo e patrono, o qual tinha sido pretor de Verona durante um curto período de tempo, em 1425, quando Isotta tinha 7 anos, e novamente, por alguns meses, em 1434. Francesco optou também por situar o diálogo na propriedade de verão da família Nogarola, apesar de o manuscrito original não mencionar um cenário concreto onde a ação teria tido lugar. Esta edição incluiu também uma saudação ao cardeal, na qual se enaltece a figura do seu antepassado, o qual é considerado, juntamente com Isotta, uma das personalidades excepcionais que contribuíram para a glória da cidade de Verona. Na introdução, Francesco Nogarola declara expressamente que a sua intenção, ao mandar publicar a obra da sua tia-avó, se insere numa tentativa de travar o esquecimento a que muitas mulheres ilustres vinham sendo votadas, porquanto elas seriam dignas de ser recordadas. O seu gesto pretendia servir de exemplo para que outros homens da cultura assumissem a defesa da dignidade das mulheres cultas do seu

---

<sup>195</sup> NOGAROLA, Isotta, veronensis, 1563, *Dialogus, quo, utrum Adam vel Eva magis peccaverit, quaestio satis nota sed non adeo explicata, continetur*, Aldus, Venezia.

século.

Em 1851, Elisabetta Venini Franco publicou novamente o texto latino, junto com uma tradução para italiano<sup>196</sup>.

O mais importante estudo sobre a humanista italiana é a sua biografia realizada por Eugenius Abel, que serve como introdução à edição oitocentista da totalidade da sua obra, a qual inclui também cartas e poemas de sua irmã Ginevra e da sua tia Ângela<sup>197</sup>. O prefácio desta edição contém também uma breve história em latim da família Nogarola, incluindo algumas biografias e uma seleção de trabalhos de autores seus contemporâneos acerca das mulheres Nogarola. A publicação deste livro contou com o patrocínio do conde Alexander Apponyi, neto de Teresa Nogarola - condessa Apponyi pelo seu casamento com o conde António Apponyi - a quem esta edição é dedicada: “*Manibus aviae dulcissimae Theresiae Nogarolae uxoris Antonii Apponyi D.D.D. nepos piissimus Alexander Apponyi*”. No mesmo ano, Abel publicou também uma versão alemã do seu estudo sobre Isotta<sup>198</sup>.

## 2. Os primeiros estudos críticos

Antes mesmo da primeira publicação das suas obras, as qualidades de Isotta e a sua extraordinária erudição eram louvadas por Giovanni Sabadino degli Arieti, o qual, em 1483, a decidiu incluir no seu catálogo de mulheres extraordinárias: *Gynevere de le clare donne*<sup>199</sup>. Nesta obra, dedicada a Ginebra Sforza Bentivoglio são apresentadas trinta e duas biografias que seguem o modelo preconizado por *De mulieribus claris* de Boccaccio, mas recorrendo ao exemplo de mulheres contemporâneas do seu autor. É esse o caso das princesas humanista dos Malatesta, Gonzaga e Sforza que fazem uso da sua erudição para fins políticos. Isotta Nogarola é apresentada como um ideal de mulher viril (*virago, viriles animi*), e simultaneamente como uma *virgo docta* que escolhe a

---

<sup>196</sup> NOGAROLA, Isotta, 1851, *Chi abbia maggiormente peccato Adamo od Eva dialogo d'Isotta Nogarola publicato col suo volgarizzamento*, Elisabetta Franco Venini (ed. e trad.), Vicentini e Franchini, Venezia.

<sup>197</sup> NOGAROLA, Isotta, 1886, *Isotæ Nogarolæ Veronensis opera quae supersunt omnia: accedunt Angelæ et Zeneveræ Nogarolæ epistolæ et carmina*, ABEL, Eugenius (ed.) 2 vols., Viena, apud Gerold & Cie; Budapest, apud Fridericum Kilian.

<sup>198</sup> ABEL, Eugenius, 1886, “Isota Nogarola”, *Vierteljahrsschrift für Kultur und Literatur der Renaissance* 1, pp. 323-355, 440-473.

<sup>199</sup> ARIETI, Giovanni Sabadino degli, 1888, “De Isota vergene da Nugarola”, RICCI, C. (ed.) *Gynevere de le clare donne*, Bologna, Romagnoli-Dall’Acqua, pp. 173-180.

castidade: “*per la cui virginità et doctrina il suo nome in fra le donne clare ha meritato perpetuo fulgore*”<sup>200</sup>. É também de Sabadino a única descrição física de Isotta que se conhece: “tinha um bellissimo rosto redondo, muito gracioso: os seus olhos eram graves mas penetrantes e mais brancos do que negros”<sup>201</sup>, acrescentando que se vestia como um viúva, com um manto negro que lhe cobria a cabeça.

No “*Praefatio*” da edição de Abel é possível encontrar bibliografia que comprova que Isotta era conhecida de vários autores dos séculos posteriores. A notoriedade da humanista parece ter sido estabelecida no seu próprio século e a tradição historiográfica não a negligenciou desde os seus dias até à atualidade.

Na *Historia Litteraria Typographica Mediolanensis ab an. 1465 ad 1500* de Joseph Saxius<sup>202</sup>, podemos encontrar uma carta de Isotta Nogarola endereçada ao cardeal Giuliano Cesarini, um príncipe da Igreja, que a encorajou a escrever-lhe. Nessa carta, a humanista louva as grandes realizações do cardeal e pede-lhe o seu patrocínio para a família Nogarola, e especialmente para o seu irmão Leonardo, que pretende seguir a carreira eclesiástica. Alguns anos mais tarde, em 1759, o padre Louis Moréri elogiava a sua erudição e a sua proficiência: “Cette fille écrivit diverses lettres pleines de savoir; & nous apprenons d’un auteur moderne, qu’il y en avoit 564 manuscrites d’elle dans la bibliothèque de M. De Thou”<sup>203</sup>.

Isotta Nogarola aparece também mencionada na compilação biobibliográfica de Fanny Mongellaz, *De l’influence des femmes...*<sup>204</sup>; e dois anos depois na *Biographie universelle et historique des femmes célèbres mortes ou vivantes...* de Louis Marie Prudhomme<sup>205</sup>. Ainda durante a primeira metade de oitocentos, podemos encontrar um pequeno artigo sobre a humanista na compilação efectuada pelo conde Pietro Leopoldo

---

<sup>200</sup> “Por cuja virgindade e erudição seu nome entre as mulheres ilustres mereceu esplendor perpétuo”. Cf. ARIETI, 1888, p. 173.

<sup>201</sup> ARIETI, 1888, p. 177.

<sup>202</sup> SAXIUS, Joseph Ant. 1745, *Historia Litteraria Typographica Mediolanensis ab an. 1465 ad 1500*. Fol. Mediol.

<sup>203</sup> “Esta rapariga escreveu diversas cartas, plenas de saber; e nós soubemos através de um autor moderno que existem 564 manuscritos seus na biblioteca de do Sr. De Thou”. Vid. MORÉRI, Louis, 1759, *Le grand dictionnaire historique ou Le mélange curieux de l’histoire sacrée et profane*, 10 vols., Paris Libraires Associés, vol. 6, p.456.

<sup>204</sup> MONGELLAZ, Fanny, 1828, *De l’influence des femmes sur les moeurs et les destinées des nations, sur les familles et la société, et l’influence des moeurs sur le bonheur de le vie*, 2 vols. Paris, L.G. Michaud, Libraire-Éditeur, Vol. 1 p. 109.

<sup>205</sup> PRUDHOMME, Louis Marie, 1830, *Biographie universelle et historique des femmes célèbres mortes ou vivantes. qui se sont fait remarquer dans toutes les nations, par leurs vertus, leurs talents pour les sciences et les arts, par leur sensibilité, leur courage, leur héroïsme, leurs malheurs, leurs erreurs, leurs galanteries, leurs vices, etc., depuis le commencement du monde jusqu’a nos jours: par une Société de Gens de Lettres*, 4 vols, Paris, Lebigre, Vol. 4, p. 14.

Ferri sobre autoras italianas<sup>206</sup>.

Nos anos seguintes à edição de Abel, esta foi comentada por outros autores, que trouxeram novas contribuições para o estudo de Isotta Nogarola e da sua obra. Em 1887, Gustav Heinrich publicou uma resenha crítica sobre esta edição<sup>207</sup> e Ludwig Geiger traçou um interessante retrato da humanista em "Das Bild der Isotta Nogarola"<sup>208</sup>. Dois anos mais tarde, o artigo de H. Schnorr von Carolsfeld intitulado "Nogaroliana"<sup>209</sup> fornece mais algumas informações complementares sobre Isotta, recolhidas nos seus manuscritos.

Isotta Nogarola também foi conhecida como correspondente de Guarino Veronese, inclusive por autores que nunca tiveram acesso à obra de Abel. No início do século XIX Carlo de Rosmini descreveu a troca de correspondência de Isotta com Guarino na sua *Vita e disciplina di Guarino Veronese e de' suoi discepoli*<sup>210</sup>.

Ao longo do tempo, Isotta vai aparecendo em mais trabalhos sobre o humanismo do século XV. Ela é mencionada por Georg Voigt<sup>211</sup>, por William Harrison Woodward<sup>212</sup>, por Philippe Monnier<sup>213</sup> e por Vittorio Rossi<sup>214</sup>. Este último optaria por contrapor Isotta a Constanza Varano, na sua crítica à humanista. Surpreendentemente não faz qualquer menção à sua obra limitando os seus comentários a emitir um parecer sobre as suas vidas privadas, referindo-se a modelos de feminilidade. Nesse aspecto a sua crítica a Isotta é feroz, descrevendo-a como personificando "outro – podemos dizer pedante - ideal literário, mas onde a mulher morria afogada", enquanto que Constanza é retratada como sendo "mais gentil, mais afectuosa"<sup>215</sup>.

---

<sup>206</sup> FERRI, Pietro Leopoldo, 1842, "Isotta Nogarola", *Biblioteca femminile italiana, raccolta, posseduta e descritta dal conte Pietro Leopoldo Ferri padovano*, Padova, Tip. Crescini, pp. 256-257.

<sup>207</sup> HEINRICH, Gustav, 1887, "Opera", *Ungarische Revue*, 7, pp. 446-453.

<sup>208</sup> GEIGER, Ludwig, 1887, "Das Bild der Isotta Nogarola", *Vierteljahrsschrift für Kultur und Literatur der Renaissance* 2, p. 109.

<sup>209</sup> CAROLSFELD, H. Schnorr von, 1889, "Nogaroliana", *Zeitschrift für vergleichende Literaturgeschichte und Renaissance-Literatur* 2, pp. 365-368.

<sup>210</sup> ROSMINI, Carlo de, 1805-1806, *Vita e disciplina di Guarino Veronese e de' suoi discepoli*, 3 vols., Brescia, Niccolò Bettoni, vol. 2, pp. 69-72.

<sup>211</sup> VOIGT, Georg, *Il risorgimento dell' antichità classica*, tradução italiana com prefácio e notas de D. Valbusa, 3 vols., Firenze, G.C. Sansoni, 1888-1890, (reedição Florença, Eugenio Garin, 1968), vol. 1, pp. 339-340.

<sup>212</sup> WOODWARD, William Harrison, 1897, *Vittorino da Feltre and Other Humanist Educators*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 186, 249-250.

<sup>213</sup> MONNIER, Philippe, 1912, *Le Quattrocento*, 2 vols., nouvelle ed., Paris, Perrinet Cie., Librairie Academique, vol. 1, p. 173.

<sup>214</sup> ROSSI, Vittorio, 1953, *Il quattrocento*, new ed., Storia letteraria d'Italia, n.º. 5, Milan, Società Editrice Liberia, Dr. Francesco Vallardi, p. 53.

<sup>215</sup> ROSSI, 1953, p. 65.

Para o estudo de Ludovico Foscarini, amigo íntimo de Isotta e seu interlocutor no famoso *diálogo*, recomenda-se a biografia de Giovanni degli Agostini<sup>216</sup>; a compilação das cartas de Foscarini de G. B. Picotti<sup>217</sup> e o estudo crítico de Gianni Zippel<sup>218</sup>. Ludovico também tem uma presença destacada em *La dieta de Mantova e le politica dei veneziani* de Picotti<sup>219</sup>.

### 3. Um caso insólito

Em 1750, uma carta curiosa enviada pelo abade Jean Saas, sócio da Académie des Sciences & des Belles-Lettres de Rouen ao abade Goujet, cônego de Saint Jacques de l'Hôpital da mesma academia, e também filiado nas academias de Marselha e Angers, publicada sob o título “Nouvelles Remarques sur Isotta, femme sçavante d’Italie”<sup>220</sup>, dava conta de um extraordinário engano em que muitos autores seus contemporâneos tinham incorrido. Assim, esse singular equívoco fazia com que a “nossa” virginal Isotta Nogarola nascida em 1418, no seio da nobreza de Verona, tivesse sido confundida com Isotta degli Atti (c.1432-1474), uma simples burguesa de Rimini, que mercê da sua extraordinária beleza e espírito conquistou o coração de Sigismondo Pandolfo Malatesta, *condottiere* e senhor de Rimini, de quem se tornou amante quando era ainda adolescente, com tão somente 12 ou 13 anos. Após a morte da sua segunda esposa, Polyxène Sforza, em 1456, Malatesta desposou Isotta e em 1461 esta assumiu o governo de Rimini, após o Papa Pio II ter excomungado o marido, acusado de ter assassinado as suas anteriores esposas.

Na base deste equívoco estaria o *Liber Isotteus*, uma coletânea de cartas contendo versos em latim que Malatesta escreveu à sua amada Isotta, enquanto esteve na guerra, e as respostas, também em latim, que ela lhe enviou. Este manuscrito teria

---

<sup>216</sup> AGOSTINI, Giovanni degli, 1752-1754, *Notizie i storico-critiche intorno a la vita, e le opere degli scrittori veneziani*, 2 vols. Venezia, S. Occhi, vol. 1, pp. 45-57.

<sup>217</sup> PICOTTI, G. B., 1909, “Le lettere de Ludovico Foscarini”, *L’Ateneo Veneto*, anno 32, vol.1, pp. 21.49.

<sup>218</sup> ZIPPEL, Gianni, 1959, “Ludovico Foscarini ambasciatore a Genova nella crisi dell’espansione veneziana sulla terraferma (1449-50)”, *Bullettino dell’Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*, vol. 71, pp.181-255.

<sup>219</sup> PICOTTI, G. B. 1912, *La dieta de Mantova e le politica dei veneziani*, Deputazione di Storia Patria per le Venezia, Miscellanea di Storia Veneta, serie III, vol. 4.

<sup>220</sup> SAAS, Jean, 1752, “Nouvelles Remarques sur Isotta, femme sçavante d’Italie” in Antoine Gachet d’Artigny, *Nouveaux mémoires d’histoire, de critique et de littérature*, 7 vols. Paris, Debure, Vol. 5, pp. 28-48.

sido erroneamente catalogado como: “*Veronensis poetae Liber Isotteus*”<sup>221</sup>, gerando a confusão quando a sua autoria foi atribuída à mais ilustre poetisa de Verona: Isotta Nogarola. Existe, de facto, um *Liber Isottaeus* escrito por Giovanni Mário Filelfo, um elogio fúnebre à Isotta, composto imediatamente após a sua morte e dedicado ao seu irmão Ludovico Nogarola, o qual se encontra publicado na edição de Abel das obras da humanista<sup>222</sup>. No seu longo poema, Filelfo [filho do famoso Francesco] compõe um retrato da humanista como uma poetisa nobremente se recusou a casar para poder dedicar a sua vida ao estudo em busca da imortalidade, “consagrando todos os seus esforços à busca de fama e glória”<sup>223</sup>.

O manuscrito de *Marii Philelphi Isottaeus Liber* tinha sido publicado em 1753, por Pietro Valvasense na sua obra dedicada ao cardeal Francesco Caraffa di Trajetto<sup>224</sup>, onde Abel o recolheu. A preceder o artigo de Filelfo, Eugenius Abel publicou o poema de Clara Lanzavegia, também ela uma humanista, escrito em defesa de Isotta, a qual face à infame calúnia de que esta foi vítima, em 1439, por parte de um anónimo que assinava como *Plinius Veronensis*, afirmaria que ela [Isotta] não só havia ultrapassado em erudição as mulheres cultas da Antiguidade, como mesmo os homens mais cultos do seu tempo.

Possivelmente desconhecendo a existência de duas mulheres italianas célebres, com o mesmo nome [Isotta], coexistindo cronologicamente – assim como dois *Liber Isotteus* ou *Isottaeus* - vários autores setecentistas persistiram em que se tratava de uma única e mesma personagem, transformando a erudita de Verona na amante de Malatesta e discutindo acaloradamente acerca do seu local de nascimento: Verona ou Rimini? Enquanto os historiadores persistiam em afirmar que Verona tinha sido o berço de Isotta [Nogarola] os defensores de Rimini apoiavam-se no testemunho facultado por duas medalhas que a cidade de Rimini tinha mandado cunhar em homenagem à “sua” Isotta [degli Atti], para justificarem que essa tinha de ser necessariamente a sua cidade de origem.

---

<sup>221</sup> PHILLIPPS, Sir Thomas, 1837, *Catalogus Librorum Manuscriptorum in bibliotheca d. Thomae Phillipps*, p. 429

<sup>222</sup> FILELFO, Mario, 1886, “Liber Isattaeus, de pudicissimae virginis et generosae et praestantissime mulieris veronensis moribus, doctrinaque, vita et morte”, in Eugenius Abel (ed.) *Opera quae Supersunt Omnia, accedunt Angelae et Zeneverae Nogarolae epistolae et carmina*, vol. 2, Vienna, Gerold & Cie; Budapeste, Fridericum Kilian, pp. 360-390.

<sup>223</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 365.

<sup>224</sup> VALVASENSE, Pietro, 1753, *Memorie per servire all’istoria letteraria*, 7 vols., Venezia, Tomo 7, Parte I, pp. 17-22.

#### 4. Isotta no alvorecer do século XX

Os acréscimos e correções mais significativos à obra de Abel sobre Isotta, nos finais do século XIX e início do século XX, vieram de Remigio Sabbadini e Arnaldo Segarizzi. O primeiro manteve correspondência com Abel, ainda antes de a sua edição ser publicada, e forneceu muitas informações acerca dos membros do círculo de Guarino Veronese que mantinham contactos com a família Nogarola. Sabbadini escreveu uma inestimável recensão crítica onde analisa as contribuições de Abel e corrige o texto e a datação de algumas das suas cartas<sup>225</sup>. Anteriormente ele já tinha mencionado a correspondência trocada entre Isotta e Guarino no seu artigo “Notizie sulla vitae sugli scritti di alcuni dotti umanisti del secolo XV, raccolte da codici italiani - ... V. Isotta Nogarola ...”<sup>226</sup>. Informações semelhantes acerca de Isotta podem ser encontradas noutros trabalhos seus. O mais útil será provavelmente “Vita di Guarino Veronese”<sup>227</sup>. Sabbadini também publicou, numa versão revista, as cartas trocadas entre a humanista e Guarino de Verona que aparecem na edição de Abel (*Opera...* vol. 1, pp. 65-92) no seu *Epistolario di Guarino Veronese*<sup>228</sup>.

O livro de Orazio d’Uva, *Un’erudita del secolo XV (Isotta Nogarola) e la falsa leggenda de suoi amori*<sup>229</sup>, sintetiza a obra de Abel e as correções de Remigio Sabbadini.

Segarizzi encontrou Isotta nos seus estudos sobre dois patrícios venezianos, Lauro Quirini e Niccolò Barbo. A carta de Quirini para Isotta é comentada em “Lauro Quirini, umanista veneziano del secolo XV”<sup>230</sup>. Segarizzi dedicou-lhe mais atenção no seu artigo “Niccolò Barbo, patrizio veneziano del secolo XV e le accuse contro Isotta Nogarola”<sup>231</sup>, o qual inclui uma edição da calúnia anónima contra Isotta.

---

<sup>225</sup> SABBADINI, Remigio, 1886, “Isotta Nogarola”, *Archivio storico italiano*, 4th ser. 18, pp. 435-443.

<sup>226</sup> SABBADINI, Remigio, 1885, “Notizie sulla vitae sugli scritti di alcuni dotti umanisti del secolo XV, raccolte da codici italiani - ... V. Isotta Nogarola ...”, *Giornale storico della letteratura italiana* 6, pp. 163-164.

<sup>227</sup> SABBADINI, Remigio, 1891, “Vita di Gaurino Veronese”, reeditado em *Guariniana*, 1964, ed. Mario Sancipriano, Turin, Bottega d’Erasmus, pp. 276-285.

<sup>228</sup> SABBADINI, Remigio, 1915-1919, *Epistolario di Guarino Veronese*, R. Deputazione Veneta di Storia Patria, ser. 4: Miscellanea di Storia Veneta, ser. 3, tomi 8 (A), 11 (B), 14 (C), B, pp. 304-309, com notas em C pp. 339-340.

<sup>229</sup> UVA, Orazio d’, 1904, *Un’erudita del secolo XV (Isotta Nogarola) e la falsa leggenda de suoi amori*, Trani.

<sup>230</sup> SEGARIZZI, Arnaldo, 1904, “Lauro Quirini, umanista veneziano del secolo XV”, *Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino*, ser. 2, tomo 54, parte 2, p. 4.

<sup>231</sup> SEGARIZZI, Arnaldo, 1904, “Niccolò Barbo, patrizio veneziano del secolo XV e le accuse contro Isotta Nogarola”, *Giornale storico della letteratura italiana* 43, pp. 47-54.

Muitos anos mais tarde, já em pleno século XX, Ludwig Bertalot descobriria um novo manuscrito contendo algumas cartas de Isotta que publicou em “Uno zibaldone umanistico latino del quattrocento a Parma (con un facsimile)”<sup>232</sup>. Nos índices do amplo estudo efectuado por Paul Oskar Kristeller, descrevendo incontáveis manuscritos não catalogados: *Iter Italicum*<sup>233</sup>, podemos encontrar também alguns manuscritos de trabalhos de Isotta Nogarola que não foram utilizados por Eugenius Abel na sua edição de 1886.

Nos anos 40 do século XX foram publicados mais dois estudos extremamente úteis para se poder efetuar a reconstrução da carreira de Isotta: Dorothy M. Robathon<sup>234</sup> identifica as fontes clássicas utilizadas por Isotta na sua correspondência, complementado pelo trabalho de W. A. Oldfather publicado no ano seguinte<sup>235</sup>; e Percy Gothein<sup>236</sup>, que nos ajuda a compreender a relação entre Isotta e Ludovico. Infelizmente a continuação do artigo de Gothein nunca foi editada devido à suspensão da publicação da *La Rinascita* e o seu projeto de estudo e edição das cartas de Ludovico nunca foi publicado.

## 5. Isotta Nogarola na atualidade

Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, Isotta Nogarola recebeu muito pouca atenção por parte dos investigadores medievalistas e renascentistas, assim como das feministas, por oposição, por exemplo, a Christine de Pizan, cujas obras se tornaram canónicas. Seria só na década de setenta que a humanista voltaria a sair da penumbra, desta vez pela mão da americana Margaret L. King, professora e investigadora de história, especializada em Renascença Italiana, e cujos interesses abrangem o estudo da mulher e da educação no período compreendido entre 1300-1800.

---

<sup>232</sup> BERTALOT, Ludwig, 1936, “Uno zibaldone umanistico latino del quattrocento a Parma (con un facsimile)”, *La Bibliofilia*, 38, disp. 3ª e 4ª, pp.73-80.

<sup>233</sup> KRISTELLER, Paul Oskar, 1963-1967, *Iter Italicum: A Finding List of Uncatalogued or Incompletely Catalogued Humanist Manuscripts of the Renaissance in Italian and Other Libraries*, 2 vols., London, Warburg Institute.

<sup>234</sup> ROBATHON, Dorothy M., 1944, “A Fifteenth-Century Bluestocking”, *Medievalia et humanistica*, fasc. 2, pp. 106-110.

<sup>235</sup> OLDFATHER, W. A., 1945, “Quotations from Hesiod and Euripides by Isotta Nogarola”, *ibid.*, fasc. 3, p. 32.

<sup>236</sup> GOTHEIN, Percy, 1943, “L’amicizia fra Ludovico Foscarini e l’umanista Isotta Nogarola (I)”, *La Rinascita* 6, n.ºs. 32-33, pp. 394-413.

Em 1976, King publica um artigo onde analisa a vida e obra de seis mulheres letradas da Renascença Italiana<sup>237</sup>, no qual se debruça pela primeira vez sobre a figura da Isotta Nogarola. Neste ensaio, a autora procede ao estudo da produção literária destas seis mulheres agrupando-as em dois modelos diferentes: o modelo do “retiro religioso” e o modelo do matrimónio.

No primeiro modelo, onde Isotta Nogarola se insere – assim como Constanza Barbaro e Cecilia Gonzaga, outras duas das seis mulheres analisadas – a vida religiosa, mesmo quando não era essa a sua vocação, permitiu-lhes a continuação do seu desenvolvimento intelectual. O modelo do matrimónio, onde King “arrumou” a irmã de Isotta, Ginevra Nogarola, assim como Cataruzza Caldiera e Cassandra Fedele, apresenta-nos o exemplo de três outras mulheres, forçadas a abandonar os seus estudos, devido à necessidade de se casarem. Para estas, segundo a autora, as suas carreiras humanistas foram “amputadas” pelo casamento. Dois anos mais tarde, Isotta Nogarola seria a única protagonista de um novo ensaio de Margaret L. King<sup>238</sup>, este inteiramente focado no primeiro modelo estudado no artigo anterior – o do “retiro religioso” – onde a autora desenvolve as razões que levaram a humanista italiana a optar por esta alternativa, sacrificando à mesma os seus desejos pessoais e a sua autoestima, de forma a obter uma modesta autonomia.

“Devo casar ou devotar a minha vida ao estudo?” Esta pergunta, que segundo Margaret L. King, a humanista Alessandra Scala colocou a Cassandre Fedele, serve de ponto de partida para um novo trabalho desta historiadora<sup>239</sup>, onde ela prossegue o estudo da temática focada no primeiro artigo, trazendo novos contributos para sustentar a teoria dos dois paradigmas impostos às humanistas do Renascimento, e onde o caso de Isotta Nogarola ganha maior destaque.

Baseado na edição de Eugenius Abel, Margaret L. King editaria, em conjunto com Diana Robin, a tradução para inglês das obras completas de Isotta Nogarola<sup>240</sup>. É o mais completo estudo efectuado sobre a vida e obra da humanista italiana desde a edição oitocentista de Abel, permitindo a um público mais vasto - que obviamente não

---

<sup>237</sup> KING, Margaret L., 1976, “Thwarted Ambitions: Six Learned Women of Italian Renaissance”, *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, Nr. 59 (Fall 1976), pp. 280-304.

<sup>238</sup> KING, Margaret L., 1978, "The Religious Retreat of Isotta Nogarola (1418-1466): Sexism and Its Consequences in the Fifteenth Century" in *Signs*, Vol. 3, Nr. 4 (Summer, 1978), pp. 807-822.

<sup>239</sup> KING, Margaret L., 1980, "Book-Lined Cells: Women and Humanism in The Early Italian Renaissance" in *Beyond Their Sex: Learned Women of the European Past*, ed. Patricia Labalme, New York and London, New York University Press, pp. 66-90.

<sup>240</sup> NOGAROLA, Isotta, 2004, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by Margaret L. King and Diana Robin, Chicago, University of Chicago Press.

domina o latim - assim como à comunidade académica que não tem formação em Estudos Clássicos, o acesso à totalidade de obra de Isotta. A edição está estruturada em oito capítulos e foi enriquecida com secções introdutórias e bibliográficas, assim como vários apêndices. Os primeiros quatro capítulos cobrem o período inicial da carreira de Nogarola: as primeiras trocas de correspondência com intelectuais, nobres influentes e patrícios do Vêneto, assim como as suas tentativas iniciar uma carreira académica no meio exclusivamente masculino dos primórdios do humanismo. No quinto capítulo é tratado o período que as autoras identificam como sendo o do despertar intelectual da humanista, com abundantes referências à *libreria cella* de Isotta, indicando a sua total dedicação ao estudo e alusões a uma devoção exacerbada, incluindo, obviamente, o louvor à sua virgindade. O período final da sua carreira, compreendendo os anos de 1450 a 1461, ocupa os últimos capítulos. Foi neste período que Isotta cultivou outros géneros literários, tais como o diálogo, a oração e a *consolatio*, obras que ilustram o chamado “humanismo cristão”, consubstanciado no estudo filológico das escrituras sagradas e outros textos cristãos. Foi neste contexto que se gerou a troca epistolar com Ludovico Foscarini que deu origem ao diálogo fictício narrado na sua obra-prima *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*.

Para além de King, por muitos considerada como a “biógrafa” oficial de Isotta Nogarola, a vida e obra desta humanista atraiu, nas últimas décadas do século XX, o interesse de outros investigadores que trabalham no âmbito dos estudos clássicos e renascentistas. É este o caso da historiadora britânica Lisa Jardine<sup>241</sup> ou o professor americano de Estudos Clássicos, Holt N. Parker<sup>242</sup>, que publicaram estudos fundamentais para que a voz de Nogarola pudesse ser escutada e entendida pelos académicos da Renascença e dos *gender studies*. Para além de Isotta, os trabalhos de Parker primam por trazerem para a luz do dia uma figura que permanece ainda relativamente obscura. Trata-se de outro ilustre membro do clã Nogarola: a sua tia Ângela, uma notável poetisa pertencente à geração anterior de humanistas. Juntamente com os apontamentos biográficos, os ensaios de Holt Parker introduzem outro

---

<sup>241</sup> JARDINE, Lisa, 1983, “Isotta Nogarola: Women Humanists – Education for What?” *History of Education*, Nr. 12, pp. 231-244.

<sup>242</sup> PARKER, Holt N., 2002, “Angela Nogarola (ca. 1400) and Isotta Nogarola (1418-1466): Thieves of Language”, in Laurie Churchill, Phyllis R. Brown, and Jane E. Jeffrey (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*, New York, Routledge, pp. 11-30; e PARKER, Holt N., 1997, “Latin and Greek Poetry by Five Renaissance Italian Women Humanists”, in Barbara K. Gold, Paul Allen Miller, and Charles Platter (eds.), *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*, Albany, State University of New York Press, pp. 247-286.

importante contributo para o estudo destas duas humanistas, ou seja, a tradução de poemas e cartas da autoria de ambas, com a publicação bilingue do texto, ou seja, o original latino e a tradução inglesa.

No contexto ibérico, Isotta Nogarola tem sido objecto de estudo por parte alguns (poucos) estudiosos da vizinha Espanha, nomeadamente, Rosa Rius Gatell que lecciona História da Filosofia do Renascimento e que publicou em 1992 um interessante ensaio sobre a humanista<sup>243</sup>, partindo da complexa questão colocada em 1977 por Joan Kelly-Gadol: as mulheres tiveram um Renascimento?<sup>244</sup>. Este texto examina as respostas que já foram propostas por vários investigadores e analisa o contexto da época e dos estudos humanistas, assim como a condição das mulheres que neles participaram. Focado em Isotta Nogarola, a humanista que rompeu com a tradição do silêncio imposto às mulheres, este estudo contribui para ampliar a nossa visão sobre o Renascimento e o humanismo feminino, introduzindo novas perspectivas e novos temas de reflexão.

É precisamente este novo tema de reflexão – o do silêncio<sup>245</sup> - que Maria José Bertolomeu Masiá escolheu para o seu ensaio sobre Isotta e Isabella di Morra<sup>246</sup>, que se adivinha logo pelo título escolhido: “Transgredir aquellas reglas de silencio impuestas a las mujeres: Isotta Nogarola e Isabella di Morra”. Ángeles Caso menciona Nogarola no seu livro dedicado às mulheres que triunfaram, mas que foram esquecidas pela História, no capítulo onde aborda as mulheres do humanismo<sup>247</sup>. É um pequeno contributo, mas essencial para preservar a memória das autoras que persistem em ser ignoradas.

Foi precisamente para colmatar a lacuna existente de estudos acerca das escritoras italianas e da sua participação no debate literário conhecido por *Querelle des Femmes*, que surgiu recentemente em Espanha o projeto *Ausencias – escritoras italianas inéditas en la querella de las mujeres*. Coordenado por Mercedes Arriaga Flórez, catedrática da Universidade de Sevilha e com a participação de investigadores das mais conceituadas universidades espanholas, este projeto visa retomar o estudo das

---

<sup>243</sup> RIUS GATELL, Rosa, 1992, “Isotta Nogarola: una voz inquieta del Renacimiento”, *Filosofía y género*, Org. Fina Birulés. Barcelona, Pamiela/Facultad. de Filosofía de la Universidad de Barcelona.

<sup>244</sup> KELLY-GADOL, Joan, 1977, “Did Women Have a Renaissance?”, in *Becoming Visible: Women in European History*, edited by Renate Bridenthal and Claudia Koonz, [Boston], Houghton Mifflin Co., pp. 174-201

<sup>245</sup> “O silêncio era a tal ponto recomendado às mulheres que chega a parecer estranho que elas conseguissem falar.” Cf. KING, Margaret L., 1991, “A Mulher Renascentista”, *O Homem Renascentista*. Direcção de Eugénio Garin, Lisboa, Editorial Presença, pp.192-227, p. 223.

<sup>246</sup> BERTOLOMEU MASIÁ, Maria José, 2007, “Transgredir aquellas reglas de silencio impuestas a las mujeres: Isotta Nogarola e Isabella di Morra”, *Lectora: revista de dones i textualitat*, N° 13, pp. 17-28.

<sup>247</sup> CASO, Ángeles, 2005, “La mujeres del humanismo”, *Las olvidadas, una historia de mujeres creadoras*, Barcelona, Planeta, pp. 97-118.

autoras italianas que ao longo dos séculos trouxeram valiosos contributos para a história das ideias feministas na Europa, mas cujas obras e ideias são praticamente desconhecidas em Espanha, devido à ausência de traduções, estudos críticos e edições modernas. Este projeto propôs-se criar uma série de materiais científicos (monografias), didáticos (antologia geral) e divulgativos (site na internet), que permitissem dar a conhecer as autoras italianas mais significativas e o seu contributo para a *Querelle des Femmes*, no período compreendido entre os séculos XIV e XIX. Como resultado dos trabalhos desenvolvidos no âmbito deste projeto, foram publicadas três antologias de poetas e oito monografias sobre escritoras italianas inéditas na querela das mulheres. Uma dessas monografias, dedicada ao humanismo, está centrada precisamente na figura de Isotta Nogarola<sup>248</sup>. Da autoria da investigadora principal do projeto *Ausências*, Mercedes Arriaga Flórez, a obra encontra-se dividida em três partes. Na primeira é traçado um percurso pelo humanismo, focado nas humanistas italianas e no papel que estas desempenharam na defesa da mulher culta. A segunda parte é dedicada à biografia de Isotta Nogarola e na terceira é apresentada uma edição bilingue da sua magna obra, *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*, onde é apresentada a primeira tradução deste texto para castelhano.

Baseada na tradução oitocentista italiana de Elisabetta Franco Venini<sup>249</sup> - e não na edição latina de Eugenius Abel, como é o caso da tradução inglesa de King & Robin - esta edição tem, por isso, a particularidade de apresentar um texto bilingue (italiano/castelhano), que embora permitindo pela primeira vez o acesso do leitor de língua castelhana à obra da humanista italiana, o priva do contacto com o texto original latino. No entanto, e se comparado com o exemplo lusófono, pois tanto quanto a pesquisa efectuada nos permitiu apurar, não existe até agora nada publicado na língua de Camões sobre Isotta Nogarola, este é por si só um extraordinário avanço por parte dos nossos vizinhos espanhóis.

---

<sup>248</sup> ARRIAGA FLORÉZ, Mercedes, 2013, *Isotta Nogarola, Quién pecó más Adán o Eva?*, edición y estudio crítico de [...], traducción castellana de Juan Aguilar González, Sevilla, Arcibel.

<sup>249</sup> NOGAROLA, 1851.

## CONCLUSÃO

Tendo sido durante muito tempo negligenciada pela historiografia tradicional, a literatura medieval de autoria feminina tem vindo a receber uma crescente atenção por parte de medievalistas como Ria Lemaire, Anne Paupert, Pierre Bec, Eliane Vienot, Peter Dronke, Régine Pernoud e Odile Deplanche, sobretudo como meio de reconstruir a participação das mulheres ao longo da história.

A utilização quase exclusiva de documentação literária e de cariz religioso de autoria masculina, como fonte histórica para o estudo da participação feminina na Idade Média, levou à percepção de uma sociedade medieval onde a mulher era marginalizada e se encontrava totalmente subordinada à autoridade masculina, originando a concepção generalizada de um “Mâle Moyen Âge”. Este conceito foi propagado por vários historiadores, como Jacques Le Goff, mas sobretudo pelo francês Georges Duby, cujos trabalhos sobre as mulheres na Idade Média exerceram uma forte influência no modo como os medievalistas têm abordado a experiência feminina. No entanto, esta perspectiva tem vindo a ser reavaliada por outros investigadores que, recorrendo à análise de fontes históricas de autoria feminina, têm conseguido vislumbrar uma outra visão da mulher medieval: uma visão que revela o seu poder e a participação feminina na sociedade.

Num número exclusivo lançado pela revista feminista *CLIO*, em 1998, dedicado a essa revisão da perspectiva dubyniana e que se intitulava precisamente “George Duby et l’histoire des femmes”, podemos encontrar um artigo - “Pour une revision du “Mâle” Moyen Âge de George Duby” – assinado por Amy Livingstone. Nele a autora contesta essa caracterização “masculina” proposta por Duby para a Idade Média e apela aos historiadores para que escutem as vozes femininas do passado, de modo a reconstruir a história das mulheres através das suas próprias narrativas, pois ao fazê-lo, isso irá permitir-lhes traçar um retrato muito diferente da mulher medieval e da sua experiência. “As mulheres não estavam « à margem ». Elas não eram o « outro ». Não, elas eram indivíduos bem instalados no coração das relações estruturantes da sociedade”, conclui essa historiadora americana. “E o mais importante está lá: importa que os investigadores

agora « escutem » as vozes das mulheres medievais e lhe possam restituir a narrativa do passado»<sup>250</sup>.

Encetámos este estudo com o objectivo de tentar resgatar alguns traços da escrita das mulheres medievais e renascentistas e demonstrar a importância de escutar as suas vozes – vozes que o género tinha anteriormente excluído do discurso intelectual - para reconstituir a história das mulheres. Para o efeito, escolhemos analisar a vida e obra duma autora que considerámos emblemática para compreender as raízes da dominação masculina que serviram de alicerce às relações hierárquicas de género ao longo da História. Através do seu discurso pretendíamos reconhecer a participação feminina no processo histórico e partilhar a sua visão do mundo numa sociedade tradicionalmente androcêntrica.

Acreditamos ter conseguido identificar alguns testemunhos da sua audácia, assim como ter respondido a algumas das questões que nos colocámos como ponto de partida para esta investigação. Assim, ao longo destas linhas pudemos comprovar as consequências nefastas que advieram para Isotta Nogarola, pelo seu atrevimento ao querer “pensar em público”, seguindo a tradição dos seus colegas humanistas do sexo masculino, nomeadamente as acusações de desonestidade sexual de que foi alvo, devido à sua eloquência.

Tentámos estabelecer uma hipótese para o paradoxo da erudição feminina numa sociedade onde o silêncio feminino era considerado uma virtude, que toda a mulher casta deveria possuir. Porquê educá-las, dar-lhes todas as ferramentas para que pudessem desenvolver o seu intelecto, para em seguida as silenciar? Porquê negar-lhes o direito a fazer ouvir a sua voz? Pensamos ter conseguido levantar um pouco o véu deste enigma. Tal como as casas reais dispunham das suas filhas para estabelecer alianças e redes de poder, e para firmar as pazes entre dois reinos em conflito, usando os seus corpos para que neles fosse gerada a linhagem que asseguraria a continuação da dinastia, assim as nobres famílias italianas do Renascimento dispunham das suas filhas letradas, para, através da exibição da sua erudição, consolidarem o seu prestígio e o seu poder.

Acreditamos que existe uma mentalidade feminista na obra de Isotta Nogarola, que advém da sua recusa em aceitar as imposições da sociedade renascentista, ao estabelecer as suas próprias regras, tomando as rédeas do seu destino. Senão, como

---

<sup>250</sup> LIVINGSTONE, 1998, p. 6

ignorar a singularidade da sua decisão ao enfrentar os cânones da época, recusando tanto o casamento como o convento, as duas únicas alternativas que então se apresentavam às mulheres do seu estatuto social?

O seu afastamento da vida pública, consubstanciado na sua reclusão autoimposta processou-se segundo a sua vontade, permitindo-lhe prosseguir os seus estudos, longe do escrutínio dos seus detratores. Isotta não foi mística, nem ascética, imagem que tem sido propolada pela historiografia tradicional, certamente baseada na opinião de Abel, cujo ensaio terá influenciado estudos posteriores, de que a humanista teria consagrado o resto da sua vida a Deus e aos textos sagrados, abandonando os estudos seculares e vivendo como uma santa<sup>251</sup>. No entanto este retrato de uma “Isotta de superfície humanística e fundo místico”<sup>252</sup> não se coaduna com alguns dos seus textos, escritos após 1441, quando já se tinha retirado da vida pública.

Nunca saberemos também se a sua fama de castidade e virgindade, amplamente propolada por Ludovico Foscarini, seria merecida ou apenas uma forma de ocultar uma relação proibida com um homem casado, cujo fim tinha sido ditado pela intervenção do bispo de Verona, Ermolao Barbaro, como sugere a carta que o governador de Brescia lhe endereçou em janeiro de 1453, expressando os seus sentimentos:

“Estou em tormento, porque agora, ou devo falhar ao bispo em relação às promessas que foram feitas na sua casa, ou negar-me o prazer que há muito estou antecipando; especialmente desde me prometeu que seria ainda mais doce e generosa, quando eu voltasse para si e que se lembraria de me dizer, passo a passo, tudo o que ouviu e leu nos seus dias sagrados. É doloroso trair uma promessa, doloroso renunciar aos mais totalmente honestos, mais frutíferos e mais avidamente aguardados desejos. Eu sei o que devo fazer; o que farei, não sei.”<sup>253</sup>

Sabemos sim que Isotta se atreveu a assumir a defesa de Eva, rompendo com o cânone patriarcal que imputava à mulher todas as desgraças humanas, afirmando: “eu, que não tenho vergonha de ser mulher, falar como uma mulher, vou me defender com a

---

<sup>251</sup> NOGAROLA, 1886, Vol. I, pp. I-CLXXII.

<sup>252</sup> RIUS GATTELL, 1992, p. 84.

<sup>253</sup> “Quas ob res crucior maxime, aut pontificem promissionibus in domo tua factis aut me tam expectata iocunditate carere oportere, potissime cum te liberaliorem suavioremque futuram pollicita sic ac memoriae mandaturam, quid sanctis diebus audies, leges, et omnia ex ordine dicturam, si ad te redierimus. Grave est fidem fallere, grave summis, honestissimis, fructuosissimis avidissimeque expectatis desideriiis carere. Quid optem scio; quid faciam, nescio.” Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, pp. 37-38.

autoridade da maioria dos autores masculinos pagãos e cristãos”<sup>254</sup>. Ao defender a primeira mulher, Isotta conquistou para ela, para si e para todas as mulheres o direito a aceder ao conhecimento.

Terminamos, fazendo nossas as palavras da sua biógrafa, Margaret King, que tão bem definem a singularidade desta mulher excepcional:

“Nogarola não tinha a intenção de criar uma revolução. Ela respeitava as hierarquias intelectuais da sociedade humanista e as hierarquias eclesiásticas. No entanto, a sua missão era única e importante, e ela deixou para trás as suas obras, que registam, no meio dos seus silêncios, a sua luta para ser ouvida num mundo que não a queria escutar”<sup>255</sup>.

---

<sup>254</sup> “Ipsa ergo, quam non pudet esse feminam, loquor ut femina meque tamen plurimorum antiquorum gentilium et Christianorum auctoritate defendam”. Cf. NOGAROLA, 1886, Vol. II, p. 168.

<sup>255</sup> NOGAROLA, 2004, p. 9.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I. FONTES

#### 1. Fontes Impressas

AGOSTINI, Giovanni degli, 1752-1754, *Notizie i storico-critiche intorno a la vita, e le opere degli scrittori veneziani*, 2 vols. Venezia, S. Occhi, vol. 1, pp. 45-57.

ALBERICI, Giacomo, 1605, *Catalogo breve degli illustri et famosi scrittori venetiani*, Bologna, Heredi di Gioavvni Rossi.

ALBERTI, Leon Battista, 1994, *I Libri della famiglia*, 1434. Edición moderna de Ruggiero Romano, Alberto Tenenti,

ARISTÓTELES, 1991, *Ética a Nicómaco*, Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross, São Paulo, Nova Cultural.

BERGAMO, Jacobo Filippo, 1497, *Liber de claris scelestisque mulieribus*, Ferrara.

BOCCACCIO, Giovanni, 2003, *Famous Women*, translated by Virginia Brown, Cambridge, The I Tatti Renaissance Library, Harvard University Press.

BRUNI, Leonardo, 1928. “De studiis et litteris liber” in Leonardo Bruni Arentino *Humnaistisch-Philosophische Schriften mit einer Chronologie seiner Werke und Briefe*. Leipzig: ed. Hans Baron, pp. 5-19

BRUNI D’AREZZO, Leonardo, 1912, “De studiis et litteris”, in W. H. Woodward, *Vittorino da Feltre and Other Humanist Educators*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 119-133.

CERETA, Laura, 1640, *Laurae Ceretae Brixienis Feminae Clarissimae Epistolae jam primum e manuscriptis in lucem productae*, Ed. Iacopo Filippo Tomasini, Padova, Sebastiano Sardi.

FILELFO, Giovanni Mario, 1886, “Liber Isattaesus, de pudicissimae virginis et generosae et praestantissime mulieris veronensis moribus, doctrinaque, vita et morte”, in Eugenius Abel (ed.) *Opera quae Supersunt Omnia, accedunt Angelae*

- et Zeneverae Nogarolae epistolae et carmina*, vol. 2, Vienna, Gerold & Cie; Budapeste, Fridericum Kilian, pp. 360-390.
- GUARINO VERONESE, 1915-1919, *L'epistario di Guarino Veronese*, Remigio Sabbadini (ed.), 3 vols., Venice, Deputazione di Storia Patria.
- LORRIS, Guillaume de et MEUN, Jean de, 2004, *Le roman de la rose*, edition d'après les manuscrits BN 12786 et BN 378, traduction, présentation et notes par Armand Strubel, Paris, Le Livre de Poche.
- MONGELLAZ, Fanny, 1828, *De l'influence des femmes sur les moeurs et les destinées des nations, sur les familles et la société, et l'influence des moeurs sur le bonheur de le vie*, 2 vols. Paris, L.G. Michaud, Libraire-Éditeur, Vol. 1 p. 109.
- MORÉRI, Louis, 1759, *Le grand dictionnaire historique ou Le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane*, 10 vols., Paris Libraires Associés, vol. 6, p.456.
- NOGAROLA, Isotta, 1851, *Chi abbia maggiormente peccato Adamo od Eva dialogo d'Isotta Nogarola pubblicato col suo volgarizzamento*, Elisabetta Franco Venini (ed. e trad.), Vicentini e Franchini, Venezia [tradução italiana do original latino]
- NOGAROLA, Isotta, 2004, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by Margaret L. King and Diana Robin, Chicago, University of Chicago Press.
- NOGAROLA, Isotta, 1982, "De pari aut impari Evae atque Adae peccato" in Maria Ludovina Lenzi (ed.) *Donne e Madonne: l'educazione femminile nel primo Rinascimento italiano*, Turin, Loescher, pp. 214-216.
- NOGAROLA, Isotta, 1886, *Isotæ Nogarolæ Veronensis opera quae supersunt omnia: accedunt Angelæ et Zeneveræ Nogarolæ epistolæ et carmina*, ABEL, Eugenius (ed.) 2 vols., Viena, apud Gerold & Cie; Budapest, apud Fridericum Kilian.
- NOGAROLA, Isotta, veronensis, 1563, *Dialogus, quo, utrum Adam vel Eva magis peccaverit, quaestio satis nota sed non adeo explicata, continetur*, Aldus, Venezia.

- PHILLIPPS, Sir Thomas, 1837, *Catalogus Librorum Manuscriptorum in bibliotheca d. Thomae Phillipps*, p. 429.
- PIZAN, Christine de, 2012, *A Cidade das Damas*, tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres.
- PIZAN, Christine de ...[et.al.], 1996, *Le débat sur le roman de la rose*, édition critique, traduction et notes par Eric Hicks, Genève, Slatkine.
- PRUDHOMME, Louis Marie, 1830, *Biographie universelle et historique des femmes célèbres mortes ou vivantes, qui se sont fait remarquer dans toutes les nations, par leurs vertus, leurs talens pour les sciences et les arts, par leur sensibilité, leur courage, leur héroïsme, leurs malheurs, leurs erreurs, leurs galanteries, leurs vices, etc., depuis le commencement du monde jusqu'à nos jours: par une Société de Gens de Lettres*, 4 vols., Paris, Lebigre, Vol. 4, p. 14.
- ROSMINI, Carlo de, 1805-1806, *Vita e disciplina di Guarino Veronese e de' suoi discepoli*, 3 vols., Brescia, Niccolò Bettoni, vol. 2, pp. 69-72.
- SAXIUS, Joseph Ant., 1745, *Historia Litteraria Typographica Mediolanensis ab an. 1465 ad 1500*. Fol. Mediol.
- VALVASENSE, Pietro, 1753, *Memorie per servire all'istoria letteraria*, 7 vols., Venezia, Tomo 7, Parte I, pp. 17-22.

## II. BIBLIOGRAFIA

### 1. Bibliografia

- ALLEN, Prudence, 2002, *The concept of woman*, 2 vol., *Vol. II: The early humanista reformation, 1200-1500*, Grand Rapids, Michigan, Wm.B. Eerdmans Publishing.
- AVESANI, Rino, 1984, "Verona nel Quattrocento. La civiltà delle lettere" in *Verona e il suo territorio*, vol. IV, t.2, Istituto per gli studi storici veronesi, Verona, pp.60-76.

- BEAUVOIR, Simone de, 1999, *Le deuxième sexe*, Vol. I, *Les faits et les mythes*, [Paris], Gallimard.
- BECKER, Mary-Helen, 1996, “PISAN, Christine de\_, 1364-1431” in Christine P. Makward et Madeleine Cottenet-Hage, *Dictionnaire littéraire des femmes de langue française*, avec la collaboration de [...] ... [et al.], Paris, Karthala, pp. 469-474.
- BENSON, Pamela, 1992, *The invention of the Renaissance Woman: The Challenge of Female Independence*, Penn State University Press.
- BERTALOT, Ludwig, 1936, “Uno zibaldone umanistico latino del quattrocento a Parma (con un facsimile)”, *La Bibliofilia*, 38, disp. 3ª e 4ª, pp.73-80.
- BREISACH, Ernst, 1967, *Caterina Sforza: A Renaissance Virago*, Chicago, University of Chicago Press, Chicago.
- BROCHADO, Cláudia Costa, 2001a, “A Querelle des Femmes”, *Textos de História*, Vol. 9 Nº 1-2: *O Saber na Idade Média*, pp. 31-51.
- BROCHADO, Cláudia Costa, 2001b, “Mulheres escritoras e a construção de uma outra genealogia: Isabel de Villena, escritora ibérica do séc. XV”, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, ANPUH, pp. 1-9.
- BROWN, Judith C., 1986. “A Woman’s Place Was in the Home: Women’s Work in Renaissance Tuscany!”, in FERGUSON, M.F., QUITLIGAN, M.Q. e VICKERS, N. J., *Rewriting the Renaissance. The Discourse of Sexual Difference in Early Modern Europe*, Chicago/Londres, The University Of Chicago Press, pp. 206-224.
- BURCKHARDT, Jacob, 1952, *La cultura del Renacimiento en Italia*, [3ª ed.], Buenos Aires, Losada.
- CALADO, Luciana Eleonora de Freitas, 2006, *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução*. Dissertação de doutoramento em Teoria de Literatura apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, disponível em:

<http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-luciana-eleonora-freitas.pdf>, [consultado em 2013.06.02].

CANNON, Mary Agnes, 1916, *The education of Women during the Renaissance*, Washington D.C., National Capital Press.

CAVAZZA, Marta, 2007, “Dottrici e lettrici dell’Università di Bologna nel Settecento”, en *Annali di Storia delle Università italiane*, vol 1.

CERETA, Laura, 1992, “Letter to Lucilia Vernacula: Against Women Who Disparage Learned Women,” en *The Civilization of the Italian Renaissance*, ed. Kenneth R. Bartlett, Lexington: D. C. Heath & Company.

CHIARAMONTE, Enrica, FREZZA Giovanna, ROZZI, Silvia, 1991, *Donne senza Rinascimento*, Milan, Elèuthera.

CILIBERTO, Michele, 1975, *Il Rinascimento, Storia di un dibattito*, Firenze, La Nuova Italia.

COLE, Alison, 1996, *Virtue and Magnificence: Art of the Italian Renaissance Courts*, New York, Prentice Hall College Div.

CRISPIM, Maria de Lourdes, 1995, *Christine de Pizan: O Livro das Três Virtudes ou o Espelho de Cristina*, Dissertação de doutoramento em Linguística à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa.

CULLER, Jonathan, 1999, *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo, Beca.

DEPLAGNE, Luciana Calado, 2008, *Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero*, disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana\\_Calado\\_Deplagne\\_70.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf) [consultado em 2013-04-14].

DRONZEK, Anna, ALLEN, Prudence, 2001, *The Concept of Woman series, The Early Humanist Reformation, 1250-1500*, Grand Rapids, Eerdmans Publishing.

FELICIANGELI, Bernardino, 1894, “Notizie sulla vita e sugli scritti di Costanza Varano Sforza”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 23, pp. 1-75.

- FERGUSON, W.K. 1948. *The Renaissance in Historical Thought*. Cambridge, Mass: Houghton Mifflin Company.
- FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, M. Etelvina, 2007, “El conocimiento del pasado a través del *Libro de la Ciudad de las Damas* de Christine de Pizan”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, N° 19, pp. 35-50.
- FRATE, Ludovico, 1928, *La donna italiana nei più recenti studi*, Fretelli Bocca, Torino.
- GARIN, Eugenio, 1975. *Rinascite e rivoluzioni*, Roma-Bari, Laterza.
- GILLIER, Anke, 2010, *Women writing back / Writing women back: transnational perspectives from the late Middle Ages to the Dawn of the modern era*, edited by [...], Alicia C. Montoya, Suzan van Dijk, Leiden, Brill.
- GOLD, Barbara K., MILLER, Paul Allen, PLATTER, Charles (ed.), 1997, *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*, Albany, State University of New York Press.
- GROKENBERGER, Dorothee Carstens, 1961, *Buch Von Den Drei Tugenden*, Münster West.
- GUERZONI, Guido, 1999, “*Liberalitas, Magnificentia, Splendor*. The Classic Origins of Italian Renaissance Life-Styles,” in Neil De Marchi and Craufurd D. W. Goodwin, eds., *Economic Engagements with Art*, Durham, NC, and London, pp. 332–378.
- GUICCIARDINI, Francesco, 1931, *Storie fiorentine dal 1378 al 1509*, ed. Roberto Palmarocchi, Bari, Laterza.
- GUNDERSHEIMER, Werner L., 1972, *Art and Life at the Court of Ercole I d’Este: The De triumphis religionis of Giovanni Sabadino degli Arienti*, Geneva, Librairie Droz.
- HEERS, Jacques, 1994, *A Idade Média, uma impostura*, tradução de António Gonçalves, [Lisboa], Edições Asa.

- HEISCH, Allison, 1980, "Queen Elizabeth I and the Persistence of Patriarchy," *Feminist Review*, Nr. 4 (February 1980), pp. 45-56.
- HERLIHY, David, 1985, "Did Women have a Renaissance: A Reconsideration" in *Medievalia et Humanistica*, 13, pp. 1-22.
- HERLIHY David, ed. *Women, Family, and Society in Medieval Europe: Historical Essays 1978-1991*. Providence RI: Berghahn Books, 1995.
- HOWELL, Martha C., 1988, "Citizenship and Gender: Women's Political Status in Northern Medieval cities." In *Women and Power in the Middle Ages* edited by Mary Erler and Maryanne Kowaleski. Athens: University of Georgia Press.
- KITTEL, Ellen E., 1998, "Women, Audience, and Public Acts in Medieval Flanders", *Journal of Women's History* 10, n° 3, pp. 74-88
- JARDINE, Lisa, 1985, "O decus Italiae virgo' or The Myth of the Learned Lady in the Renaissance," *Historical Journal* 28, pp.799–820.
- JARDINE, Lisa, 1998, *Wordly Goods: A New History of the Renaissance*, New York, W.W. Norton & Company.
- JESUS FUENTE, Maria, 2009, "Querella o querellas de las mujeres: el discurso sobre la naturaleza femenina" in *Cuadernos Kóre*, Vol. 1, n° 1, pp. 11-27.
- KELSO, Ruth, 1956, *Doctrine for the Lady of the Renaissance*, University of Illinois.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane, 1985, *Women, Family and Ritual in Renaissance Italy*, translated by Lydia Cochrane, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- KELLY-GADOL, Joan, 1977, "Did Women Have a Renaissance?", in *Becoming Visible: Women in European History*, edited by Renate Bridenthal and Claudia Koonz, [Boston], Houghton Mifflin Co., pp. 174-201
- KELLY, Joan, 1982, "Early Feminist Theory and the "Querelle des Femmes", 1400-1789", in *Signs*, Vol. 8, No. 1 (Autumn, 1982), pp. 4-28.
- KELLY, Joan, 1984, *Women, History and Theory: The Essays of Joan Kelly*, Chicago, The University of Chicago Press.

- KING, Margaret L., 1991, “A Mulher Renascentista”, *O Homem Renascentista*. Direção de Eugénio Garin, Lisboa, Editorial Presença, pp.192-227.
- KING, Margaret L., 1981, “Goddess and Captive: Antonio Loschi’s Poetic Tribute to Maddalena Scrovegni (1389), Study and Text”, in *Medievalia et Humanistica*, New Series, Nr. 10, (Paul Maurice Clogan ed.), Rowman and Littlefield. Totowa, NJ, pp. 103-127.
- KING, Margaret L., 2005, “Petrarch, the Self-Conscious Self, and the First Women Humanists”, in *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 35-3 (Fall 2005), pp. 537-558.
- KING, Margaret L., 2014, *Renaissance Humanism: An Anthology of Sources*, edited and translated, with an Introduction, by [...], Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis / Cambridge.
- KING, Margaret L., 2003, *The Renaissance in Europe*, [London], Laurence King.
- KRISTELLER, Paul Oskar, 1963-1967, *Iter Italicum: A Finding List of Uncatalogued or Incompletely Catalogued Humanist Manuscripts of the Renaissance in Italian and Other Libraries*, 2 vols., London, Warburg Institute.
- LAURENZI, Elena, 2009, “Christine de Pizan: una feminista “ante litteram”?”, in *Lectora: revista de dones i textualitat*, N° 15, pp. 301-314.
- LEAL, Ivone, 1999, *Cristina de Pisano e Todo o Universo de Mulheres*, Cadernos da Condição Feminina nº 52, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- LIVINGSTONE, Amy, 1998, “Pour une revision du “Mâle” Moyen Âge de George Duby (États-Unis)”, in *CLIO, Histoire, femmes et sociétés*, [En ligne] 8, mis en ligne le 03 juin 2005, <http://clio.revues.org/318>; DOI : 10.4000/clio.318, pp. 1-11, [consultado em 2013. 06.12].
- MASEO FERNANDEZ, Maria Estela, 2008, “Defensa y vituperio de las mujeres castellanas”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 21 febrero 2008, <http://nuevomundo.revues.org/23692>, pp-1-12, [consultado em 2013-03-15].

- McNAMARA, Jo Ann, WEMPLE, Suzanne, 1988, "The Power of Women Through Family in Medieval Europe, 500-1100", in *Women and Power in the Middle Ages*, eds. Mary Erler and Maryanne Kowaleski, Athens, Georgia, The University of Georgia Press.
- MENDONÇA, Manuela, 2013, "O Espelho de Cristina (Séc. XV)", *História Revista*, vol. 18, nº 1, pp. 53-68.
- MICHEL, Andrée, 2007, *Le Féminisme*, 9e édition, Col. Que Sais-je? Paris, Presse Universitaires de France.
- MONNIER, Philippe, 1912, *Le Quattrocento*, 2 vols., nouvelle ed., Paris, Perrinet Cie., Librairie Academique, vol. 1, p.173.
- NOLLA, José Francisco, 2005, "La magnificencia y su relación con la generosidad", *La virtud de la generosidad según Santo Tomás de Aquino*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, disponível em <https://www.unav.es/tmoral/virtudesyvalores/> [consultado em 2014. 08. 28]
- PANIZZA, Letizia (ed.), 2000, *Women in Italian Renaissance Culture and Society*, Oxford, Legenda.
- PANIZZA, Letizia, WOOD, Sharon (ed.), 2000, *A History of Women's Writing in Italy*, Cambridge, University Press.
- PANOFSKY, Erwin, 1975, *Renaissance and Renascences in Western Art*, Madrid, Alianza.
- PARKER, Holt N., 2002b, "Constanza Varano (1426-1447): Latin as an instrument of State", in Laurie Churchill, Phyllis R. Brown, and Jane E. Jeffrey (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*, New York, Routledge, pp. 31-53.
- PARKER, Holt N., 2004, "Women and humanism: nine factors for the woman learning", in *Viator*, nº 35, pp. 581-616.
- PARKER, Holt N., 2007, "The magnificence of learned women", in *Viator*, nº 38, 2, pp. 263-289.

- PETROFF, Elizabeth Alvilda, 1986, *Medieval Women's Visionary Literature*, New York, Oxford University.
- PICOTTI, G. B., 1912, *La dieta de Mantova e le politica dei veneziani*, Deputazione di Storia Patria per le Venezia, Miscellanea di Storia Veneta, serie III, vol. 4.
- PICOTTI, G. B., 1909, "Le lettere de Ludovico Foscari", *L'Ateneo Veneto*, anno 32, vol.1, pp. 21.49.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle (dir.), 2006, *Voix de Femmes au Moyen Âge: Savoir, mystique, poésie, amour, sorcellerie: XIIIe-XVe siècle*, Paris, Robert Laffont.
- ROBATHON, Dorothy M., 1944, "A Fifteenth-Century Bluestocking", *Medievalia et humanistica*, fasc. 2, pp. 106-110.
- RODOCANACHI, Emmanuel, 1907, *La femme italienne a l'époque de la Renaissance: sa vie privé et mondaine, son influence sociale*, Paris, Librairie Hachette & C°.
- ROSS, Sarah Gwyneth, 2009, *The Birth of Feminism: Woman as Intellect in Renaissance Italy and England*, Cambridge, Harvard University Press.
- ROSSI, Vittorio, 1953, *Il quattrocento*, new ed., Storia letteraria d'Italia, n°. 5, Milan, Società Editrice Libreria, Dr. Francesco Vallardi, p. 53.
- RUSSEL, Rinaldina, 1994, "Veronica Gambara," in *Italian Women Writers: A Bio-Bibliographical Sourcebook*, Edited by Rinaldina Russel, Westport, CT: Greenwood Press, pp. 145-153.
- SABBADINI, Remigio, 1915-1919, *Epistolario di Guarino Veronese*, R. Deputazione Veneta di Storia Patria, ser. 4: Miscellanea di Storia Veneta, ser. 3, tomi 8 (A), 11 (B), 14 (C), B, pp. 304-309, com notas em C pp. 339-340.
- SABBADINI, Remigio, 1891, "Vita di Gaurino Veronese", reeditado em *Guariniana*, ed. Mario Sancipriano, Turin, Bottega d'Erasmus, 1964, pp. 276-285.
- SAPEGNO, Natalino, 1964, *Historia de la literatura italiana*, Madrid, Labor.
- SCHULENBURG, Jane Tibbetts, 1988, "Female Sanctity: Public and Private Roles, ca. 500-1100. in *Women and Power in the Middle Ages* edited by Mary Erler and Maryanne Kowaleski. Athens: University of Georgia Press.

- SEGARIZZI, Arnaldo, 1904, “Lauro Quirini, umanista veneziano del secolo XV”, *Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino*, ser. 2, tomo 54, parte 2, p. 4.
- SILVA, Márcia Regina de Faria da, 2009, “A Elegia Ovidiana”, *Soletras*, Ano IX, Nº 17, Supl. São Gonçalo, UERJ, pp. 9-14.
- SOUSA, Sara Rodrigues de, 2006, *A construção da autoridade na obra de Christine de Pizan*, Dissertação de Mestrado em Estudos Franceses apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas.
- VASOLI, Cesare, 1982, “Il concetto di Rinascimento nel pensiero contemporaneo”, *Il Rinascimento, Aspetti e problemi attuali*, Florença, Leo S. Olschki, pp. 1-43.
- VOIGT, Georg, 1888-1890, *Il risorgimento dell’ antichità classica*, tradução italiana com prefácio e notas de D. Valbusa, 3 vols., Firenze, G.C. Sansoni, (reedição Florença, Eugenio Garin, 1968), vol. 1, pp. 339-340.
- WOODWARD, William Harrison, 1897, *Vittorino da Feltre and Other Humanist Educators*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 186, 249-250.
- ZIPPEL, Gianni, 1959, “Ludovico Foscarini ambasciatore a Genova nella crisi dell’espansione veneziana sulla terraferma (1449-50)”, *Bullettino dell’Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*, vol. 71, pp.181-255.

## **2. Estudos Críticos**

- ABEL, Eugenius, 1886, “Isota Nogarola”, *Vierteljahrsschrift für Kultur und Literatur der Renaissance* 1, pp. 323-355, 440-473.
- ARRIAGA FLORÉZ, Mercedes, 2013, *Isotta Nogarola, Quién pecó más Adán o Eva?*, edición y estudio crítico de [...], traducción castellana de Juan Aguilar González, Sevilla, Arcibel.

- ARIETI, Giovanni Sabadino degli, 1888, “De Isotta vergene da Nogarola”, RICCI, C. (ed.) *Gynevera de le clare donne*, Bologna, Romagnoli-Dall’Acqua, pp. 173-180.
- AVESANI, Rino, 1984, “Isotta e Ginevra Nogarola e la loro società dei letterati”, *Verona e il suo territorio*, 4 vol., Istituto per gli studi Storici veronesi, Verona, pp. 60-67.
- BERTOLOMEU MASIÁ, Maria José, 2007, “Transgredir aquellas reglas de silencio impuestas a las mujeres: Isotta Nogarola e Isabella di Morra”, *Lectora: revista de dones i textualitat*, N° 13, pp. 17-28.
- CAROLSFELD, H. Schnorr von, 1889, “Nogaroliana”, *Zeitschrift für vergleichende Literaturgeschichte und Renaissance-Literatur* 2, pp. 365-368.
- CASO, Ángeles, 2005, “La mujeres del humanismo”, *Las olvidadas, una historia de mujeres creadoras*, Barcelona, Planeta, pp. 97-118.
- CHIESA, Francesco Agostino Della, 1620, “Isotta Nogarola”, *Teatro delle donne letterate*, Mondavi, Giovanni Gislandi e Gio, Tomaso Rosi, p. 192.
- COX, Virginia, 2008, *Women's Writing in Italy (1400-1650)*, [Baltimore], JHU Press.
- FACHINI, Ginevra Canonici, 1824, *Prospetto delle donne italiane rinomate in letteratura dal secolo decimoquarto fino ai giorni nostri*, Alvisopoli, Venezia, p. 73.
- FENSTER, Thelma S., [2008], “Strong Voices, Weak Minds? The defenses of Eve by Isotta Nogarola and Christine de Pizan, who found themselves in Simone de Beauvoir’s situation”, *Strong Voices, Weak History: Early Women Writers and Canons in England, France and Italy*, Pamela Joseph Benson & Victoria Kirkham (ed.), Ann Arbor, University of Michigan, pp. 58-77.
- FERRI, Pietro Leopoldo, 1842, “Isotta Nogarola”, *Biblioteca femminile italiana, raccolta, posseduta e descritta dal conte Pietro Leopoldo Ferri padovano*, Padova, Tip. Crescuni, pp. 256-257.
- FRINZI, Carla, FRINZI, Giancarlo, 1980, “L’elegia di Isotta nogarola”, in *Vita veronese*, n. 33, marzo-april, pp.58-61.

- GARDENAL, Anna, 1994, "Isotta Nogarola", in ARSLAN, Antonia et al., *Le stanze ritrovate. Antologia di scrittrici venete dal Quattrocento al Novecento*, Ed Eidos, Milano-Venezia, pp. 4-14.
- GASPARINI, Giuseppina de Sandre, 2001, "Isotta Nogarola umanista, monaca domestica e pellegrina al giubileo (1450)", in RIGON, Antonio, *I percorsi della fede e l'esperienza della carita nel veneto medievale*, Poligrago, Venezia, pp. 133-154.
- GATTO, Ludovico, 2011, "Isotta Nogarola", *Le grandi donne del Medioevo*, Roma, Newton Compton.
- GEIGER, Ludwig, 1887, "Das Bild der Isota Nogarola", *Vierteljahrsschrift für Kultur und Literatur der Renaissance* 2, p. 109.
- GOTHEIN, Percy, 1943, "L'amicizia fra Ludovico Foscarini e l'umanista Isotta Nogarola (I)", *La Rinascita* 6, n°s. 32-33, pp. 394-413.
- HEINRICH, Gustav, 1887, "Opera", *Ungarische Revue*, 7, pp. 446-453.
- JARDINE, Lisa, 1994, "Isotta Nogarola (1418-1466)", *Italian Women Writers: A Bio-Bibliographical Sourcebook*, Edited by Rinaldina Russel, Westport, CT: Greenwood Press, pp. 313-323
- JARDINE, Lisa, 1983, "Isotta Nogarola: Women Humanists – Education for What?" *History of Education*, Nr. 12, pp. 231-244.
- KING, Margaret L., 1980, "Book-Lined Cells: Women and Humanism in The Early Italian Renaissance" in LABALME, Patricia (ed.), *Beyond Their Sex: Learned Women of the European Past*, New York and London, New York University Press, pp. 66-90.
- KING, Margaret L. 1994, "Isotta Nogarola", in RUSSELL, Rinaldina (ed.), *Italian Women Writers: A Bio-Bibliographical Sourcebook*, Westport, CT: Greenwood Press, pp. 313-323.
- KING, Margaret L. 2006, "Isotta Nogarola umanista e devota (1418-1466)", in NICCOLI, Ottavia (ed.), *Rinascimento al femminile*, Laterza, Bari-Roma, pp. 3-33.

- KING, Margaret L., 1978, "The Religious Retreat of Isotta Nogarola (1418-1466): Sexism and Its Consequences in the Fifteenth Century" in *Signs*, Vol. 3, Nr. 4 (Summer, 1978), pp. 807-822.
- KING, Margaret L., 1976, "Thwarted Ambitions: Six Learned Women of Italian Renaissance", *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, Nr. 59 (Fall 1976), pp. 280-304.
- KING, Margaret L. and RABIL, Jr., Albert (ed.), 1983, *Her Immaculate Hand: Selected Works by and about the Women Humanists of Quattrocento Italy*, Binghamton, N. Y., MRT, pp. 57-68.
- KING, Margaret L. & RABIL JR., Albert, 2004, "The other voice in Early Modern Europe: Introduction the Series", in NOGAROLA, Isotta, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by Margaret L. King and Diana Robin, Chicago, University of Chicago Press.
- LEUZZI, Fubini, 2005, "Isotta Nogarola e Arcangela Tarabotti. Alcune considerazioni in margine ad una recente pubblicazione di testi" in *Archivio Storico italiano*, vol. 163, n. 3, pp. 595-602.
- OLDFATHER, W. A., 1945, "Quotations from Hesiod and Euripides by Isotta Nogarola", *ibid.*, fasc. 3, p. 32.
- PARKER, Holt N., 2002a, "Angela Nogarola (ca. 1400) and Isotta Nogarola (1418-1466): Thieves of Language", in Laurie Churchill, Phyllis R. Brown, and Jane E. Jeffrey (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*, New York, Routledge, pp. 11-30.
- PARKER, Holt N., 1997, "Latin and Greek Poetry by Five Renaissance Italian Women Humanists", in Barbara K. Gold, Paul Allen Miller, and Charles Platter (eds.), *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*, Albany, State University of New York Press, pp. 247-286.
- PHILLIPPY, Patricia, 2006, "Strong Voices, Weak History: Early Women Writers and Canons in England, France and Italy" [review], in *Renaissance Quarterly*, vol. 59, number 1, spring 2006, pp.143-145.

- RIUS GATELL, Rosa, 1992, "Isotta Nogarola: una voz inquieta del Renacimiento", *Filosofía y género*, Org. Fina Birulés. Barcelona, Pamiela/Facultad. de Filosofía de la Universidad de Barcelona, pp. 65-91.
- ROBIN, Diana M, LARSEN, Anne R., 2007, "Isotta Nogarola", *Encyclopedia of Women in the Renaissance: Italy, France and England*, ABC-Clio, Santa Barbara – California, pp. 282-185.
- SAAS, Jean, 1752, "Nouvelles Remarques sur Isotta, femme sçavante d'Italie" in Antoine Gachet d'Artigny, *Nouveaux mémoires d'histoire, de critique et de littérature*, 7 vols. Paris, Debure, Vol. 5, pp. 28-48.
- SABBADINI, Remigio, 1886, "Isotta Nogarola", *Archivio storico italiano*, 4th ser. 18, pp. 435-443.
- SABBADINI, Remigio , 1885, "Notizie sulla vitae sugli scritti di alcuni dotti umanisti del secolo XV, raccolte da codici italiani - ... V. Isotta Nogarola ...", *Giornale storico della letteratura italiana* 6, pp. 163-164.
- SEGARIZZI, Arnaldo, 1904, "Niccolò Barbo, patrizio veneziano del secolo XV e le accuse contro Isotta Nogarola", *Giornale storico della letteratura italiana* 43, pp. 47-54.
- SMARR, Janet Levarie, 2005, "Dialogues and letter writing Laura Cereta, Isotta Nogarola, Helisenne de Crenne, Chiara Matraini", *Join the Conversation: dialogues by Renaissance Women*, University of Michigan Press, pp. 130-154.
- STEVENSON, Jane, 2010, *Women Latin poets: language, gender and authority from antiquity to the eighteenth century*, Oxford, Oxford University.
- UVA, Orazio d', 1904, *Un'erudita del secolo XV (Isota Nogarola) e la falsa leggenda de suoi amori*, Trani, V. Vecchi Tip. Edit.
- VILLANI, Carlo, 1995, "Isotta Nogarola", in *Stelle femminili*, La ginestra, Avelino, pp. 128-129.